

Essa rua tem história:

Memórias e sociabilidades da *Saul Elkind*

Bruno Sanches Mariante da Silva

Daniela Reis de Moraes

Talita Sauer Medeiros (*Orgs.*)



Essa rua tem história:
Memórias e sociabilidades da Saul Elkind

Organizadores

Bruno Sanches Mariante da Silva
Daniela Reis de Moraes
Talita Sauer Medeiros

Projeto Gráfico, Diagramação

Rei Santos

Foto capa

Daniela Reis de Moraes

120 páginas | Janeiro 2014

Londrina - Paraná

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos
da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

E72 Essa rua tem história: memórias e sociabilidade da Avenida Saul Elkind/ Organizadores, Bruno Sanches Mariante da Silva, Daniela Reis de Moraes, Talita Sauer Medeiros . – Londrina: Unifil, 2016. 120 p.: il.

ISBN 978-85-61986-66-7

Inclui bibliografia

1. Avenida Saul Elkind. 2. História de outras regiões 3. Memória Londrinense. I. Título. II Silva, Bruno Sanches Mariante da, Moraes, Daniela Reis de, Medeiros, Talita Sauer(Org.)

CDD – 363.69

Essa rua tem história:

Memórias e sociabilidades da Saul Elkind

Bruno Sanches Mariante da Silva
Daniela Reis de Moraes
Talita Sauer Medeiros (*Orgs.*)

1ª Edição
Londrina | Janeiro 2014

Patrocínio



Apoio



Índice

Prefácio

Uma avenida, tantas leituras..... 9

Introdução

Avenida Saul Elkind: de periferia a centro. Do centro a periferia.
(re)pensando o espaço urbano londrinense..... 13

Capítulo 1

Saul Elkind: de “ilustre desconhecido” à artéria da Zona Norte..... 21

Capítulo 2

Evolução urbana e tipologia arquitetônica da
Avenida Saul Elkind..... 31

Capítulo 3

Uma outra cidade? A Avenida Saul Elkind, o desenvolvimento
comercial e a ascensão social dos moradores
da zona norte de Londrina..... 43

Capítulo 4

A Saul é tudo!..... 59

Capítulo 5

Discurso e Reminiscências da Saul Elkind..... 83

Capítulo 6

Quando eu me chamar saudade:
representações do/no Cemitério Jardim da Saudade..... 101

Uma avenida, tantas leituras...

Sonia Maria Sperandio Lopes Adum¹

A presente publicação resulta de um projeto intitulado **“Essa rua tem história: memórias e sociabilidades da Saul Elkind”**, financiado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROMIC, da cidade de Londrina, que buscou realizar um inventário/registro da memória e das sociabilidades da Avenida Saul Elkind e de seu entorno.

No coração deste trabalho, sendo também o seu maior mérito, está a intenção de mudar a direção dos olhares, tão frequentes nos trabalhos realizados sobre a cidade de Londrina, do “centro” (“quadrilátero central”), para a “periferia” (“Cinco Conjuntos”). Os textos que compõem a obra trazem à tona diferentes dimensões (histórica, social, política, cultural e arquitetônica) dessa importante via que corta a região norte da cidade; a leitura do conjunto permite a visão de muitos elementos que

¹Profa. Dra. Sonia Maria Sperandio Lopes Adum
Historiadora, Doutora em História, Professora aposentada do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda).

compõem e dão identidade a esse pedaço da urbe: o intenso comércio, a feira, a feição rural, os “remansos visuais” e os “points”, as conversas nas calçadas, o traçado sinuoso, os cruzamentos diagonais, o cemitério, a fluidez mutante, a união entre o planejado e o improvisado...

Abre o cenário o texto de apresentação: **“Avenida Saul Elkind: de periferia a centro. Do centro a periferia. (re)pensando o espaço urbano londrinense”**, de autoria dos organizadores da obra, os historiadores Bruno Sanches Mariante da Silva, Daniela Reis de Moraes e Talita Sauer Medeiros, que apresentam a Avenida para o leitor e recuperam sua história, inserindo-a no complexo de bairros conhecido como Cinco Conjuntos e, numa perspectiva ainda mais ampla, no desenvolvimento da cidade de Londrina.

Outras dimensões emergem nos capítulos que seguem. As historiadoras Daniela Reis e Talita Sauer voltam à cena, a primeira, no capítulo **Saul Elkind: de “ilustre desconhecido” à artéria da Zona Norte**, faz uma reflexão sobre as representações construídas sobre o logradouro e analisa, neste mesmo contexto das representações, o movimento realizado pela avenida desde a “periferia” em direção ao “centro”; a segunda, com o texto **“Uma outra cidade? A Avenida Saul Elkind, o desenvolvimento comercial e a ascensão social dos moradores da zona norte de Londrina”**, e tendo como enfoque central as atividades comerciais ali desenvolvidas, fortalece com dados relevantes a perspectiva do movimento da via na direção de estabelecer-se como uma das centralidades da cidade de Londrina; um dos principais pontos de referência da zona norte da cidade, teve sua metamorfose acompanhada pela ascensão econômica e social de parte significativa da população ali residente.

No capítulo **“Evolução urbana e tipologia arquitetônica da Avenida Saul Elkind”**, o arquiteto Pedro Eduardo Botti desenvolve uma análise sobre esta via que destaca a presença, no seu traçado irregular, de uma continuidade do projeto original da Companhia de Terras Norte do Paraná, colonizadora de Londrina e região nos anos 30. Mas percebe, também, um distanciamento desse desenho quando se trata do modelo de parcelamento dos lotes; diferente da concepção inglesa de apartar organizadamente, já no projeto, os espaços da cidade e do campo, os conjuntos habitacionais e loteamentos contíguos à Avenida Saul Elkind seguiram as configurações dos lotes rurais, ainda identificáveis na sua formatação contemporânea. Pela perspectiva do arquiteto, a Avenida Saul Elkind, graças à sua gênese, porta atributos que a tornam única: o traçado sinuoso, os cruzamentos diagonais, definidos pelas antigas configurações dos lotes rurais, que criaram “remansos visuais”. Fazem parte do desenho desse espaço as antigas “casas populares”, antes no formato homogêneo de conjuntos habitacionais, agora ampliadas e alteradas que, muito além de indicarem um aumento do poder aquisitivo, revelam a criação de identidades entre moradores e moradias.

No Capítulo 4: **“A Saul é tudo!”**, as sociólogas Ana Cleide Chiarotti Cesário, Adriely Martini Oliveira e Grazielle Maria Freire Yoshimoto, utilizando categorias da Antropologia Urbana, apresentam uma etnografia da rua, um olhar “de perto e de dentro” que permite recuperar a dinâmica dessa avenida no presente, as regularidades e padrões dos usos e relações, cujo movimento e vivacidade emprestam feição à dinâmica urbana. O Capítulo 5: **“Discurso e Reminiscências da Saul Elkind”**, das mesmas autoras, completa a leitura da rua.

Aqui elas fazem uma incursão em memórias/lembranças de personagens que vivenciaram a rua no passado e/ou a vivenciam no presente; se afastam das conversas ocasionais que dão indícios da sua dinâmica no presente e se aprofundam em depoimentos mais densos para buscar e interpretar os sentidos atribuídos pelos personagens à Rua, ao Bairro e à cidade. Neste momento, além da economia e da política, emergem das reminiscências dos entrevistados outros lugares: a casa, o mundo privado e o bairro.

A cortina se fecha no capítulo 6, com o cenário desenhado pelo historiador Bruno Sanches Mariante da Silva no texto **“Quando eu me chamar saudade: representações do/no Cemitério Jardim da Saudade”**. Trata-se de um estudo sobre o Cemitério Municipal Jardim da Saudade, construído em 1984, localizado bem no centro da Avenida Saul Elkind e que conta hoje com mais de 32 mil sepultamentos, constituindo-se no maior cemitério da cidade de Londrina. A leitura do autor vai além da questão artística e arquitetônica presente nas estruturas tumulares e preza, sobretudo, as relações de identidades, de pertencimento e reconhecimento que são estabelecidas com ele; pensa-o inserido na consagrada expressão “patrimônio cultural”, quer dizer, não considera apenas seus elementos materiais, mas também os imateriais; na materialidade das sepulturas e da estrutura cemiterial podem ser identificadas leituras sobre a morte e a vida; sobre a memória e sobre a própria história da cidade.

Ao final resta dizer que a leitura desta coletânea é instigante, pois com toda sua diversidade de aspectos, temporalidades e ênfases, propicia a incursão no rico universo delineado pelas memórias, pelas práticas culturais, econômicas,

políticas e de identidades. Desvenda ao mesmo tempo em que registra para o futuro os elementos do patrimônio cultural – material e imaterial –, que conformam a experiência de homens e mulheres ao longo do tempo e que acabam por definir o perfil da rua, do bairro e da cidade.

Avenida Saul Elkind: de periferia a centro. Do centro a periferia. (re)pensando o espaço urbano londrinense

Bruno Sanches Mariante da Silva¹
Daniela Reis de Moraes²
Talita Sauer Medeiros³

O trabalho que se segue é o resultado do esforço de um ano de um projeto voltado à área de patrimônio cultural financiado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROMIC – do município de Londrina. O projeto “Essa rua tem história”: memórias e sociabilidades da Avenida Saul Elkind surgiu com a finalidade de realizar um inventário e um registro da memória e das sociabilidades da Avenida Saul Elkind e de seu entorno, valorizando o espaço e seus grupos sociais. No cerne dessa ideia está o desejo dos pesquisadores de descentralizar o olhar ao trabalhar a cidade de Londrina, expandindo geograficamente o campo de análise, deslocando o foco do centro – conhecido como “quadrilátero central”. Com uma equipe multidisciplinar, que contou com historiadores, cientistas sociais e um arquiteto, buscamos expandir o olhar sobre a cidade, trabalhando o patrimônio cultural e a memória imaterial da região da Saul Elkind de forma ampla,

¹Historiador, especialista em Patrimônio e Mestre em História Social (UNESP).

²Historiadora, mestranda em História Social (UNESP).

³Historiadora, especialista em Patrimônio e Mestre em História Social (UNESP).

observando suas várias dimensões: social, histórica, cultural e arquitetônica. Pensando a importância da avenida para os bairros que compõem aquela porção urbana a partir das dinâmicas de convívio entre os grupos lá estabelecidos, buscando compreender como se relacionam com o logradouro, se com ele se identificam e se mantêm relações de pertencimento com o espaço em questão. Desse modo, promovendo um inventário e um registro dessa importante região da cidade de Londrina,

Ao longo da pesquisa tornou-se notório o papel expressivo que a Avenida Saul Elkind foi assumindo na cidade, hoje seus arredores concentram uma considerável camada da população de Londrina, abriga uma gama de comércios e prestações de serviços e possui uma rica estrutura urbana com postos de saúde, hospital, mercados, lojas de varejos e shopping. Constitui-se na maior via comercial da Zona Norte, porém, sua importância transcende aspectos econômicos, a Avenida está profundamente relacionada às memórias da população local, pois se desenvolveu em paralelo com os moradores e com o conjunto de bairros “Cinco Conjuntos”; e está imbricada em suas histórias de vida. Este local, atualmente, concentra um intenso fluxo de pessoas e atividades comerciais, prestações de serviços e profissionais liberais, além de abrigar diversas formas de sociabilidades e fruição.

O complexo de bairros conhecido como Cinco Conjuntos⁴ – que corresponde a grande parte da região norte da cidade de Londrina – atualmente concentra a maior parte da população da cidade, ficando a frente do centro antigo da cidade⁵ e hoje desponta como uma das regiões que mais se destacam tanto no desenvolvimento socioeconômico, quanto habitacional, sendo que os seus imóveis encontram-se

no quadro dentre os mais valorizados do município. A força de consumo da população do local pode ser notada a partir da recente presença da Associação Comercial de Londrina - ACIL que instalou uma filial na principal avenida da região, a Avenida Saul Elkind. Segundo o presidente da Associação, o motivo que levou a presença da ACIL, se refere à forte atuação comercial e ao alto consumo dos habitantes, quase se comparando à dinâmica de um município independente⁶.

A Avenida Saul Elkind, sua maior artéria, corresponde ao “centro” de circulação comercial do complexo, estendendo sua importância para a região como um todo e também sendo usufruída pelos demais habitantes da cidade, que frequentam o logradouro em busca das ofertas do comércio, de serviços e de entretenimento. Pelo Decreto Executivo Nº 035, de 03 de fevereiro de 1981, foi determinado que:

Passa a denominar-se Avenida Saul Elkind a via pública que dá acesso aos conjuntos habitacionais, dentro das seguintes delimitações: Inicia na antiga estrada Londrina – Warta, junto à quadra 14 do Conjunto Habitacional Sebastião de Melo Cesar, segue na direção leste-oeste margeando os conjuntos Vivi Xavier, Parigot de Souza II e Newton Guimarães, do lado direito, tendo do lado esquerdo, o Jardim dos Estados e o Conjunto Parigot de Souza I.⁷

⁴Foram construídos inicialmente os conjuntos Aquiles Stenghel, João Paz, Semiramis de Barros Braga, Chefe Newton Guimarães, e Violim. Entretanto, no início da década de 1980 fora agregado mais um conjunto o Maria Cecília, demonstrando um perfil de forte expansão, sendo que desde o início dos conjuntos já extrapolavam a quantidade que ficara conhecida. Entretanto, nas pesquisas consultadas não há uma exatidão sobre quais seriam os bairros, muito menos os últimos que foram construídos já que o processo de elaboração acerca do complexo Cinco Conjuntos passou por diversas fases de construção. (Fonte COHAB-LD).

⁵O arquiteto Humberto Yamaki em seu livro “*Labirinto da memória: paisagens de Londrina*” faz uma explanação do que seria a organização inicial da urbe londrinense: “A planta inicial de Londrina – conhecida como “planta azul” – foi concebida pelo topógrafo russo Alexandre Razgulaeff em 1932. A cidade fora projetada como um tabuleiro de xadrez onde encontramos “no centro uma elipse tangenciada por uma avenida em diagonal que se lança pelo espigão” (YAMAKI, 2006, p.08).

⁶Fonte: Jornal da ACIL. A vida própria do Cinco Conjuntos. <http://www.acil.com.br/jornal-detalle/1177/903>

⁷Fonte: Prefeitura de Londrina – Estado do Paraná. Decreto Nº 035, de 03 de fevereiro de 1981.

A abertura desse logradouro está presente no planejamento inicial do complexo de bairros, popularmente conhecido como Cinco Conjuntos estabelecido e desenvolvido pela COHAB-Lda. Segundo a geógrafa Andréa Rodrigues dos Santos, em seu artigo sobre a feira livre que acontece tradicionalmente aos domingos na Avenida Saul Elkind, a Avenida “tinha por objetivo servir àqueles primeiros conjuntos habitacionais, localizados pela porção dos Cinco Conjuntos”⁸. Com a intensificação do comércio, reflexo do forte e acelerado crescimento do complexo, a popularmente referida “Saul” se tornou um centro comercial da região.

Assim, continuando na reflexão sobre as transformações do espaço urbano e compreendendo a importância da região dos Cinco Conjuntos, como uma área de destaque tanto no cenário demográfico, quanto econômico, nos ocuparemos aqui do contexto de construção desse complexo de bairros, como exemplo de uma nova ordem que se desenha na urbe e assim compreender como a Avenida Saul Elkind, junto ao espaço se desenvolveu e tomou a proporção significativa atual.

O Cinco Conjuntos teve seu início a partir de um projeto habitacional no final da década de 1970. O espaço fez parte de uma política de desenvolvimento de âmbito nacional promovida pelo Sistema Financeiro de Habitação - SFH, um programa do governo federal criado em 1964, que forneceu subsídios para a criação do Banco de Habitação Nacional - BNH, financiando a construção de casas por todas as cidades do país. A partir do BNH foi possível, no âmbito local, o desenvolvimento da Companhia de Habitação - COHAB, responsável por subsidiar a construção de habitações por toda periferia de Londrina.

⁸SANTOS, 2005, p.152

Segundo o geógrafo Victor Hugo Teixeira Martins em sua dissertação intitulada “Habitação, infra-estrutura e serviços públicos: conjuntos habitacionais e suas temporalidades em Londrina-PR”, as transformações ocorridas no meio agrário nas décadas de 1960 e 1970 em Londrina acabaram por provocar o êxodo rural. Londrina, sendo então a principal cidade do Norte do Paraná se tornou o caminho certo dessa população rural o que provocou um significativo aumento demográfico no meio urbano, movimento que podemos perceber na tabela abaixo:

Década	População Total	População Urbana	%	População Rural	%
1960	134.821	77.382	57,40%	57.439	42,60%
1970	215.576	156.352	72,53%	59.224	27,47%
1980	292.750	257.859	88,08%	34.891	11,92%
1991	381.474	355.347	93,15%	26.127	6,85%
1996	412.553	388.604	94,19%	23.949	5,81%
2000	446.822	424.573	95,02%	22.249	4,98%

Fonte: IBGE (2006); Prandini (1952) apud MARTINS, 2007.

O aumento populacional urbano de Londrina promoveu o déficit habitacional, pois, a maior parte das pessoas que saíam do campo e vinham para a cidade não possuíam condições para custear o aluguel ou a compra de um imóvel. Martins destaca que a partir dessa mudança conjuntural Londrina passa a ser ocupada por habitações irregulares, ou seja, surgem as favelas⁹ e com elas os problemas estruturais referentes

⁹Victor Martis esclarece que favelas são: “Aglomerados de moradias – barracos – de reduzidas dimensões, construídas com materiais improvisados (retalhos de madeira, folhas de zinco, latas, plásticos, papelão, telhas, etc.) distribuídos irregularmente em terrenos públicos ou privados tendo como elementos comuns à ocupação ilegal do solo, desprovidos de equipamentos sociais, contando com infra-estrutura precária”. (COHAB, 1983, p.5 – apud, MARTINS, Victor Hugo Teixeira. Habitação, infra-estrutura e serviços públicos : conjuntos habitacionais e suas temporalidades em Londrina-PR. Dissertação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, 2007, p. 81)

à urbanização, já que se trata de moradias sem condições adequadas como água encanada, esgoto, asfalto, iluminação entre outros fatores necessários para uma condição regular habitacional. Além disso, o autor faz um levantamento onde destaca a quantidade de 38 favelas em Londrina entre os anos de 1950 a 2000. Entretanto, é perceptível que a maior concentração dessas ocupações irregulares teve origem por volta das décadas de 1970 e 1980, o que contribui para um inchaço urbano de famílias carentes por moradia¹⁰.

A historiografia sobre a cidade de Londrina, que já compõe importantes trabalhos tidos como referência para a compreensão da ocupação da região norte do Paraná, no que diz respeito ao espaço urbano, manteve-se bastante restrita ao centro da cidade, ao espaço conhecido como quadrilátero central. Com poucas exceções para além do centro, encontramos alguns trabalhos sobre bairros-jardins, como o Jardim Shangri-la e Jardim Santos Dumont. Os cientistas sociais e geógrafos foram os que primeiramente se ocuparam de refletir sobre o espaço urbano, vivências e estruturas, em porções distantes do centro londrinense.

Assim, buscamos novas percepções sobre o urbano, desenvolvendo uma visão da cidade que não privilegie apenas suas áreas centrais e as formas de fruição já conhecidas, abordando uma região igualmente rica em cultura e história e que ainda conta com poucos estudos, sobretudo na área cultural. Desta forma, nos empenhamos em valorizar memórias, sociabilidades e identidades que quase sempre são esquecidas. Universalizando o direito à memória e à cidade, as identidades individuais e coletivas, e estimulando a percepção e participação dos moradores daquele espaço urbano no registro de suas expressões culturais como parte do processo de cidadania ativa.

O olhar para além das centralidades: caminhando para as margens.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento fez uma leitura dos espaços públicos a partir das concepções acerca das imagens contidas na cidade, compreendendo que, “assumir esta postura metodológica – a de atingir o ‘real’ através de suas representações - implica partir de determinado ‘corpus teórico’”¹¹. Neste sentido, a autora discute a representação, e a entende como um fator importante para a compreensão dos elementos, ditos monumentais, presentes na urbe, ou seja, uma sobreposição de elementos contidos no meio urbano, como explica a autora:

A representação deixa ver uma ausência, estabelecendo a diferença entre aquilo que representa (o representante) e o representado. Mas, ao mesmo tempo, a representação afirma uma presença daquilo que se expõe no lugar do outro [...]”¹²

Pesavento observa que cabe ao historiador possuir uma sensibilidade para que este possa atingir os sentidos presentes nas representações, desta forma, conseguindo “atingir esta inteligibilidade” e angariar instrumentos e questões de modo a interrogar as formas de relações sociais do mundo, e assim, alcançar uma nova concepção de conhecimento, segundo a autora, “*episteme*”, para a interpretação da história. Pesavento propõe que haja um resgate da “cidade através das representações, entendendo o fenômeno urbano como um acúmulo de bens culturais”¹³. Considerando o conceito de cultura a partir da concepção do antropólogo americano Clifford Geertz¹⁴

¹¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Vol.8, n.16, 1995, p.279-290, Rio de Janeiro. , p. 80).

¹²PESAVENTO, 1995, p. 281.

¹³PESAVENTO, 1995, P.82

¹⁴Geertz realizou longo trabalho etnográfico que culminou em sua obra mais conhecida “A interpretação das culturas” publicada pela editora LTC do Rio de Janeiro em 1989.

¹⁰MARTINS, 2007, p.83-84

,no qual este entendeu o termo como uma cadeia de significados estabelecidos socialmente de modo a conduzir o entendimento do modo de vida, a autora analisou esses bens culturais a partir da “leitura da cidade”, considerando que “as representações são parte integrante também daquilo que chamamos de realidade”¹⁵.

Prosegue Pesavento:

Isto se dá não só porque são matrizes geradoras de práticas sociais, como também porque demonstram um esforço de revelação/ocultamento dado tanto pelas imagens reais (cenários, paisagens de rua, arquitetura) como pelas imagens metafóricas (da literatura, pintura, poesia, discurso técnico e higienista etc.). (p. 280).

No que se refere ao surgimento das cidades, a autora entende a cidade como uma “realização muito antiga”, observa que foi nela que se acentuaram o advento daquilo que ficou conhecido por civilização:

[...] Mas é, sobretudo com o advento do capitalismo que se impõe a “questão urbana”, colocando diante do Estado a exigência de um *modus vivendi* normalizador do “viver em cidades”. Processos econômicos e sociais muito claros delineiam-se, transformando as condições da existência: concentrações populacionais, migrações rurais, superpovoamento e transformação do espaço assinalaram o crescimento e configuração das cidades.¹⁶

Em relação ao ponto central da discussão desse trabalho, vale ressaltar que embora a história ainda esteja caminhando para uma visão direcionada para a memória de grupos – especificamente os bairros, ou complexos deles –, na área da geografia encontramos estudos realizados sobre a disposição do “centro da cidade” ou “centros” de William Ribeiro da Silva¹⁷.

Tal prerrogativa de análise nos permite compreender a cidade de Londrina, segundo o autor, como um espaço urbano *poli (multi) cêntrico*, no qual toma como base conceitual os estudos sobre o “direito à cidade” de Henri Lefebvre. Como ressalta o autor:

Se os Centros Urbanos precisam ser entendidos levando em consideração o conjunto da estrutura urbana (Castells, 1975; 2000 [1972]), quando há o ganho de complexidade no tecido urbano, este termina por redefinir a centralidade de acordo com as lógicas da divisão social e territorial do trabalho. Assim, a cidade monocêntrica, onde a “área central” era o ponto de convergência geral, sofre mudanças, expressando maior complexidade, evidenciando e reproduzindo maiores diferenças socioeconômicas através dos processos de descentralização e recentralização com novas espacializações¹⁸

Silva problematiza sua pesquisa em torno do estudo de caso entre duas cidades, Londrina e Maringá. Enquanto a primeira se apresenta – segundo seu olhar – como uma cidade com centros polarizados, Maringá, por sua vez, apresenta uma concentração espacial que depende de sua área central. Desse modo, Silva elencou a partir de seus estudos três grandes centros em Londrina, sendo eles: as delimitações do quadrilátero central; os Cinco Conjuntos e por fim, a região próxima ao Shopping Catuaí. Todas essas áreas são consideradas, segundo o autor, não réplicas do centro principal, mas, ao contrário, são espaços, denominados de subcentros, que abrigam uma grande densidade demográfica e atividades independentes do centro institucionalizado. São áreas que possuem suas gênese relacionadas ao adensamento demográfico de áreas, podendo ou não, decorrer de processos de segmentação do tecido urbano.¹⁹

Nessa linha de raciocínio é possível pensar, ou pode-se pensar um desses centros como um estudo de caso acerca de um novo olhar sobre as fronteiras da cidade. Para isso, será de interesse da pesquisa considerar os Cinco Conjuntos como um marco de análise para nosso objeto de estudo.

¹⁵PESAVENTO, idem, p.281.

¹⁶PESAVENTO, 1995, p. 283

¹⁷SILVA, W. R.. A redefinição da centralidade em cidades médias. Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional. 2008. X Colóquio Internacional de Geocrítica. Diez Años de Cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. SILVA, 2008, p.23

¹⁸SILVA, 2008, p.23

¹⁹Idem, ibidem.

Silva compreende os Cinco Conjuntos como um *subcentro*, onde se permite enxergar características de desenvolvimento urbano no aspecto de centro. Conforme o autor:

[...], portanto, que não se tratam de miniaturas ou de réplicas do Centro Principal, mas sim, de uma nova forma espacial com heterogeneidade funcional, mas com especialidade socioeconômica. Comparecem em Londrina, sobretudo, na Zona Norte, com elevado grau de complexidade e em outras áreas de maneira mais tênues.²⁰

Esse grande destaque vem se dando nos últimos 10 ou 15 anos. Não há coincidência quando se percebe que o Brasil na última década experimentou um forte crescimento de sua classe média, ou seja, famílias com renda média de 2,300 reais²¹.

Dessa forma, nos basearemos nesses conceitos e leituras da estrutura urbana de Londrina para aprofundarmos os elementos que constituem - no âmbito identitário - a formação desse centro localizado na zona norte da cidade. Assim, a Saul Elkind enquanto ponto central desse subcentro se torna passível de observação e objeto de estudo para a história da urbe de Londrina. É de capital importância entender o espaço da cidade como um espaço de recorrentes (re) significações pelas diferentes leituras elaboradas pelos distintos grupos, estabelecendo, assim, identidades com a cidade conforme os cidadãos a usufruem. Conforme Adum ressalta: "(...) a partir dessa intervenção, os cidadãos (re) significam os diversos territórios do seu cotidiano e constroem suas identidades com a cidade (...)"²².

Na mesma perspectiva, a cidade se torna um objeto não só material, mas também, sociocultural, ou seja, suas relações e dinâmicas no cotidiano fazem com que a cidade se torne um espaço vivo de memórias, identidades e representações, como ressaltou Adum:

[...] Assim, o espaço não se apresenta como um elemento natural ou físico, mas, sobretudo, como um produto social, resultado histórico das disputas em torno da significação do território; disputa simbólica que é uma outra feição das disputas de poder na sociedade.²³

Partindo dessa concepção de espaço urbano - tendo em mente a ideia de Ítalo Calvino que nos diz que as cidades, como os sonhos, são feitas de medo e desejo²⁴ - queremos destacar que a opção em estudarmos as memórias e sociabilidade da Avenida Saul Elkind não se deu exclusivamente em razão de esta ser considerada um "centro", mas sim por convergir diversos olhares diferentes, múltiplas representações. Aqueles que moram em outras regiões da cidade talvez tenham uma imagem elaborada divergente daquela que os moradores dos "Cinco Conjuntos" possuem sobre o mesmo logradouro. Lembrando que, baseados em Roger Chartier, estamos entendendo representação:

São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza²⁵.

Optamos por dividir o trabalho por eixo temático, que aqui refletiram em capítulos deste livro: o primeiro eixo foi desenvolvido com o propósito de compreender os aspectos históricos da avenida, desde sua formação.

O segundo eixo dedicado às facetas urbanísticas da via que ganha ao longo de seus quilômetros diversos usos (residencial, comercial e industrial); o terceiro eixo destinou-se a compreensão das diferentes facetas sociais e sociabilidades presentes na Saul Elkind, visando

²³Idem, *ibidem*.

²⁴CALVINO, I. As cidades invisíveis. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi, 2a Edição. Companhia das Letras, 2006.

²⁵CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002. P.17.

²⁰Idem, p. 18.

²¹http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/82545_A+ASCENSAO+DA+CLASSE+MEDIA

²²ADUM, 2009, p.9

compreender as “manchas urbanas” em Londrina, suas formações, apropriações e redes de significância, um trabalho etnográfico que procurou interpretar a Rua nos seus diferentes usos: circulação, comércio/ serviços, moradia e sociabilidades; a quarta vertente concentrou-se na memória de moradores, comerciantes e frequentadores da Avenida Saul Elkind, as quais tivemos acesso por meio de entrevistas, através do registro dos depoimentos dos moradores perpassamos pelas lembranças que estes tem da Saul Elkind e dos Cinco Conjuntos, sua visão sobre aquela porção da cidade e refletimos sobre alguns lugares comuns quando se fala da Zona Norte: insegurança, política clientelista, uma paisagem diferente, um modo de vida diferente.

Através das entrevistas tivemos acesso às lembranças partilhadas pelos moradores, sua memória relacionada aos aspectos materiais e imateriais da cultura; o quinto eixo temático visou compreender a importância do comércio – e seus diversos tipos – para a avenida e, também, como uma possibilidade de ascensão social para seus moradores e demais londrinenses que lá trabalham e investem. Tratamos da mudança no perfil daqueles bairros na área dos Cinco Conjuntos entrecortados pela Saul Elkind, bairros que deixaram para trás seu caráter inicial de “dormitório” para moradores que em geral concentravam suas atividades no centro, e hoje assumiram um caráter estratégico para o desenvolvimento de Londrina. Absorveram um grande investimento financeiro que fez com que surgissem setores bastante fortes na região, como o comércio, a indústria, os serviços e o lazer.

A população que ali reside experienciou uma ascensão social e prosperou economicamente, fatores que aos poucos vem afastando a visão costumeira sobre a Zona Norte, estigmatizada por um longo período como um bairro popular, de periferia, distante e perigoso. Com uma mudança em seu perfil, atualmente é uma das regiões de Londrina mais procuradas para receber novos investimentos; por fim o sexto eixo temático destinou-se a investigar as relações sociais e as construções da memória

no maior cemitério da cidade de Londrina situado nessa importante avenida, o Cemitério Municipal Jardim da Saudade, localizado no coração da Avenida Saul Elkind. Construído em 1984, no bojo do desenvolvimento da região norte da cidade de Londrina paralelamente com o surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais na região. O compreendemos como um lugar de memória, uma coisa viva que mantém as lembranças de uma pessoa e/ou sociedade.

Através deste material produzido, nosso principal objetivo foi divulgar o Patrimônio Cultural material e imaterial londrinense, os aspectos históricos e as sociabilidades referentes às populações ligadas à Avenida Saul Elkind e aos bairros que a circundam, conhecidos como “Cinco Conjuntos”. Desta maneira, para disseminar o conteúdo produzido, realizamos oficinas. Uma oficina no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss e a outra no Centro Cultural Lupércio Luppi localizado na Avenida Saul Elkind. Atividades bastante relevantes, pois nos permitiram atingir tanto um público interessado pela pesquisa histórica e sociológica acerca do Patrimônio Cultural da cidade de Londrina, como aqueles cidadãos que se interessam pela história local, sobretudo, de seu bairro ou região. Além das oficinas, produzimos painéis compostos por textos e imagens que sistematizavam alguns resultados da pesquisa, este material foi utilizado em exposições itinerantes, que nos possibilitaram tornar o tema trabalhado mais conhecido na cidade como um todo a fim de buscar universalizar a reflexão e o olhar sobre a cidade. Por se tratar de exposição em lugares públicos e de grande circulação e gratuita, essa atividade nos permitiu atingir um público ainda maior, instigando-o a conhecer o Patrimônio Cultural londrinense.

Da periferia ao centro. A Saul Elkind e todo o seu entorno são, por pesquisadores e pelo poder público, vistos como um novo centro na cidade de Londrina, afluindo para essa região grande aporte de investimento e de pessoas. Projetos de revitalização e valorização do espaço urbano têm sido pensados por organizações não

governamentais e comerciantes. A propalada ideia de autossuficiência da Avenida corrobora tais percepções. De acordo seus frequentadores a Saul tem/é tudo, o polo da região norte da cidade e um logradouro fundamental para Londrina.

Do centro à periferia. O historiador francês Marc Bloch, uma referência no pensar a produção histórica, certa vez comparou o historiador a um ogro que fareja carne humana, pois para ele tudo onde haja presença humana é possível para o historiador estudar. Assim, estendemos a todos os cientistas humanos, tendo em vista que compreendemos que o olhar do pesquisador deve ser deslocado para os quatro cantos de uma cidade. As áreas nobres constroem determinado discurso sobre a cidade e sua história, mas assim como em qualquer pesquisa histórica é preciso investigar diferentes fontes. Para se contar a história de uma cidade, deve-se também inquirir as diversas porções do espaço urbano. As vivências e percepções sobre o desenvolvimento cidadão são experienciadas de formas diversas entre a população em seus lugares de vivência e convivência.

O que este grupo multidisciplinar entrega hoje à população londrinense é um pequeno passo para que as diferentes regiões da urbe sejam pensadas pela comunidade acadêmica, colaborando para o poder público reelaborar suas políticas públicas de promoção da cultura e valorização do patrimônio cultural, assim como aumentar e assegurar a autoestima de parcelas populacionais.

REFERÊNCIAS

- ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930/1960)** Dissertação em História. Assis: UNESP, 1997.
- BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos e Tânia Maria Fresca. **Reestruturação Urbana e Novas Centralidades: um estudo sobre a Zona Norte de Londrina – PR.** Bol. Geogr., Maringá, v.29, n.2, p.147-163, 2011.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis.** [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi, 2ª Edição. Companhia das Letras, 2006.
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações.** Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002.
- MARTINS, Victor Hugo Teixeira. **Habitação, infra-estrutura e serviços públicos : conjuntos habitacionais e suas temporalidades em Londrina-PR.** Dissertação. UEL 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** Estudos Históricos, Vol.8, n.16, 1995, p.279-290, Rio de Janeiro.
- SILVA, Willian Ribeiro da. **A redefinição da centralidade em cidades médias. Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional.** 2008. X Coloquio Internacional de Geocrítica. **Diez Años de Cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008.**

Capítulo 1

**Saul Elkind:
de “ilustre desconhecido”
à artéria da Zona Norte.**

Saul Elkind: de “ilustre desconhecido” à artéria da Zona Norte.

Daniela Reis de Moraes¹

A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. Massimo Canevacci

Avenida se caracteriza por um logradouro mais largo do que a rua e tende a ser um espaço de circulação de pessoas e automóveis. Entretanto, nem todo conjunto urbanístico possui uma avenida, mas é recorrente a sua presença na maioria. A este fato, encontramos diversas pesquisas relacionadas a esse dito logradouro, tanto no que se refere às áreas da arquitetura, geografia, antropologia quanto da história, o que nos leva a pensar como esse elemento urbano pode abrigar mais do que apenas um logradouro para a harmonia urbana. Desse modo, procuraremos enxergar por meio de estudos de uma avenida específica da cidade de Londrina as construções históricas de imaginário social e urbano, tomando como ponto de análise a Avenida Saul Elkind situada na região norte da cidade.

No meio acadêmico muito se produziu acerca das reflexões sobre o desenvolvimento da cidade de Londrina, desde a sua colonização, bem como discussões acerca dos aspectos políticos, étnicos, gênero, urbanísticos entre outros que contribuíram para uma considerável historiografia da região. Entretanto, observamos que ainda há uma ausência de pesquisas no que se refere às áreas periféricas da cidade.

Segundo Ulpiano T. Bezerra de Menezes: “a cidade é um artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado”.²

Desse modo, seguindo a perspectiva de Ulpiano, todo artefato é produto e vetor – ao mesmo tempo – das relações sociais. Tomando a cidade como artefato, o seu espaço permite que ela seja compreendida como resultado de suas relações entre grupos. Ulpiano apresenta o espaço urbano como um “*lugar de forças sociais*” e o percebe como uma imagem *constructa*, entendendo-o a partir de uma edificação humana. O autor poussa seu olhar sobre a cidade armado de questionamentos quanto à natureza dessa urbe a ser contemplada:

Qual realidade? Qual cidade? A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores e outros heróis (dos vilões), dos donos do poder, de ontem e hoje? Ou, conforme a fonte de informação, a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos portos oficiais, dos urbanistas, planejadores e tecnocratas? Dos habitantes? Quais? Do homem da rua e daquele que, com suas mãos a constrói, simples instrumento?³

A Avenida Saul Elkind se enquadra em um importante processo de desenvolvimento de Londrina, bem como hoje atua como uma das principais vias urbanas tanto sob o aspecto econômico quanto no bojo social de fruição de quem habita a região norte da cidade, se estendendo também para uma significativa parcela dos demais moradores do município que procuram no logradouro entretenimento, compras e serviços.

Inserida em um passado recente da região de Londrina, a avenida em questão não se encontra na moldura “pioneira” do município. É digno de nota que ao longo das produções historiográficas sobre a urbe londrinense houve um olhar voltado para a região central da cidade. Cabe lembrar que a avenida foi projetada junto aos conjuntos habitacionais da zona norte de Londrina, sendo inicialmente protagonizada por habitações e posteriormente passando por consideráveis transformações ao longo do tempo tomando um caráter mais voltado para o comércio. Desse modo, ao passarmos pelas reportagens relacionadas à Avenida Saul Elkind, as falas dos moradores estão ligadas, em sua maioria, com a ideia de prosperidade e essas

¹Historiadora, mestranda em História Social (UNESP).

²MENEZES, 1984, p.199.

³MENEZES, 1985, p.199.

são encontradas em diversas reportagens de diferentes periódicos, nesse trabalho nos cercamos de três jornais, o Folha Norte, de circulação local entre os anos de 2002 a 2008; Folha de Londrina e o Jornal de Londrina, sendo que apenas o primeiro fora extinto.

Tânia Regina de Luca destaca as mudanças “epistemológicas” na História, tal qual a História Nova, a Micro História e a Virada linguística a partir da terceira geração dos Annales os periódicos passaram a fazer parte do quadro de fontes para as análises nas construções históricas, estendendo, assim, o leque de fontes históricas e expandindo para novas possibilidades de reflexões acerca do trabalho do historiador. Em seu trabalho intitulado: *“História dos, nos e por meio dos periódicos”*, a autora avalia que os usos dos jornais nas pesquisas históricas ainda sofrem de algumas reminiscências positivistas, por isso, propõe na presente discussão, que os jornais deixem de ser apenas um elemento de constatação dos acontecimentos e passe a ocupar o papel central, como o próprio objeto da história.

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao instituir o jornal O Estado de São Paulo como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere ⁴.

Outrossim, Maria Helena R. Capelato em sua obra *“Imprensa e História do Brasil”*, alerta ao historiador que os periódicos não devem ser reportados como livre de intenções e discursos de poderes, apesar do texto jornalístico se mostrar aparentemente objetivo e imparcial, Capelato aponta que todo texto é uma fabricação dos acontecimentos. Assim, para a autora:

O historiador de hoje dessacralizou os fatos e sequer admite que eles são fabricados e não dados. Mais importante do que a “realidade dos fatos” é a maneira pela qual os sujeitos da história tomaram consciência deles e os relatam. (CAPELATO, 1988, p. 22).

Desse modo, trataremos as fontes jornalísticas como uma produção do imaginário social referente à Avenida Saul Elkind, nos debruçando, principalmente, para o modo com que a usufrui e a retrata. Em reportagem presente no jornal Folha de Londrina o comerciante Martinho Gonçalves abriu sua loja na Rua Lázaro José Carias de Souza, próxima à esquina com a avenida. Segundo seu depoimento, o comerciante hoje é proprietário de três estabelecimentos na região e diz:

Isso aqui é uma nova cidade. Tem farmácia, banco, hospital, somos bem servidos em transporte. Gosto muito daqui, me sinto bem, mas o que está faltando são mais indústrias e empregos para a região, além de maior segurança [...].⁵

Na fala do respectivo morador podemos perceber o destaque para a satisfação de morar na região, salientando sua relação com o espaço que mora, como por exemplo, quando enfatiza que a região “*é uma nova cidade*”, além de fazer exigências específicas para a região com o intuito de melhorá-la, a exemplo quando destaca a necessidade de mais indústrias e segurança. Ou seja, há uma preocupação de caráter desenvolvimentista não em relação ao município em geral, mas exclusivamente no que cerca a região norte. Neste caso, o entrevistado está se referindo ao complexo de bairros, Cinco Conjuntos.

Em outra reportagem recolhida no periódico de circulação local Folha Norte, encontramos em letras garrafais o título da reportagem que se referia: *“Plano Diretor: três novos centros para a cidade”*, a matéria circundou toda uma fala voltada para um novo planejamento urbano com objetivo de realinhar os centros da cidade.

⁴LUCA, 2005, p. 118.

⁵FOLHA DE LONDRINA, 2004 p. 6.

O então diretor presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina - IPPUL, João Baptista Bortolotti apresentou a ideia de três novos centros que já se destacavam na cidade e entravam no planejamento de reforçá-los, se tratava do centro antigo, que Bortolotti o retrata como “histórico” ; a região da Gleba Palhano, sobretudo pelo seu crescimento vertical e a intensa circulação comercial fomentada pelo Shopping Catuaí e a região norte da cidade, principalmente as áreas ligadas a Avenida Saul Elkind, segue Bortolotti: *“A Saul será o centro de uma nova cidade, onde as pessoas irão morar e trabalhar, se deslocando poucas vezes à área central”*.

É necessário apontar que essa fala parte do poder público, responsável pelo planejamento urbano de Londrina e que vem reforçar o caráter “independente” que a Avenida Saul Elkind atribui para a região.

Ainda sob a ótica das falas retiradas nos periódicos, os comerciantes da região, sobretudo, os proprietários de estabelecimentos localizados na Avenida Saul Elkind, compreendem a evolução econômica da região norte e do logradouro, mas, ainda, há algumas intempéries que necessitam de cautela, como afirma em entrevista Roberto Oliveira que possui uma farmácia no ponto “central” na avenida:

O proprietário da farmácia explica que existe apenas uma diferença no perfil da região quando comparada ao centro. O poder aquisitivo é menor, mas o movimento é grande e acaba compensando. Outro detalhe é a valorização do metro quadrado na Saul Elkind. “Hoje é uma das ruas mais valorizadas de Londrina. O metro quadrado é quase igual ao da avenida Higienópolis”, compara Oliveira.⁶

É interessante notar que o farmacêutico faz uma comparação da Avenida Saul Elkind com a Avenida Higienópolis, localizada na área central de Londrina atendendo um público com poder aquisitivo mais elevado. Buscamos então refletir sobre tal analogia, primeiramente compreendendo a origem do logradouro central.

O arquiteto Humberto Yamaki, em seu livro *“Labirinto da memória: paisagens de Londrina”* dedica um breve capítulo sobre o endereço, no qual retrata como *“Aristocrática Avenida Higienópolis”*. O autor descreve que em sua origem a avenida não fazia parte dos primeiros traçados urbanos, planejados para a cidade, mas que já fora anexada durante os diversos ajustes urbanísticos, ocorridos durante o desenvolvimento de Londrina. Ainda no mesmo capítulo, Yamaki chama atenção para o *“topônimo⁷ Higienópolis”*, em que explica se remeter à *“Cidade da Higiene”*, bem como a adesão do endereço por parte dos barões de café como destino de construções de casarões abrigando uma seleta vizinhança da elite londrinense. Assim, podemos notar ainda hoje alguns palacetes que ainda resistem ao tempo e ao “progresso” da cidade. Entretanto, ainda debruçados sobre a fala do comerciante da Saul Elkind, podemos compreender o porquê da alusão entre as avenidas. Nesse caso, o proprietário da farmácia procurou metaforizar a importância da Avenida Saul Elkind como um lugar “nobre” da região norte, sobretudo, no que se refere ao Cinco Conjuntos.

Esse discurso de progresso levou muitos empreendedores a depositarem seus planos na Avenida Saul Elkind, como por exemplo, o fato do empresário Valdir Gonçalves que em 2001 inaugurou o Cine Vitória no logradouro, segundo a reportagem o então proprietário do cinema apostava na força de consumo da região e por isso incentivava, a partir de promoções, a visita dos moradores ao seu cinema. Hoje, o estabelecimento não existe mais e em conversas com os moradores, muitos nem se lembram que um dia a Avenida Saul Elkind também abrigou um cinema.

⁷Chama-se o topônimo nome ou expressão usado para nomear um lugar, ou seja, um acidente geográfico (seja ele físico - Rios, serras, igarapés etc -, seja ele humano - cidades, bairros, ruas, praças, etc) Deste modo, o topônimo (ou signo toponímico) também é um nome próprio.

⁶ACIL, 2012, p. s/p



Figura 1: Jornal de Londrina. 03/07/2001 p.03. Seção Cinema.

Igualmente, outras comparações já foram inferidas à avenida da zona norte, como por exemplo, em um caderno especial lançado em 12 de dezembro de 1994 referente aos 60 anos da cidade de Londrina, foram 91 páginas destinadas a ovacionar o município e seus progressos alcançados. Nesse trabalho, duas páginas destacam o crescimento do complexo de bairros Cinco Conjuntos. Neste material já se considera ultrapassada a ideia dos primeiros cinco bairros que deram vazão para a formação do nome popular “Cincão”, outro fator que nos chamou atenção foi o destaque para o logradouro central da região: *Av. Saul Elkind, a “Avenida Paulista” do Cincão. “Imóveis supervalorizados e uma feira que atrai milhares de pessoas.”* Esse trecho se encontra como legenda de uma foto que retrata a referida feira. Além disso, a reportagem ainda enfatiza que no endereço:

Há postos bancários, supermercados, redes de farmácias, escolas de informática, lojas, bazares, bares, lanchonetes e restaurantes, um distrito policial, módulos policiais-militares, cemitérios, guarnições do Corpo de Bombeiros e uma feira aos domingos onde são comercializados de importados a produtos da terra.⁸

⁸Folha de Londrina. Caderno especial 60 anos de Londrina. 1994, p. 57.

É importante destacar que tal reportagem se encontra no contexto da década de 1994 e que mesmo sendo mais antiga do que as demais já apresentadas até aqui, o discurso de progresso não fora desvinculado tanto no que se refere aos jornais, quanto às falas dos moradores.⁹

Para Le Goff, a memória coletiva é posta em jogo, de forma importante, nas lutas sociais pelo poder:

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1996, p. 46).

Assenhorear-seda memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações dos indivíduos ou grupos que dominaram e dominam as sociedades. Os esquecimentos e silêncios da história dizem com profundidade de que forma a memória coletiva foi ou tem sido manipulada para atingir certos objetivos. Desta forma, antes que certos eventos caiam no esquecimento - pois jazem há muito tempo no silêncio do discurso oficial - é que as pesquisas acerca desta problemática têm seu valor. Portanto, compreende-se que a memória seria um elemento essencial da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades necessárias dos indivíduos e das sociedades atuais, já que estes se perdem na profusão de imagens e memórias da contemporaneidade.

Outra leitura acerca da memória coletiva está presente nas observações de Maurice Halbwachs no seu livro sobre, *“A memória coletiva”* no qual trabalha esta percepção de memória como um elo que envolve a(s) identidade(s) de um determinado grupo. No que se refere ao espaço da memória coletiva Halbwachs aponta:

⁹Ver neste livro capítulo 5: *Discursos e reminiscências da Saul Elkind*.

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem [...], não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio [...]. [...] Assim como se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva [...].

[...] Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável [...].¹⁰

Assim, a memória coletiva tem como um dos seus suportes materiais os monumentos, estes estão ligados “ao poder de percepção [...] das sociedades históricas”¹¹. Percepção é memória. Memória é registro. Registro é história. História esta que pode ser estudada a partir destes monumentos. Por meio do passado podem ser estabelecidas relações com a atualidade, mesmo porque acontecimentos sociais e políticos fazem parte da cultura de uma época e de uma população. Assim, as interpretações que cada um faz do passado tem grande influência do seu meio cultural. Através da análise de monumentos presentes na cidade, mostra que a história deixou de ser um mero relato e, que os elementos presentes no espaço urbano podem revelar disputas de poderes inseridos em um espaço e tempo histórico. Entretanto, cabe ressaltar que, o que ficou perenizado através de elementos calcificados suportam vozes que emitem uma determinada “memória coletiva”.

A partir da ideia de memórias de grupos e seguindo caminho oposto a Halbwachs, Michel Pollak analisou a memória como um elemento unificador de grupos, mas também, como um condutor de poderes. As memórias coletivas impostas e defendidas pelo trabalho de enquadramento são fatores importantes para se manter o tecido social e as estruturas institucionais de uma sociedade. O denominador comum dessas memórias intervém na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural.

Desta forma:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.¹²

A contribuição de Pollak acerca da memória coletiva se encaixa a partir do exercício da memória em grupo como uma espécie de “enquadramento da memória”. Desse modo, tal concepção do autor nos permite pensar o espaço Cinco Conjuntos como um aglomerado, não apenas de bairros, mas além, um conjunto de grupos que possuem suas interpretações do espaço em que vivem e assim, estabelecem e/ou “enquadram” suas memórias, fator esse gerador de conflitos e disputas entre o domínio das versões da história do espaço. O enquadramento nos leva para a reflexão do pluralismo da memória, essa por sua vez, não mais se enquadra em via única, mas coexiste com outras memórias, por hora se chocam ou até se correlacionam.

Contudo, esses enquadramentos de memórias e imaginários sociais, nem sempre estiveram presentes nas falas dos moradores da região. Na dissertação da geógrafa Cláudia Lima Esteves Alves a Avenida Saul Elkind aparece como um duro início para os moradores da região norte, segue o relato colhido pela autora:

[...] somente a Av. Saul Elkind era asfaltada: água faltava muito, e conseqüentemente tinham que buscá-la na mina. Quando chovia, as partes mais baixas enchiam de água e era um barro só, pois, as ruas do conjunto eram de terra [...]. Faltava água, asfalto, médico. Compra só na cidade. A casa tem problema de enchente. A água vem de três lugares e a boca de lobo não aguentava (DONA TEREZINHA).¹³

¹⁰ HALBWACHS, 1990, p.139.

¹¹ LE GOFF, 1996, p.526.

¹² POLLAK, 1989, p. 9

¹³ ALVES, 1991, p. 109.

Cabe ressaltar que a Avenida Saul Elkind, desde o início protagonizou a vida dos moradores do complexo de bairros Cinco Conjunto e região norte, seja como recorrência às primeiras necessidades de um saneamento e planejamento urbano ainda precário, seja como um elemento de orgulho e afirmação de identidade dos seus moradores.

Quando destacamos a nomenclatura popular “Cincão”, nos faz compreender como uma forma de transformar esse título de forma monumental, já que a partir dessa denominação se pode estabelecer como monumento. A partir do momento que percebemos como a população se apropria do espaço, da nomenclatura do meio e as relações que são estabelecidas entre os moradores da região, ora aparecendo sob o aspecto de valor positivo, ora negativo, bem como a imagem com que a população que não habita o espaço faz do mesmo. Desse modo, o que se percebe é que sendo um espaço de periferia e este se destacar como um lugar de diferentes valores, o complexo de bairros Cinco Conjuntos se mostra um monumento. Assim, o monumento torna-se documento, instrumento importante para entender a história de uma sociedade e sua relação com esta. Segundo Robert Musil os monumentos “(...) são erguidos para serem vistos, na verdade para chamarem a atenção” (MUSIL apud FREIRE, 1999, p.100). Estes são erigidos não apenas com o intuito de fazer lembrar, mas, muitas vezes, para apresentar à população suas recordações.

À luz do imaginário social acerca do complexo de bairros Cinco Conjuntos, sobretudo, à Avenida Saul Elkind, podemos perceber a partir da ideia abordada por Bronislaw Bazscko no texto “Imaginação social”, que o autor se refere às representações dos grupos e como esses são vistos e se veem, ou seja, a construção dessa visão pode ser elaborada tanto do olhar de fora para dentro, quanto do olhar de quem está imbuído no meio social. Ainda assim, tais perspectivas denotam, para o

autor, um jogo de poderes, não somente na intenção de oficializar um discurso, mas, sobretudo, na ação de querer construir uma imagem, essa por si já se configura o próprio poder na busca do imaginário. Desse modo, Bazscko confere:

(...) Ora, na legitimação de um poder, as circunstâncias e os acontecimentos que estão na sua origem contam tanto, ou menos, do que o imaginário a que dão nascimento e de que o poder estabelecido se apropria (...).¹⁴

Assim, o autor nos empresta as ferramentas necessárias para refletirmos a construção em torno da origem do nome do logradouro em questão. Referida como “a Saul”, entre os moradores da região e demais localidades, nos despertou a curiosidade de saber quem foi o “Seo Saul”.

Sob a leitura da obra “A voz do passado: história oral” de Paul Tompson nos direciona a ideia do uso de fontes orais como um meio rico de elementos para a compreensão de nosso objeto. Entretanto, Tompson atenta para o cuidado com tais “evidências orais”, sobretudo, a partir do seu arriscado cunho “fidedigno”. Quando se trata do uso de tal ferramenta o autor alerta que [...] *as fontes orais podem de fato transmitir informação “fidedigna”, tratá-las simplesmente “como um documento a mais” é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado.*¹⁵

No artigo “Desafios da História oral do século XXI”, Philippe Joutard reconhece o desenvolvimento da história oral enquanto ferramenta para as construções historiográficas, além de reforçar que o uso dessa natureza de fonte, ao longo do tempo, firmou seu papel de relevância na construção da ciência histórica, mas se mostra preocupado diante do desafio do uso dessa ferramenta e “*permanecer fiel à sua inspiração inicial*”. Entretanto, Joutard admite que o seu uso deva ser compreendido como algo delicado, perante a sua magnitude, segundo o autor:

¹⁴BAZSCKO, 1982, p. 310

¹⁵TOMPSON, 1992, p. 138

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (JOUTARD, 2000, p.33).

O autor enfatiza a relevância do uso da história oral como um meio de trazer à luz as questões antes colocadas à margem pela perspectiva da história positivista que não considerava os relatos como uma fonte histórica e coloca em “xeque” que: *“O que os historiadores positivistas consideram radicalmente como o ponto fraco do testemunho oral não apenas nos permite compreender melhor o “vivido” dos testemunhos, mas também conhecer os motores da ação”*¹⁶. Pois, segundo apenas as trilhas da escrita, podemos obscurecer agentes e/ou grupos silenciados pela oficialização arbitrária das fontes.

Ao passarmos pela avenida em busca desse objetivo, questionamos aos proprietários dos estabelecimentos inseridos no logradouro, a origem de seu nome, bem como os moradores da região e seus transeuntes, o resultado foi um quase completo desconhecimento. Entretanto, a maioria das falas, se reportam à outras versões, surgem histórias fantasiosas diante da biografia do endereço. Quando levantada a questão, o que mais se encontra é que o logradouro recebeu esse nome em detrimento à memória do *“primeiro morador da região”, “foi alguém que construiu a avenida, ou ajudou, né?”* ou *“uma pessoa muito importante para Londrina”,* entre outras versões que circundam o imaginário do pioneirismo da cidade. Ainda sob a luz de Joutard, mesmo que a população que usufrui o espaço não conheça a biografia toponímica do logradouro, o *“imaginário simbólico”* criado e (re)criado desse espaço de circulação tanto constrói a identidade da região, quanto a mantém viva e pulsante, mesmo que se reportem à meios do pioneirismo. Assim, nos valendo

das fontes jornalísticas, encontramos uma reportagem relacionada à biografia toponímica da Avenida Saul Elkind. Afinal, quem foi Saul Elkind?

Segundo fontes, Saul Elkind nasceu na Ucrânia em 1980, lutou na Primeira Guerra Mundial, contra os alemães. Casou-se em 1919 e durante a Revolução Comunista em seu país resolveu ir para o Brasil. A convite de um amigo, em 1925 partiu para o Peru e lá montou em sociedade uma empresa de importação e exportação, neste mesmo país, nasceram seus dois filhos. Segundo a reportagem sobre a sua biografia, David Elkind, filho de Saul relatou que durante a Segunda Guerra Mundial as tropas alemãs bombardearam o navio de seu pai, resultando na falência de seu negócio e logo após o evento, Saul Elkind ficou cego. Conta o filho que o pai voltou para o Brasil e foi morar no Rio de Janeiro, onde montou um negócio de reformas de estofados e móveis, se aposentou e em 1975 faleceu.

Em reportagem ao Jornal de Londrina, David Elkind conta que enquanto diretor do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem – DNRE na década de 1980 foi responsável pelo entorno urbano da atual rodoviária do município e por esse motivo o então prefeito da cidade Antônio Casemiro Belinati propôs nomear certa avenida na região norte de Londrina com o nome de David Elkind, mas, o mesmo achou melhor passar a homenagem a seu pai. Em fevereiro de 1981, pelo decreto nº 035, passa a denominar Avenida Saul Elkind a via pública que daria acesso aos conjuntos habitacionais dentro das delimitações da Warta até ao Conjunto Parigot de Souza I.¹⁷

A matéria do Jornal de Londrina intitula a notícia como *“Ilustre desconhecido”* e ainda reporta para as questões legislativas quanto às nomeações de ruas e aponta que em Londrina apenas a partir da lei Nº 7.631 de 1998 os nomes de ruas foram organizados e passaram a caber às decisões e avaliações do município, pois, antes,

¹⁶HALBWACHS, 1990, p.139.

¹⁷<http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?id=1392313>

os nomes eram decretados sem maiores avaliações. Neste caso, o então prefeito da cidade e responsável pela implantação do sistema habitacional em Londrina, procurou homenagear David Elkind como um “amigo da cidade”, sendo então, transferida para seu pai.

Em uma análise acerca da construção da imagem de pioneirismo em Londrina, sobretudo, refletindo ao conjunto monumental Memorial do pioneiro, inaugurado em maio de 2007, Sônia Maria S. Lopes Adum, elaborou uma discussão em torno da imagem do pioneiro e como este se torna um campo de poderes de mitos fundadores institucionalizados e legitimados pelo poder público. Assim, ao pensarmos essas questões em âmbito municipal, cabe aqui pensarmos a Avenida Saul Elkind como um espaço de poderes inseridos em um determinado contexto de Londrina.

A Avenida Saul Elkind já foi palco de diversos acontecimentos, como os comícios, comemorações e manifestações, bem como abrigou locais, hoje já extintos, a exemplo do *Cine Vitória*. Entretanto, ainda ocupa um importante espaço de fruição de quem mora na região norte. Aos domingos, a região recebe a tradicional Feira da Saul Elkind, um evento semanal que transforma a paisagem da avenida com sua diversidade de cheiros, sons, cores e sociabilidades. Notamos que ao longo da história da avenida, assim como, o desenvolvimento da região norte, principalmente ao que se refere o complexo Cinco Conjuntos, a Avenida Saul Elkind refletiu o crescimento da região, bem como ocupa um papel visceral para a população da região que circunda o logradouro, sendo motivo de orgulho e imagem de “superação” de um passado difícil, estigmatizado e marginalizado diante do quadro urbano de Londrina.

REFERÊNCIAS

- ADUM, Sonia M. S. L. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930/1960)* Dissertação. Assis: UNESP, 1997.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Vol 5 (Antropos). Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982.
- BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos e Tânia Maria Fresca. *Reestruturação Urbana e Novas Centralidades: um estudo sobre a Zona Norte de Londrina – PR*. Bol. Geogr., Maringá, v.29, n.2, p.147-163, 2011.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil – São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.*
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JOUTARD, Philippe. *Desafios da história oral do século XXI*. In: FERREIRA, Marieta,
- FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. (Orgs) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo – Editora Moraes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 4ª edição. Campinas: editora da UNICAMP, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanesi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *O museu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica de museu de cidade*. Ver. Bras. De Hist. São Paulo, vol. 5 nº 8/9, pp. 197 – 205. Set 1984/abril 1985.

Capítulo 2

**Evolução urbana
e tipologia arquitetônica
da Avenida Saul Elkind**

Evolução urbana e tipologia arquitetônica da Avenida Saul Elkind

Pedro Eduardo Botti¹

Avenida Saul Elkind, entre o planejamento e o acaso.

Observando o mapa de arruamento da Zona Norte de Londrina chama-nos a atenção o traçado irregular da Avenida Saul Elkind, principalmente em seu trecho mais a leste. Em princípio poderia se especular que este traçado revela uma ruptura com o traçado ortogonal da malha urbana original da cidade de Londrina e da grande maioria de loteamentos surgidos após a implantação do projeto original da Companhia de Terras. Mas uma análise do mapa da antiga configuração dos lotes rurais que compunham a zona norte de Londrina, e fotos aéreas anteriores à década de 1970 são esclarecedoras da configuração

da Avenida Saul Elkind. Pode-se observar, com clareza, que a estrada que deu origem à Avenida Saul Elkind foi projetada seguindo as condicionantes topográficas. Este fator topográfico acabou definindo a linha da estrada, assim como a configuração dos lotes rurais contíguos.

É notório que o padrão de parcelamento dos lotes rurais empreendidos pela Companhia de Terras baseava-se no traçado de uma estrada acompanhando o espigão, ou em outras palavras, a linha mais alta entre dois vales. Assim sendo, os lotes rurais estariam delimitados pela estrada rural em sua parte mais alta e pelo rio ou riacho em sua parte mais baixa. É fácil notar que a Avenida Saul Elkind está assentada no ponto mais alto entre os ribeirões Jacutinga e Lindóia. Outra forma de se constatar este assentamento no espigão é transitar pela avenida e observar os cruzamentos de ruas e constatar que estas estão em declive em relação à Avenida Saul Elkind.



Figura 1: Aerofoto (recorte) de 1974 onde se pode observar a Avenida Saul Elkind como estrada rural e a configuração de alguns lotes rurais que deram origem aos loteamentos conjuntos habitacionais. Acervo: IPPUL

¹Historiador e arquiteto com experiência junto aos programas de habitação popular.

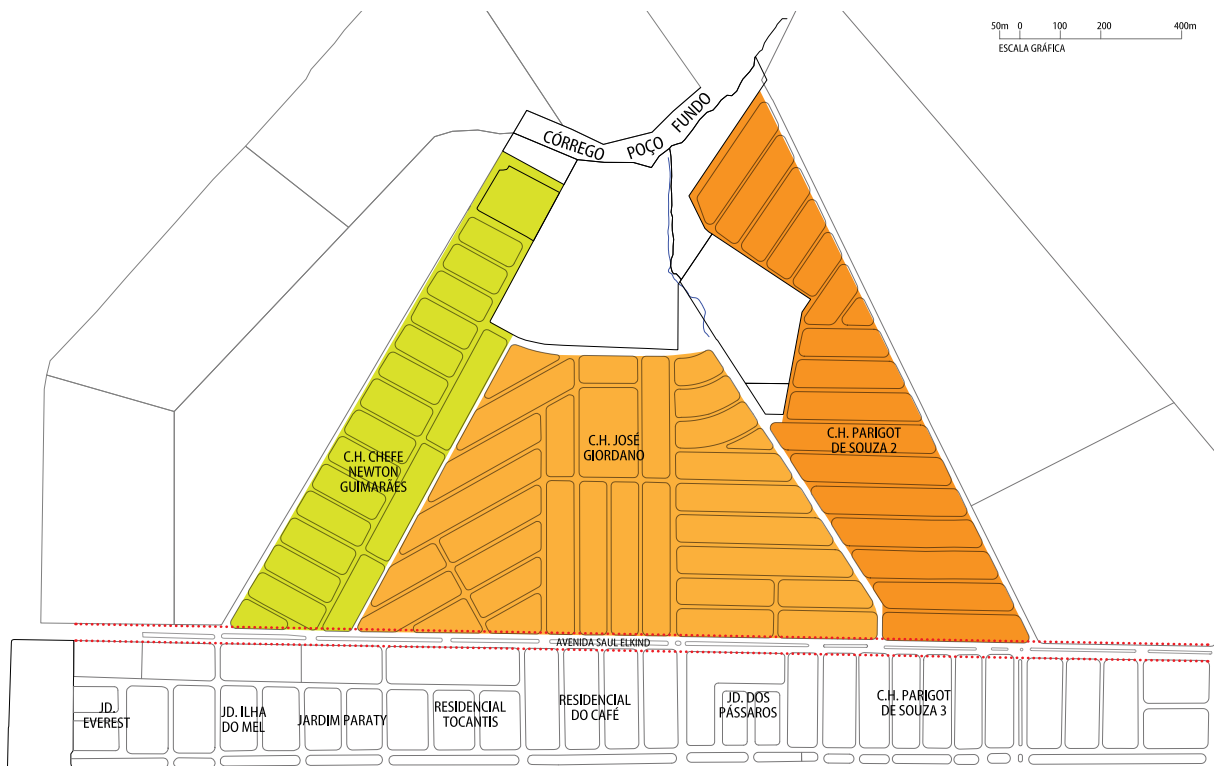


Figura 2: Mapa mostrando exemplo de configuração de lote rural que deu origem aos conjuntos habitacionais. 2013. Elaboração: Pedro Botti. Acervo do autor.

Se observarmos com mais atenção o traçado original da malha urbana projetada e implantada pela Companhia de Terras veremos que a ocupação com orientação pelo espigão também está presente no quadrilátero original da cidade, tanto pela estrada de ferro (que por uma questão técnica acompanha a curva de nível) quanto pela estrada de rodagem. A avenida Celso Garcia Cid traça uma linha oblíqua que corta o tabuleiro de xadrez, “endireita-se” no trecho da Avenida Paraná e segue em direção à cidade de Cambé, pela Rua Quintino Bocaiúva, acompanhando o espigão, em uma configuração quase paralela à via férrea. Mas se por um

lado o terreno em que se assentou o núcleo urbano inicial de Londrina constituía-se de um único lote, que permitiu o parcelamento em quadras ortogonais, o parcelamento dos conjuntos habitacionais e loteamentos contíguos à Avenida Saul Elkind, seguiram as configurações dos lotes rurais, resultando em uma colcha de retalhos mais ou menos irregular. Mesmo que estes loteamentos sigam um padrão de parcelamento apresentando uma malha de quadras e lotes baseados em um modelo de aproveitamento máximo, ainda é possível identificar a forma dos lotes rurais que deram origem aos loteamentos, sejam eles conjuntos habitacionais ou empreendimentos particulares.

Observando o mapa da evolução urbana das áreas contíguas à Avenida Saul Elkind pode-se fazer um paralelo entre a evolução da expansão urbana do núcleo central, em que pese uma extrapolação em todos os sentidos, prevaleceu uma ocupação mais acentuada no sentido leste-oeste em direção à cidade de Cambé. Também, no caso da ocupação da área ao redor da Avenida Saul Elkind, prevaleceu de forma ainda mais acentuada, a ocupação de leste para oeste, como se pode observar no mapa da evolução urbana.

A ocupação da Zona Norte, que ocorreu graças à implantação de vários conjuntos habitacionais no fim da década de 1970, deu-se inicialmente a partir da estrada que hoje denomina-se Rua Guilhermina Lahmann.

Segundo um funcionário da Cohab Londrina, os primeiros cinco conjuntos habitacionais, que acabaram por dar origem ao epíteto identificador, foram implantados a partir desta estrada, ao redor da Avenida Saul Elkind. Estes conjuntos seriam: Aquiles Stenghel, Luiz de Sá, João Paz, Semiramis de Barros Braga e Maria Cecília. Independente de haver divergência em torno destes “cinco conjuntos primordiais”, nota-se que poucos empreendimentos se estabeleceram, a partir daí, na porção leste. Diferentemente, o fluxo de ocupação seguiu a direção oeste, sentido cidade de Cambé, num movimento similar de expansão da malha urbana original de Londrina.

Fig.3: Mapa mostrando evolução da ocupação por décadas. 2013. Elaboração: Pedro Botti. Fonte: IPPUL. Acervo do autor.



Apesar da Av Saul Elkind seguir um traçado preexistente, que encontra ecos de um planejamento da década de trinta, sua concepção está calcada na primazia do veículo motorizado. Este modelo de avenida com canteiro central e caixa de rolagem larga (a avenida tem uma largura de 30 metros de alinhamento predial a alinhamento predial) apesar de já estar presente em avenidas de Londrina, como Higienópolis e Juscelino Kubistek, segue um padrão que foi, mais amiúde, implantado em cidades com projetos posteriores, como Maringá, Cianorte e Umuarama. Esta preferência pelo automóvel fica evidente quando se compara o espaço reservado ao pedestre e o espaço reservado ao veículo automotor. Vale notar também que a opção por uma via de mão dupla desconsidera um volume significativo previsto, não só na via principal, como nas vias que a interceptam. Quando o volume de tráfego tornou-se intenso, criou problemas de travessia e conversões, ainda que se tenha partindo para o uso de semáforos.

Observando-se a malha urbano contígua à Saul Elkind fica evidente a importância estrutural desta via. A Avenida Saul Elkind acaba por organizar o fluxo de veículos, principalmente dos conjuntos e loteamentos localizados a norte da via. Não é exagerado dizer que todos os caminhos acabam levando à Avenida Saul Elkind.

Este eixo organizador, pelas suas características, inicialmente como avenida projetada com a função estruturadora, acabou por concentrar, por razões óbvias, o grosso do comércio e serviços da zona norte. É possível dizer hoje, que estas características, de eixo organizador, local de comércio e serviços, local de passagem e lazer, dão à Avenida Saul Elkind uma importância que não passa despercebida pelos moradores que moram ao redor dela, a ponto de serem unânimes em afirmar que “a Avenida Saul Elkind é tudo”.

Espaço Planejado e Espaço Inusitado.

O traçado ortogonal, característico de cidades e espaços planejados de certo período, cria ruas e perspectivas lineares que se repetem e que, se não fosse por elementos arquitetônicos significativos ou locais abertos como praças e jardins, reproduz uma paisagem monótona e sem identidade. O maior exemplo desta monotonia é sem dúvida os conjuntos habitacionais, com suas casas e ruas milimetricamente ordenadas.

O espaço urbano pode e efetivamente é “lido” quando se transita pelas ruas, seja a pé, de carro ou outro veículo. As percepções estão condicionadas à velocidade com que se transita pelos espaços. Ainda assim, o espaço monótono, linear e sem pontos de interesse visual, tendem a ser confundidos com espaços similares.

Uma rua que se prolonga à nossa frente tem um impacto relativamente pequeno, porque o panorama inicial é rapidamente assimilado, tornando-se monótono. O cérebro humano reage ao contraste, às diferenças entre as coisas e ao ser estimulado simultaneamente por duas imagens – a rua e o pátio – percebe-se da existência de um contraste bem marcado. Neste caso a cidade torna-se visível num sentido mais profundo; anima-se de vida pelo vigor e dramatismo dos seus contrastes. Quando isto não se verifica, ela passa despercebida é uma cidade encaracterística e amorfa.²

A Avenida Saul Elkind, graças à sua gênese, proporciona muitos elementos que a tornam única. O traçado sinuoso, impõe ao pedestre ou motorista, uma leitura específica, que seja capaz de apreender todos os elementos que compõem a paisagem vislumbrada. Os cruzamentos diagonais, definidos pelas antigas configurações dos lotes rurais, criaram “remansos visuais” onde a caixa da rua se expande e permite visadas mais amplas. Estas situações, apesar de não planejadas, criam espaços mais ricos, gerando uma identidade visual fácil de ser caracterizada na leitura do pedestre ou motorista.

²Gordon Cullen, Paisagem Urbana, Lisboa, Edições 70, 1996, p. 9.

Outro aspecto, inerente à condição topográfica e densidade de ocupação dos lotes frontais à Avenida Saul Elkind, é a possibilidade de visão da *skyline* de edifícios do centro cidade de um lado (sul), e da lavouras do lado oposto (norte). Desta forma algo que não foi planejado ou almejado como intenção projetual, acabou por influir positivamente na composição da paisagem urbana.



Fig. 4: Imagem do skyline dos edifícios do centro de Londrina, permitida pela baixa densidade de ocupação, vista a partir do conjunto Vivi Xavier. 2013.
Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

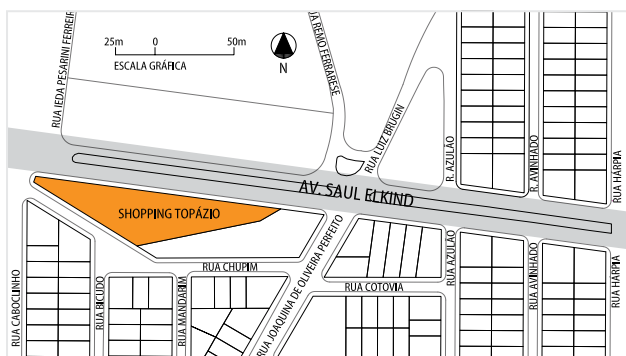


Fig. 5: Exemplo de desenho urbano definido pela configuração da estrada rural e lotes rurais, que proporciona paisagem inusitada e dinâmica. 2013.
Elaboração: Pedro Botti. Acervo do autor.

Aliada à questão do caráter visualmente dinâmico, proporcionado pelos “remansos visuais” e cruzamentos inusitados, é possível perceber, em um trajeto no sentido leste/oeste, que há um decréscimo de densidade de ocupação, o que, de certa forma pode ser percebido como sentido/direção da ocupação. Vale notar que esta percepção do sentido da ocupação, não está ligada a uma análise fria do mapa correspondente, mas à percepção espacial que o trajeto, na direção indicada, proporciona.



Figura 6: Exemplo de “remanso visual” - praça definida por diagonal contígua, sem obstáculos frontais. 2013.
Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 7: Exemplo de diagonal que define um “remanso visual” e permite a observação da skyline dos edifícios do centro da cidade. 2013.
Foto: Pedro Botti. Acervo do autor

A leitura desta paisagem urbana sofre a influência do dia e da hora. O fluxo de veículos e pessoas durante um dia de expediente difere do movimento, ainda que intenso, de uma tarde de domingo ensolarada, ou uma caminhada pela manhã, através da feira-livre.

“A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. ...Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.

Os elementos móveis de uma cidade, em especial as pessoas e suas atividades são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com os outros participantes. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles.

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, nunca deixam de modificar sua estrutura.”³



Figura 8: Espaço não linear que revela uma perspectiva mais dinâmica, com elementos que surpreendem o olhar. 2013.
Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

³Kevin Lynch, A imagem da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1980, p. 4.

A paisagem proporcionada pelos produtos têxteis expostos no cruzamento da Rua Caboclinho com a Avenida Saul Elkind, no domingo de feira-livre, fazendo contraste com as enormes palmeiras que pontuam o local, é ao mesmo tempo a imagem mais preta de significados e a tradução mais singela do caráter local e universal da rua em pleno uso.

A Avenida Saul Elkind, a exemplo do eixo comercial dos primórdios da ocupação da cidade de Londrina, cresce e se modifica num ritmo frenético. Esta estrutura mutante, faz parte de seu caráter de eixo organizador e aglutinador, lhe confere exclusividade e identidade.

Espaço Construído: Imposições e Interpretações.

A Avenida Saul Elkind firmou-se como referência da zona norte de Londrina, assim como o icônico epíteto de Cinco Conjuntos ou “Cincão”. A origem da ocupação da zona norte de Londrina está, de forma irretorquível, ligada à implantação de conjuntos habitacionais na década de 70 e 80. Mais de trinta anos após a construção dos primeiros conjuntos ligados à Av. Saul Elkind, tornou-se difícil identificar as casinhas padronizadas e alinhadas da época da implantação. Ampliações e alterações de toda espécie revelam, além de outras coisas, a necessidade de se criar um vínculo entre o morador e a moradia. A casa, que era só um número em uma rua, passa a ter identidade, passa a ter a cara do dono. O que se observa nestas interferências é uma interpretação da arquitetura praticada na própria cidade. Algumas vezes a intervenção é modesta e ainda pode-se ver a estrutura formal da “casa popular”, mas em muitos dos casos não é mais possível identificar o objeto original.

Caso recorrente que carrega uma carga simbólica significativa é o uso do arco em janelas e garagens. Apesar de anacrônico, em termos estruturais, quando se trata de pequenos vãos, o arco é uma forma de adoçar as janelas retangulares que faziam parte da casa padrão de conjunto habitacional.

A necessidade óbvia de se ampliar o espaço exíguo que constituía o projeto original é a motivação para a mudança e a possibilidade de se imprimir uma “cara própria”. Mas em outros casos, a contigüidade da via vai induzir à construção de um pequeno negócio, que aproveite a localização privilegiada. Neste caso, quando a função da ampliação é possibilitar um espaço de comércio, as soluções são geralmente simples e sem rebuscamento.

Quando se observa a projeção de ocupação da época da implantação, no caso específico do Conjunto Semiramis de Barros Braga, salta aos olhos, a série de retângulos alinhados, formando um mosaico estático. Quando se observa o desenho da projeção das construções, mais de uma década depois da implantação, vemos um aumento considerável da área construída e uma ruptura com o desenho contido do retângulo.

Outras inferências podem ser feitas, uma delas é a de que havia uma necessidade premente de ampliação da moradia, pelo fato dos compartimentos serem exíguos. Outro fato, facilmente perceptível é que o poder dos mutuários permitiu este investimento na ampliação da moradia, sugerindo uma faixa de renda razoável. Também é possível notar que a densidade de ocupação do lote torna-se maior quanto mais próximo está da Avenida Saul Elkind, demonstrando uma “estratificação” de renda.

Quando se trata de ampliações e interferências na moradia, nota-se uma tentativa de se recriar casas pequeno-burguesas, muitas vezes com soluções mais singelas. É desta forma, que entendemos estas interferências como uma interpretação de construções projetadas por arquiteto ou engenheiro. A solução de se suprimir o telhado de duas águas, com a linha da cumeeira paralela à lateral do lote, por um telhado voltado para a testada, além de romper com o modelo padrão de telhado da casa popular, tenta imprimir uma opulência digna de casa “classe média”.

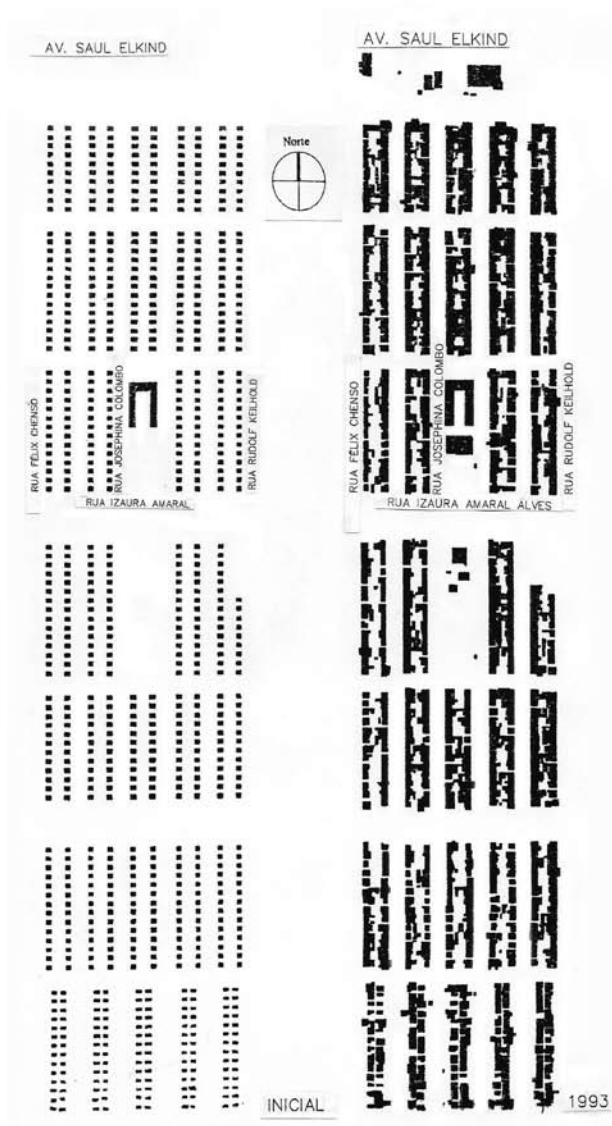


Figura 9: Fonte: PML e COHAB-LD. – Extraído do livro “Ruas Londrinenses”, Humberto Yamaki, 1995.

Mas, independente da qualidade da solução encontrada para a ampliação ou alteração da casa popular, o simples fato de alterá-la, cria um ambiente mais rico, quando se olha o conjunto das edificações alteradas, em contraposição ao conjunto habitacional padrão.



Fig. 10: Exemplo de interferência radical onde não se consegue identificar a casa original e o uso de cor intensa assim como o vizinho da direita. Novamente a solução da verga em arco numa evidente supremacia da forma sobre a função. 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

Vale notar, que outro fator determinante na ruptura da árida paisagem recém implantada dos conjuntos habitacionais é o papel fundamental da arborização, seja ela a regulamentar, que se estabelece no passeio público (calçada), assim como o que é plantado nos lotes. A casa pintada de cor laranja, com um pé de jabuticaba no recuo frontal, faz toda a diferença.



Figura 11: Casa de conjunto habitacional com pequena alteração no projeto original, acrescida de uma garagem e pintada com uma cor intensa, contrastando com a cor original predominantemente branca. Notar a solução em arco do espaço da garagem. 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 12: Outro exemplo de uso de cor intensa e do uso do telhado em um único plano voltado para a testada do lote (casa verde). 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

Referindo-se à Avenida Saul Elkind um frequentador do local mencionou o termo “shopping a céu aberto”. Em que pese o evidente exagero ufanista, observam-se duas situações bem definidas: Por um lado a ampliação da residência, a fim de se estabelecer um comércio, criando-se um anexo frontal, que em grande parte das vezes, assenta-se sobre o recuo, e de outro lado, os estabelecimentos projetados como tal, que seguem um padrão quase espartano de uso de poucos elementos decorativos.



Figura 13: Exemplo de estabelecimento comercial despojado, constituído a partir de ampliação da casa popular sobre o recuo frontal. (Conjunto Vivi Xavier). 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 14: Construção recente de estabelecimento comercial que segue estética de "loja de shopping center". 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 15: Mais um exemplo de construções recentes, onde fica evidente a estética de "loja de shopping center". 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

Analisando estes estabelecimentos comerciais formais e comparando-os com o layout das lojas dos shoppings da cidade, percebemos uma similaridade nítida. O despojamento formal e o pano de vidro na parte de baixo, é o aspecto comum entre estes dois exemplos. (Figuras 14 e 15).

No entanto, a característica mais marcante é a evidente criação de um anexo frontal que, via de regra, vai sendo alterada, aprimorada, para fazer frente aos estabelecimentos mais sólidos em termos de aporte de capital. Outra analogia que se poderia fazer entre um shopping e a Avenida Saul Elkind é a manutenção, quase precisa, de um gabarito de edificações.



Figura 16: Gabarito baixo e dinâmica formal, caracterizam o eixo comercial da Saul Elkind. 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 17: Raro exemplo de manutenção da "casa popular" no eixo mais intenso de comércio da Avenida Saul Elkind. Ao lado, a edificação típica de comércio, com a ocupação do recuo frontal. Conj. Habitacional Sebastião de Melo Cesar. 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.



Figura 18: Aspecto dinâmico da Avenida Saul Elkind, esquina da Rua Caboclinho com a Rua Chupim, num domingo de feira-livre. 2013. Foto: Pedro Botti. Acervo do autor.

Contrariando o termo carinhoso de “shopping a céu aberto”, a Avenida Saul Elkind apresenta uma estrutura e uma estética muito mais rica e dinâmica do que um shopping. Apresenta o planejado e o improvisado, o despojado e o suntuoso, além de uma fluidez mutante que nenhum shopping consegue por em prática.

REFERÊNCIAS

- CHOAY, Françoise. O urbanismo. São Paulo. Perspectiva. 1979.
- CULLEN, Gordon. A paisagem urbana. Lisboa. Edições 70. 1996.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo. Martins Fonte. 1980.
- YAMAKI, Humberto. Ruas Londrinenses. Londrina. 1995.

Capítulo 3

**Uma outra cidade?
A Avenida Saul Elkind,
o desenvolvimento comercial e
a ascensão social dos moradores
da zona norte de Londrina.**

Uma outra cidade?

A Avenida Saul Elkind, o desenvolvimento comercial e a ascensão social dos moradores da zona norte de Londrina.

Talita Sauer Medeiros¹

A Avenida Saul Elkind tornou-se um dos principais pontos de referência da zona norte de Londrina. Sua importância ultrapassa os limites viários, a avenida concentra uma extensa rede de estabelecimentos comerciais e serviços, além de oferecer opções de lazer aos moradores da região. A rápida expansão urbana da zona norte através da construção dos conjuntos habitacionais, loteamentos, implantação e diversificação da infraestrutura, meios de comunicação e serviços bancários possibilitaram a formação de um forte mercado consumidor. À medida que a zona norte foi crescendo, a avenida também foi se estendendo e atraiu os comerciantes de outras regiões, que viram na Saul uma promessa de prosperidade. Hoje é a principal via comercial da região e sintomática de um fenômeno característico do desenvolvimento das cidades médias: a policentralidade. Algumas concentrações comerciais surgem de forma planejada como os shoppings centers, outras se formam de maneira espontânea a partir de áreas periféricas com concentração de população de baixo poder aquisitivo, como a Avenida Saul Elkind. Formando núcleos secundários comerciais e de serviços para além do centro principal da cidade. Hoje a Saul Elkind em toda sua extensão traz surpresas e uma infinidade de oportunidades, é nela que os moradores encontram suas opções de compra e lazer. Está repleta de pequenas lojas de confecção, grandes

magazines, bares, lanchonetes, templos, igrejas e pequenos ambulantes. Uma via comercial que coloca a disposição da população os mais variados tipos de produtos, trazendo conforto para os moradores da região norte que não precisam mais se deslocar para o centro para fazer suas compras. O desenvolvimento desse subcentro permite que a zona norte caminhe atualmente quase de forma independente.

A formação de um subcentro se dá por uma série de fatores, dentre eles o comércio. Este será o foco principal deste capítulo, assim como, a ascensão social e econômica dos moradores da zona norte, fator determinante para a formação de um significativo mercado consumidor na região. Para a realização desse trabalho tomamos como fonte pesquisas teóricas que discutem a centralidade urbana, o desenvolvimento da zona norte e do comércio em Londrina, notícias da imprensa escrita, em especial dos jornais Folha Norte, Folha de Londrina e Jornal de Londrina, pesquisas de campo na Avenida Saul Elkind e em suas redes comerciais, assim como, entrevistas com moradores e comerciantes locais.

Como parte da estrutura urbana, o comércio exerce um papel importante nas cidades. É um setor de atividade que gera muita renda, colocando em dinâmica a economia das cidades, criando empregos e proporcionando a troca, o encontro e a diversão.²

A forma como se deu o desenvolvimento da zona norte da cidade de Londrina é bastante interessante, uma área cuja ocupação estava inicialmente vinculada a projetos de conjuntos habitacionais destinados a pessoas de baixa renda. Todavia, com as pessoas lá estabelecidas surgiram uma série de relações, dinâmicas sociais e demandas estruturais para além da moradia. Dessa forma, aos poucos a zona norte foi desenvolvendo uma grande estrutura comercial e de serviços destinadas aos que ali residiam, a valorização gradativa dos terrenos na

¹Historiadora, especialista em Patrimônio e História e Mestre em História e Sociedade.

²BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. Reestruturação Urbana e Novas Centralidades: um estudo sobre a Zona norte de Londrina –PR. Bol. Geogr., Maringá, v.29, n.2, 2011, p. 140.

região e os investimentos de grandes redes comerciais propiciaram uma metamorfose na região, com uma grande expansão e um considerável desenvolvimento que fizeram com que a zona norte tenha hoje um aspecto e características bem diferentes do que em seu início:

Com gênese na década de 1930, a cidade de Londrina passou por um rápido crescimento urbano, intensificado na década de 1970 atrelado às mudanças estruturais no território brasileiro via industrialização e modernização do campo e êxodo rural. Neste período, a atuação do Estado foi intensificada em virtude dos intensos fluxos migratórios que se direcionavam para a cidade e dezenas de conjuntos habitacionais começaram a ser produzidos em todas as direções da cidade. A zona norte de Londrina emergiu neste contexto, direcionada a abrigar a população que chegava à cidade, esta porção da cidade passou a receber os gigantescos conjuntos habitacionais produzidos pela Companhia de Habitação de Londrina (Cohab-Ld) por intermédio na política federal de produção de moradias para a população de baixo poder aquisitivo através do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e Banco Nacional de Habitação (BNH). Após a construção dos conjuntos habitacionais e a dotação de infra-estrutura o solo urbano na zona norte foi fortemente valorizado e esta porção da cidade passou a ser alvo dos investimentos de capital privado em loteamentos e atividades industriais, comerciais e prestadoras de serviços. Nos dias atuais, a zona norte concentra um forte mercado consumidor de diferentes níveis sócio-econômicos.³

“Uma cidade dormitório”. A constituição da zona norte e seu desenvolvimento comercial.

Nos anos de 1935, a cidade de Londrina possuía 700 casas, porém, em 1936 a cidade já abrigava 1.120 moradias⁴, desencadeando uma expansão da malha urbana sobre áreas rurais. Com um grande aumento da população urbana, a cidade se expandiu em todas as suas direções, porém, havia diferenciações socioeconômicas entre os ocupantes de cada região. “Ao sul da cidade

estavam os terrenos mais caros, reservados para a população de maior poder aquisitivo. Ao norte, os terrenos eram mais baratos, devido à proximidade com a rodovia, sendo destinados à população de baixo poder aquisitivo.”⁵

Com a chegada de imigrantes, a partir de 1940 a falta de moradias na cidade tornou-se crescente. Isso se deu por uma aceleração no movimento migratório no país, que se acentuou ainda mais nas décadas posteriores. Fenômeno decorrente de fatores como a expansão da mecanização nas atividades agropecuárias, que impulsionou um grande êxodo rural em todo o território brasileiro.⁶

Desta forma, Londrina até o final da década de 1960 cresceu rapidamente, um crescimento físico-territorial alavancado principalmente pela iniciativa privada através da comercialização de lotes urbanos. O capital privado esteve presente no desenvolvimento de Londrina, desde seus primeiros anos, tanto pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), como pelos pequenos proprietários rurais que viram uma oportunidade de lotear e vender parte de suas terras em decorrência de uma demanda de consumo devido à falta de moradias na cidade naquele momento, ou ainda pela criação de empresas loteadoras com diversas origens de capital, que promoveram a implantação de loteamentos, ampliando ainda mais a área urbana.

Inúmeras transformações afetaram a cidade a partir da década de 1970, momento no qual o afluxo de populações vinda do campo se intensificava. Gerando um rápido crescimento populacional urbano que agravou ainda mais as condições de oferta de moradia e articuladamente às tendências nacionais, este período foi marcado em Londrina pela forte atuação do poder público local, que implementou projetos de moradia destinados à população de menor poder aquisitivo, construindo diversos conjuntos habitacionais.

³BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. *Ibidem*, p.143/144.

⁴Cf. SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. (Re) Distribuição da população, economia e Geografia do consumo e dos níveis de vida. In: O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.212.

³BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. *Ibidem*, p. 140. 40.

⁴Cf. BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. *Ibidem*, p.143/144.

Segundo Tânia Maria Fresca (2002) a política habitacional comandada pelo poder público local teve início efetivo a partir de 1970, marcada pela atuação da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD) criada em meados dos anos de 1960. Conforme a demanda por habitações aumentava, ocorria um crescimento da malha urbana em todas as direções da cidade, principalmente em sentido norte. Esse direcionamento se deu como estratégia do poder público local, que optou por instalar os conjuntos habitacionais naquela área, distante do centro da cidade e com grandes áreas vazias entre os conjuntos e a então malha urbana. Antevendo que com futura instalação de infraestrutura e implantação de equipamentos de consumo coletivo os espaços vazios deixados entre os conjuntos habitacionais e o restante da cidade seriam preenchidos e se daria uma valorização futura da área.

A COHAB-LD iniciou suas atividades construindo os conjuntos habitacionais em Londrina com recursos oriundos do Banco Nacional de Habitação (BNH); durante a década de 1970 construiu 30 conjuntos habitacionais, dos quais 11 destes conjuntos entregues à comunidade se localizavam na direção norte da cidade. Foi um período de construção de enormes núcleos habitacionais em Londrina como o Parigot de Souza I e II com 1.170 unidades, o João Paz e o Semíramis com 814 unidades, o Aquiles Stenghel e o Vivi Xavier com 1.000 unidades cada.⁷

Nos anos de 1980, a expansão urbana de Londrina ainda era significativa e a construção de conjuntos habitacionais continuava intensa na zona norte. Além dos conjuntos habitacionais, outra iniciativa que contribuiu para a expansão da área foi a construção de loteamentos da iniciativa privada implantados nos vazios deixados entre a malha urbana e os novos conjuntos da década de 1970. Loteamentos que em sua maior parte tinham como público alvo uma população de médio poder aquisitivo. Neste período, houve um aumento dos conflitos sociais em torno da moradia, pois, uma parcela da população

não tinha condições de adquirir uma casa de conjunto habitacional ou loteamento, aumentando o número de favelas e ocupações irregulares.⁸

O fenômeno da verticalização da cidade marca as mudanças físico-estruturais da década de 1980, período no qual houve um significativo aumento da verticalização na cidade de Londrina, principalmente na área central. A partir dos anos de 1990 até o ano 2000, houve uma dispersão dos conjuntos habitacionais que se expandiram para todo o entorno da malha urbana, nos sentidos leste, oeste, sul e uma concentração maior na porção norte. Porém, a zona norte recebeu investimentos privados na construção de residenciais destinados à classe média, desencadeando também ali um processo de verticalização. O processo de expansão urbana prosseguiu em Londrina nas primeiras décadas dos anos 2000 Londrina, via abertura de loteamentos, verticalização, ocupações irregulares e conjuntos habitacionais, este último em menor escala se comparado às décadas anteriores.

Os moradores dos “Cinco Conjuntos” em seu início eram formados por um grupo bastante heterogêneo, trabalhadores de várias origens e profissões que se instalaram distante do centro da cidade, em sua gênese a infraestrutura dos conjuntos habitacionais era falha, impondo aos moradores diversas dificuldades e compelindo-os a constantes reivindicações de melhorias nas condições de vida. Essa população que se concentrava nos conjuntos foi trabalhar principalmente no setor terciário da economia⁹ que absorveu boa parte dessa mão de obra.

⁸Cf. BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos. O olhar do turista da Zona norte de Londrina – PR. RA'GA. Departamento de Geografia – UFPR, n.º 21, Curitiba, 2011, p. 145.

⁹Cf. SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. Op. Cit., 2002.

A economia de um país pode ser dividida em setores (primário, secundário e terciário) de acordo com os produtos produzidos, modos de produção e recursos utilizados. Estes setores econômicos podem mostrar o grau de desenvolvimento econômico de um país ou região. O setor primário está relacionado à produção através da exploração de recursos da natureza. O setor secundário é o setor da economia que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário) em produtos industrializados (roupas, máquinas, automóveis, alimentos industrializados, eletrônicos, casas, dentre outros). Já o setor terciário é o setor econômico relacionado aos serviços. Os serviços são produtos não materiais que pessoas ou empresas prestam a terceiros para satisfazer determinadas necessidades. Como atividades econômicas inseridas nesse setor estão: o comércio, a educação, a saúde, telecomunicações, serviços de informática, seguros, transporte, serviços de limpeza, serviços de alimentação, turismo, serviços bancários e administrativos, transportes, dentre outros. Este setor é marcante nos países de alto grau de desenvolvimento econômico. Quanto mais rica é uma região, maior é a presença de atividades do setor terciário.

⁷FRESCA, Tania Maria. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. Geografia. Volume 11 - Número 2 - Jul/Dez. 2002. p. 247.

Segundo Milton Santos e Maria Laura Silveira (2002), seguindo uma tendência nacional, pois em todos os estados da federação teria ocorrido uma verdadeira explosão no setor terciário entre os anos de 1960 e 1980, além de um crescimento significativo do trabalho informal. Os moradores da zona norte em geral trabalhavam em outras áreas da cidade, retornando para o seu bairro apenas no final de cada expediente, isso propiciou com que a zona norte fosse chamada de “cidade dormitório”, já que os moradores em sua maioria desenvolviam suas atividades de trabalho em locais distantes de suas moradias.

É notório que a organização social perpassa pela ocupação dos espaços urbanos, em geral a população com uma maior renda ocupa áreas melhores e mais vantajosas. Portanto, é relevante lembrar que moradias como os conjuntos habitacionais caracterizados pela construção de centenas de casas populares com o mesmo padrão constituiu uma alternativa de moradia para as classes sociais mais baixas, não obstante, uma classe trabalhadora que possuía renda e como comprová-la.

A população que enxergou nos conjuntos habitacionais da zona norte uma possibilidade para adquirir sua casa própria e se sujeitou a morar em locais com uma infraestrutura débil, procurou organizaram-se em associações de bairro, o que fez com que aos poucos conseguissem do poder público as estruturas urbanas necessárias para uma vida menos árdua. Com uma melhoria na infraestrutura da região iniciou-se uma relativa alteração social dos moradores dos conjuntos, processo que não ocorreu de forma homogênea, ou seja, não ocorreu em todos os conjuntos habitacionais, nem com todos os moradores. Em especial essa alteração social foi sentida em maior escala nos conjuntos localizados mais próximos à Avenida Saul Elkind e em menor escala naqueles mais distantes desta avenida.

Essa alteração social estava inserida em um processo desencadeado a nível nacional, momento no qual se observava uma redistribuição das classes médias pelo território brasileiro. Segundo Milton Santos¹⁰ as cidades de porte médio passaram a acolher elevados contingentes de classe média. Um número crescente de letrados, indispensáveis a uma produção material, industrial e agrícola, que se intelectualiza.

Gradualmente ocorreu uma ascensão econômica e social de boa parte da população residente na zona norte. A partir da construção dos conjuntos habitacionais na zona norte, da infraestrutura implantada pelo Estado e dos investimentos privados na implantação de loteamentos no local, atividades comerciais começaram a se desenvolver significativamente nesta parcela da cidade. O comércio teve muitos efeitos na vida dos moradores e no município, sendo tanto um fator de ascensão social, como um elemento de descentralização urbana.

Um dos fatores de seu desenvolvimento foi a distância física entre a zona norte e o centro principal da cidade e as dificuldades em se chegar até ele, em decorrência do até então deficiente sistema de transporte público para a região. Assim, gradualmente pequenas atividades comerciais passaram a se desenvolver principalmente na Avenida Saul Elkind, por esta se tratar da principal avenida dos “Cinco Conjuntos”. Inicialmente as atividades comerciais ali praticadas eram bastante rudimentares. Tratavam-se de estabelecimentos de propriedade de moradores locais destinadas a venda de gêneros de primeira necessidade, pequenos comércios de frente as casas ou nos quintais que atendiam as demandas dos que residiam em seu entorno. Chaveiros, bares, mercearias, casas de construção, dentre outros, supriam as necessidades imediatas da população que sofria com uma baixa mobilidade em virtude da dificuldade de transporte.

¹⁰SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

A zona norte cresceu rapidamente, o comércio na Saul Elkind acompanhou esse crescimento e aos poucos diversificou sua rede comercial, acompanhando o crescimento e pluralização de seu mercado consumidor. Toda uma rede relacionada ao comércio, prestação de serviços e lazer foi se instalando na Saul Elkind para atender a demanda de uma população que crescia rapidamente e se tornava cada dia mais exigente. A partir da década de 1980, já se encontrava na avenida um comércio estruturado e bastante diversificado. De acordo com Eunice Rumi Yamada (1991), neste período a Avenida Saul Elkind assumia contornos de “point” da porção norte, pois era para onde os moradores dos arredores se dirigiam nos finais de semana, reunindo-se em bares, restaurantes, festas ou simplesmente conversando nas calçadas da Avenida, esta se constituía no principal local para o lazer, e não apenas para os jovens, como para toda a família. O perfil da zona norte se modificava, assim como, a visão do restante da cidade sobre ele:

Já no final da década de 1980 muita coisa havia mudado: dotação de infraestrutura, de equipamentos coletivos, ampliação no número de estabelecimentos comerciais e prestação de serviços, aumento no número de habitantes, abertura de loteamentos voltados a diferentes frações da classe média, dentre outros. Foi também aos poucos acabando os preconceitos manifestos na imprensa local referente à população residente na área.¹¹

Em reportagem do Jornal *Folha Norte de Londrina* Orias Mateus Machado, comerciante e morador da zona norte desde 1979, conta as dificuldades e mudanças que observou ao longo dos anos, tanto estruturais, quanto nos estereótipos e visões que se criou acerca dos “Cinco Conjuntos”:

No começo o povo não tinha água encanada e a gente tinha que buscar água da mina para cozinhar, lavar roupa e tomar banho. A condução era outro problema e era difícil o acesso ao centro da cidade. Na época diziam que aqui era o bairro dos “Cinco Capetas” e ninguém queria vir pra cá, nem passar perto, muito menos morar. Hoje nós temos asfalto, iluminação, hipermercado, até shopping center que está sendo construído lá na Avenida Saul Elkind.¹²

¹¹BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos. Op. Cit., p.150.

¹²Folha Norte de Londrina. Supermercados oferecem mix completo de produtos. Seção: Economia. Mês: junho. Ano: 2008. Ao falar do Shopping Center, Orias Mateus Machado faz referência ao Planet Shopping inaugurado em 2008 na Avenida Saul Elkind.

Muitas dificuldades se impuseram aos moradores da zona norte em suas primeiras décadas no local, a distância em relação ao centro principal fez com que precisassem desenvolver uma rede de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços para suprir suas necessidades, concentrados em especial na Avenida Saul Elkind. Mas se hoje ela possui uma vasta extensão (8,5km), inicialmente esta Avenida não era longa. Surgiu com o objetivo de servir aqueles primeiros conjuntos habitacionais situados na direção leste dos cinco conjuntos, porém, à medida que novas terras eram incorporadas ao uso urbano, a avenida foi se estendendo no sentido leste-oeste até alcançar a extensão atual.¹³ Outras vias também foram sendo incorporadas à região, ao passo que a infraestrutura foi sendo implantada, novas vias públicas de acesso ao centro principal foram construídas e a zona norte passou a contar com dois terminais de transporte coletivo: o terminal do Vivi Xavier e o Milton Gavetti. Esses fatores foram importantíssimos, pois, além de contribuir com a reestruturação do espaço urbano trouxeram aos moradores uma facilidade que faria toda a diferença em seu cotidiano: a acessibilidade. Com o acesso ao transporte coletivo urbano o deslocamento dos moradores ficou facilitado, isso propiciou aos moradores maior mobilidade e conforto. Tornando-se um elemento importante na construção dessa nova centralidade urbana.

No final dos anos de 1980 o panorama dos “Cinco Conjuntos” já havia mudado bastante em relação ao seu início, dotados de uma maior infraestrutura, com uma gama de estabelecimentos comerciais e de serviços, ampliação do número de habitantes e instalação de loteamentos voltados a diferentes níveis da classe média. Estes dentre outros elementos, colaboraram para uma amenização de alguns preconceitos manifestados referentes à população e à área. Como podemos notar em uma reportagem do jornal *Folha Norte de Londrina*

¹³Cf. SANTOS, A. R. A Feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR. *Revista do Departamento de Geociências*, v. 14, n. 1, jan./jun., 2005.

de 1990, na qual se comenta o marketing do residencial Ouro Verde, o qual a empresa Santa Cruz Engenharia anunciava como “uma nova realidade naquela região”, afinal, como se poderia esperar que tudo continuasse igual após a construção de 720 apartamentos destinados à classe média. Podemos observar essa visão otimista em relação às mudanças na região neste trecho da reportagem: “Se o *Cincão* já vinha perdendo a imagem de zona residencial “do povão”, tudo indica agora que este título tende a ficar cada vez mais apagado.”¹⁴



Figura1: Manchete do Jornal Folha Norte de Londrina, p.8, 25/08/1990. Acervo: CDPH – UEL.

A diversificação social e a amplificação dos usos da região, fez com que esta se tornasse mais valorizada, atraindo investimentos de capitais nos diversos setores como industrial, comercial e prestadores de serviços, todos instalados na Avenida Saul Elkind e em suas proximidades. Desta forma, a Saul passou de uma avenida simples, com um comércio rudimentar e improvisado a foco de importantes investimentos de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços já consolidados com matrizes no centro principal da cidade, iniciativa de empresários que enxergaram na Saul Elkind um local profícuo para a instalação de suas filiais, de olho num promissor mercado consumidor. Marcelo

Dalmáz diretor de operações do “Maxxi Atacado” na época de sua instalação na Avenida Saul Elkind declarou que “pesquisas e estudos foram realizados para verificar o potencial econômico da região e o melhor formato de funcionamento.”¹⁵ Podemos notar que obviamente os investidores asseguraram-se de que esta seria uma iniciativa rentável, especulando e comprovando o potencial econômico da região antes da abertura de suas lojas.

Ao passo que uma maior infraestrutura foi sendo implantada nos conjuntos habitacionais, construção de rede viária, meios de transporte e outros equipamentos de consumo coletivo, o capital privado sentiu-se atraído em investir nesta porção da cidade, tendo em vista as inúmeras vantagens que poderia adquirir com isso; inicialmente promovendo a abertura de loteamentos e, em seguida, investindo no desenvolvimento econômico da área. A partir da década de 1990, uma nova dinâmica se estabeleceu nesta porção da cidade: a mesma passou a ser alvo de importantes investimentos em comércio e prestação de serviços, dezenas de empresas situadas no centro da cidade encontraram na zona norte, em especial na Saul Elkind, possibilidades de lucros maiores mediante implantação de filiais.¹⁶ Neste período houve uma valorização dos terrenos urbanos, um aumento da população e uma variação socioeconômica em seu perfil e a instalação de diversas filiais de grandes redes comerciais de diversos ramos: supermercados, eletrodomésticos, perfumaria, farmácias, calçados; assim como, filiais de estabelecimentos prestadores de serviços como consultórios médicos, odontológicos, advocatícios, arquitetura e engenharia, dentre outros, com suas matrizes no centro principal de Londrina. Também foi significativo para a região a instalação de filiais de grandes unidades industriais advindas do Estado de São Paulo.

¹⁵Maxxi atacado inaugura loja na avenida Saul Elkind. *Folha Norte de Londrina*. Seção: Economia. Mês: 13-19 dez. vol. 07. P.5. Ano: 2008.

¹⁶Cf. FRESCA, Tania Maria. Op. Cit, p.158.

¹⁴ARRUDA, João. A classe média vai ao Cincão. *Folha de Londrina*. Londrina. Mês: 25 set. ano: 1990.

Nos anos de 1990, continuou a implantação de infraestrutura na zona norte, houve a abertura da rede Muffato e da instalação das plantas industriais da Dixie Toga (indústria do ramo de embalagens) e Elevadores Atlas, no contexto das transferências industriais do Estado de São Paulo para o interior do país.¹⁷

Todas essas filiais instaladas na região provocaram uma alteração e valorização no preço dos imóveis e terrenos, que passaram a ser bastante disputados - em especial na Avenida Saul Elkind. Devido a uma expectativa de valorização por parte dos proprietários e investidores a especulação imobiliária passou a ser uma realidade muito forte naquele local. Isso desencadeou um período de mudanças, tanto na estrutura urbana quanto social, uma vez que, muitos dos primeiros moradores da Avenida Saul Elkind já não podiam mais arcar com os elevados custos de moradia que agora havia no local, desta forma, muitos se viram forçados a mudar-se para outras áreas, em especial instalavam-se em ruas um pouco mais distantes da avenida, onde os custos com a habitação não fossem tão elevados. Houve uma significativa valorização dos imóveis próximos da Saul Elkind, derivando em uma diferenciação nos padrões residenciais, notória até hoje ao caminharmos pela região.

Esta valorização imobiliária foi destaque de uma matéria no Jornal de Londrina em 2008, afirmando que o preço dos terrenos na avenida Saul Elkind estaria entre os mais caros da cidade, enfatizando ainda a importância do comércio nas mudanças pelas quais teria passado a região na última década. No texto da reportagem encontramos a declaração do imobiliário Abilio Medeiros que faz essa relação entre o desenvolvimento do comércio e a valorização dos imóveis e terrenos na Saul: “É o único eixo comercial em uma região de grande adensamento populacional e o preço dos terrenos já se igualou ao de áreas centrais.”¹⁸

Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade

Na última década, principal avenida da zona norte sofreu mudanças no perfil; o velho comércio de bairro vem assumindo características semelhantes ao do centro da cidade

Figura 2: Matéria do Jornal de Londrina, 13/10/2008.
Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Londrina.

No início do século XXI a consolidação da Saul Elkind como um centro se intensifica, através do investimento de capitais na implantação de filiais de grandes redes nacionais, estaduais e municipais, nos diferentes setores ligados ao comércio e prestação de serviços, atraídos pelo forte crescimento físico territorial da área e pelo potencial de seu mercado consumidor. O que se observou na Saul Elkind e em seu entorno, foi o enfraquecimento gradual do pequeno comércio e a sua substituição pelas cadeias de grandes mercados, com divisão técnica social e espacial da gestão e da venda, padronização dos produtos e melhor distribuição dos mesmos.¹⁹

¹⁷BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. Op. Cit., p.151

¹⁸GALEMBECK, G. Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade. Jornal de Londrina. Londrina. Mês: 13 out. pg. 4 Seção: Geral. Ano: 2008.

¹⁹Cf. CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Atualmente o perfil da Avenida Saul Elkind é bastante diverso, a mudança em certos pontos é notória, nas fotos abaixo, trazemos um paralelo de alguns pontos comerciais na década de 1990 e em 2013. O que antes fora uma casa de carnes e uma casa de massas e assados,

atualmente dá lugar a Pizzaria Fornalha, cuja fachada se assemelha às encontradas em estabelecimentos do centro principal. E o que outrora fora uma barraquinha de venda de sorvetes italianos, atualmente é o local onde se instalou o Moto Master Multimarcas.



Figura 3: Foto da esquerda: Casa de Carnes Bonilha e Massas e Assados – Década de 1990. Autor: Marcelo Hot List. Foto da direita: Pizzaria Fornalha – 2013. Autora: Daniela Reis de Moraes.



Figura 4: Foto da esquerda: Sorvete italiano – Década de 1990. Autor: Marcelo Hot list. Foto da direita: Moto Master Multimarcas – 2013. Autora: Daniela Reis de Moraes.

A zona norte recebeu diversos tipos de investimentos de capital, tanto na implantação de infraestrutura urbana por intermédio do Estado, como pela abertura de empresas ligadas a diferentes setores da atividade econômica, construção de loteamentos da iniciativa privada e construção de conjuntos habitacionais, todas essas iniciativas fizeram com que a zona norte se expandisse, tornando-se uma das áreas de maior concentração populacional e que mais crescem na cidade. A muito essa porção da cidade deixou de ser apenas um local de residência de uma população de baixo poder aquisitivo. O perfil dos moradores da área tornou-se bastante variado, com uma grande gama de níveis salariais – fato comprovado quando se verifica, por exemplo, a diversidade de atividades comerciais e de prestadoras de serviços que ali se instalaram, os diferentes padrões das casas e os preços dos terrenos.²⁰

A principal via do subcentro formado na zona norte.

Tradicionalmente convencionou-se considerar como centro da cidade de Londrina a área designada como “quadrilátero central”, um quadrilátero balisado pelas ruas Benjamin Constant (Norte), Rua Jacarezinho - atual Juscelino Kubitschek (Sul), Rua Heimtal – atual Rua Duque de Caxias (Leste) e a Avenida Higienópolis (Oeste). Todavia, “com o desenvolvimento e crescimento da cidade, as atividades comerciais vão se espalhar pelas regiões próximas ao centro, pelos bairros e pelas vias de circulação de maior movimento.”²¹ Com a constituição de centros secundários, a dinâmica da cidade se altera com a fragmentação das atividades antes concentradas na área central, modificando a dinâmica do espaço urbano e as sociabilidades. Algumas definições se fazem necessárias para melhor desenvolvimento de

nossas ideias, desta forma, expomos alguns conceitos por nós adotados como as definições de centro, descentralização e comércio.

Entende-se centro como um local, de grande concentração de atividades, as quais geram grande fluxo de circulação de pessoas, sendo um ponto de convergência de serviços e atividades, fato que diminui o deslocamento, tornando os produtos e serviços mais acessíveis, local em que geralmente os imóveis e terrenos sofrem uma grande valorização. “A área central compõe um espaço importante da cidade, pois nela existe, geralmente, uma enorme concentração de atividades comerciais, serviços, gestão pública e terminais de transporte intraurbanos e interurbanos.”²²

O centro aglutina uma grande rede comercial, sendo o comércio um conjunto de estabelecimentos que exercem a atividade mercantil. Seu desenvolvimento pode ser considerado como importante elemento para a constituição de um centro urbano, assim como, em contrapartida, também é fator determinante para o fenômeno da descentralização na dinâmica de uma cidade.

Centralidade corresponde a um processo de concentração de atividades que garantem o cotidiano historicamente estabelecido (comércio); de serviços sejam eles de atendimento de demandas de consumidores ou aqueles de controle exercido pelo estado pelos diferentes capitais; de controle e imposição de valores diversos para uma sociedade historicamente determinada. Centralidade, portanto, impõe a noção de força, de poder e se concentra, sendo necessário entender seu correspondente dialético: a descentralização.²³

Segundo as autoras Andréa Beidack e Tânia Maria Fresca (2011) a descentralização pode ser entendida como um amplo movimento de criação e recriação de condições diversas de infraestrutura e serviços coletivos necessários à

²⁰Cf. FRESCA, Op. Cit.p.155

²¹BLUM, Luciane. Desenvolvimento da atividade comercial varejista:o caso de Londrina-PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis/SC, agosto de 2006, p.106.

²²Cf. FRESCA, Op. Cit.p.155

²³BLUM, Luciane. **Desenvolvimento da atividade comercial varejista:o caso de Londrina- PR.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis/SC, agosto de 2006, p.106.

reprodução do capital em outras áreas da cidade, que não o centro principal. Trata-se de um movimento de criação de novas estruturas, mas articuladas ao centro principal, cuja escala adotada é o intraurbano. Essa dinâmica impõe um contínuo processo de transformação da cidade. O processo de descentralização ocorre a partir da expansão da urbe,

implicando necessária correlação com o número de habitantes, com as novas áreas de moradia, com o poder de consumo das diferentes frações sociais, com o sistema de transporte automotivo, nos investimentos a serem realizados tanto no âmbito do poder público local mediante dotação de certa infraestrutura e equipamentos de consumo coletivos de grandes empresas comerciais, prestadoras de serviços, de construção civil, dentre outros.²⁴

A instauração de novas centralidades deriva em uma reestruturação urbana, se constitui à medida que as ocupações tendem a se afastar do centro principal. E quanto mais aumenta a população, mais aumentam as possibilidades de formação de um novo centro. “Quando uma cidade atinge 200 ou 300 mil habitantes, o centro começa a se bipartir. Surgem então os subcentros, um produto das classes sociais que se deslocam do centro para frequentá-los nos bairros.”²⁵ Os subcentros são bastante interessantes, pois, assumem características e dinâmicas próprias, todavia, articulam-se com o centro principal e a estruturação do espaço urbano que se dá de forma conjunta.

[...] entende-se que os subcentros são formados, inicialmente por estabelecimentos de proprietários locais, visando atender a uma demanda local, gerado pelo consumo específico de uma população com características homogêneas, que difere da teórica pluralidade socioeconômica dos frequentadores do centro principal. [...] Quando se desenvolvem, gradativamente passam por um estágio de substituição e ou incrementação de filiais dos estabelecimentos do Centro Principal [...], no entanto, de acordo com o crescimento da área e com a dinâmica dos agentes envolvidos, há uma penetração de capitais externos à área que modificam as lógicas de atuação e localização dos estabelecimentos e geram uma redefinição na forma urbana e na expressão de centralidade desses subcentros.²⁶

²⁴BEIDACK, Andréa R. S.; FRESCA, Tânia M. Op. Cit. P. 148.

²⁵JANUZZI, Denise de Cássia. Op.Cit. p. 182.

²⁶JANUZZI, Denise de Cássia. Op.Cit. p. 206.

Na zona norte pode-se observar esse fenômeno de formação de um subcentro, cuja Avenida Saul Elkind constituiu atualmente sua principal via. A atividade comercial é um dos elementos constituintes e estimuladores na formação de um novo subcentro, entretanto, são diversos os fatores que atuam na constituição de um novo centro urbano, nos ateremos ao comércio, por ser este o foco de nossa pesquisa. O comércio tem uma relevância tão grande num centro urbano que alguns autores como Flávio Villaça (1998) e Denise Januzzi (2006) utilizam a densidade comercial para estabelecer os limites físicos de um centro:

Para caracterizar o centro, definindo seu perímetro, considerou-se centro típico a existência de lojas médias, bancos, serviços, restaurantes, hotéis, escolas não oficiais e repartições públicas. Os limites foram traçados onde existe mais de 50% de áreas comerciais ocupadas em uma quadra.²⁷

Isso pode ser observado em vários pontos da Avenida Saul Elkind, nos quais os estabelecimentos comerciais ocupam mais de 50% dos quarteirões, na avenida e em suas vicinais. O comércio na Saul é bastante diverso, a instalação de filiais de grandes redes faz com que em alguns trechos a avenida se assemelhem esteticamente ao centro principal, porém, as grandes redes convivem com pequenos comércios, residências e com o comércio informal. Existem formas variadas na constituição de um centro comercial, conforme pontuam Andréa Beidack e Tânia Maria Fresca (2011), centros comerciais como *shopping centers* são formas que se assemelham ao centro principal da cidade, com um grande investimento privado e fluxos de consumidores articulados a um sistema de transporte, a acessibilidade a este centro é previamente estudada, assim como, seu potencial de consumo. Os centros comerciais como os *shopping centers* formam-se de maneira planejada,

²⁷JANUZZI, Denise de Cássia. Op.Cit. p. 185.

em contrapartida, um subcentro comercial como o da zona norte de Londrina se dá de maneira gradual e espontânea, em resposta as exigências da intensa população que se concentrava nesta porção da cidade, com necessidades de uma diversificação maior das atividades comerciais e prestadoras de serviços, em especial por se tratar de uma área distante do centro principal da cidade. Foi um subcentro que se desenvolveu inicialmente para atender as demandas da população lá residente, todavia, atualmente quase tudo é encontrado no comércio da Saul Elkind: redes bancárias, serviços contábeis, advocatícios, médicos e odontológicos, corretoras de imóveis, farmácias, restaurantes, sorveterias, bares, supermercados, dentre uma infinidade de outros serviços.

O jornal Folha de Londrina em matéria realizada no ano de 2008, apontava para esta diversificação, enfatizando que o comércio na Saul Elkind já seria capaz de suprir 100% das necessidades dos moradores. Com a constituição de um comércio tão diversificado, a zona norte poderia caminhar de forma independente, os moradores só precisariam recorrer ao comércio do centro principal se assim o quisessem. Como podemos ver no depoimento dado ao jornal pela moradora Franciele Hatori²⁸: “Eu não sei nem dizer a quanto tempo deixei de ir ao centro para pagar as minhas contas. Hoje tenho banco, lotérica, um bom mercado, tudo pertinho de casa. Até eletrodomésticos eu compro aqui, agora!”



Figura 5: Folha Norte de Londrina – 26/06 a 04/07/2008.
Acervo: Hemeroteca da biblioteca municipal de Londrina.

Um subcentro apresenta algumas diferenças em relação ao centro principal. Algumas diferenciações se dão em relação à escala e aos padrões socioeconômicos em relação ao centro principal. O subcentro constituiu-se a partir das características socioeconômicas da população local, dos capitais privados e investimentos de empresários que lá enxergaram uma boa oportunidade de negócios, produzindo um espaço diferenciado, entretanto, articulado ao resto da cidade. Nos dias atuais a grande concentração e intensa variedade de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços na Avenida Saul Elkind reforçam uma valorização dos imóveis implantados nesta avenida ou próximos a ela, manifestando diferenciação nos padrões residenciais locais.



Figura 6: Avenida Saul Elkind. Jornal de Londrina, 04/09/2012. Autor: Roberto Custódio.

A zona norte constituída por uma grande diversidade populacional em relação aos níveis de emprego e renda.²⁹ Variedade que se reflete na Saul Elkind, na qual podemos notar trechos em que a avenida se assemelha bastante ao centro principal (imagem 7) e outros trechos nos quais ainda podemos notar resquícios das formas das primeiras casas construídas pelas políticas habitacionais, como na foto abaixo, na qual percebemos que mesmo com as variações da década de 1990 para cá, ainda permanece o telhado e o formato dos primeiros comércios da Saul adaptados nas residências.

²⁸Comércio forte supre 100% das necessidades de moradores. *Folha Norte de Londrina*. Seção: Economia. Mês: 28 jun./ 04 jul. Ano: 2008.

²⁹Beidack, Andréa Rodrigues dos Santos. Op. Cit. p.150



Figura 7: Foto da esquerda: Locadora Vídeo e Ação – Década de 1990. Autor: Marcelo Hot List. Foto da direita: Comércios variados – 2013. Autora: Daniela Reis de Moraes.



Figura 8: Feira Livre da Saul Elkind, 2013. Autora: Daniela Reis de Moraes.

Quando se fala da Saul Elkind e dos produtos vendidos nela, é impossível não se lembrar da feira livre realizada nas manhãs de domingo. É a maior e mais peculiar feira livre de Londrina, se constituiu numa possibilidade de comércio e lazer da região e uma das principais referências quando se fala da Saul Elkind. Cheia dos mais variados produtos, cores e sabores a feira da Saul se tornou uma das maiores tradições da Zona Norte, atraindo não apenas moradores da região, como de toda a cidade. As muitas barracas da feira se dividem entre barracas da feira do produtor, barracas da feira livre e ambulantes. Toda semana a Avenida ferve de gente em um vai e vem animado e de tão movimentada, a feira impõe um ritmo característico as manhãs de domingo na Avenida. Por ali, a população comercializa de tudo: roupas, artesanatos, frutas, legumes, plantas e raízes medicinais, pastéis, dentre outros. Um pouco de tudo pode ser encontrado na feira e suas imediações.³⁰ Guilherme Gouveia ressalta a importância da feira para a Zona Norte e seu desenvolvimento, em reportagem para o Folha de Londrina em 2004 a apresenta como: “Feira de domingo na avenida Saul Elkind: comércio forte na região que também é porta de entrada de um polo gastronômico”³¹

³⁰Para maiores informações sobre a feira olhar o capítulo deste livro: “A Saul é tudo!”

³¹GOUVEIA, Guilherme. Cincão mostra a outra face da moeda. *Folha Norte de Londrina*. Londrina. Mês: 10 dez. Ano: 2004.

Em Londrina, os Cinco Conjuntos foram construídos na década de 1970, época de entrega dos primeiros grandes núcleos habitacionais. Décadas após a entrega do primeiro bloco de habitações da região da cidade, muitas mudanças ocorreram no seu conteúdo econômico e social, contribuindo para a formação de uma área complexa em termos de renda, e que concentra significativa parcela da população da cidade de Londrina. O comércio na Saul Elkind serviu como uma possibilidade de ascensão social para seus moradores e demais londrinenses que lá trabalham e investem. Hoje a Avenida assumiu um caráter estratégico para o desenvolvimento de Londrina. Absorveu um grande investimento financeiro que fez com que surgissem setores bastante fortes na região, como o comércio, a indústria, os serviços e o lazer. A população que ali reside experienciou uma ascensão social e prosperou economicamente, fatores que aos poucos vem afastando a visão costumeira sobre a zona norte, estigmatizada por um longo período como um bairro popular, de periferia, distante e perigoso. Com uma mudança em seu perfil, atualmente é uma das regiões de Londrina mais procuradas para receber novos investimentos.

REFERÊNCIAS

BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria Fresca. Reestruturação Urbana e Novas Centralidades: um estudo sobre a zona norte de Londrina –PR. **Bol. Geogr.**, Maringá, v.29, n.2, p.147-163, 2011.

BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos. O olhar do turista da zona norte de Londrina – PR. **RA'GA**. Departamento de Geografia – UFPR, nº. 21, Curitiba, 2011, p. 139-145.

BLUM, Luciane. **Desenvolvimento da atividade comercial varejista: o caso de Londrina**- PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis/SC, agosto de 2006.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000-2005.

FRESCA, Tania Maria. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. **Geografia**. Volume 11 - Número 2 - Jul/Dez. 2002.

YAMADA, E. R. **O setor norte de Londrina**: parcelamento urbano e formas de ocupação. 1991. Monografia (Bacharelado) - Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR.

JANUZZI, Denise de Cássia. Calçadões: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais. (Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP), São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. (Re) Distribuição da população, economia e Geografia do consumo e dos níveis de vida. In: **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, A. R. **A feira livre da Avenida Saul Elkind**. 2004. Monografia – (Graduação em Geografia), Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

SANTOS, A. R. A Feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR.. **Revista do departamento de Geociências**, v. 14, n. 1, jan./jun., 2005.

SALES, Andréa Leandra Porto. **Centralidade urbana e consumo: combinando a leitura econômica e cultural da produção do espaço urbano**. Disponível em: http://www.academia.edu/2075468/CENTRALIDADE_URBANA_E_CONSUMO_COMBINANDO_A_LEITURA_ECONOMICA_E_CULTURAL_DA_PRODUCAO_DO_ESPACO_URBANO Acessado em: 23 out. 2013.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel. FAPESP, 1998.

JORNAIS

Comércio forte supre 100% das necessidades de moradores. **Folha Norte de Londrina**. Seção: Economia. Londrina. Mês: 28 jun./ 04 jul. Ano: 2008.

GALEMBECK, G. Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade. **Jornal de Londrina**. Londrina. Mês: 13 out. pg. 4 Seção: Geral. Ano: 2008.

GOUVEIA, Guilherme. Cincão mostra a outra face da moeda. **Folha Norte de Londrina**. Londrina. Mês: 10 dez. Ano: 2004.

Maxxi atacado inaugura loja na avenida Saul Elkind. **Folha Norte de Londrina**. Seção: Economia. Mês: 13-19 dez. vol. 07. P.5. Ano: 2008.

TRIGUEIROS, M. Comércio na porta de casa dos moradores de ruas comerciais driblam a agitação típica e aproveitam a facilidade de ter tudo ao 'alcance dos pés'. **Folha de Londrina**. Londrina. Mês: 13 jun. Ano: 2009.

O valor do Cincão. **Jornal da Acil** - Região Norte. Londrina. Ano 8. nº. 117, Março 2012, p.14-15.

Capítulo 4
A Saul é tudo!

A Saul é tudo!

Ana Cleide Chiarotti Cesário¹

Adriely Martini Oliveira²

Grazielle Maria Freire Yoshimoto³

A vida urbana é intrínseca e irremediavelmente ambivalente. Quanto maior e heterogênea for uma cidade, maiores serão os atrativos que pode oferecer. (Zygmunt Bauman. Confiança e medo na cidade).

O processo de ocupação da região conhecida como Norte Novo do Paraná, onde se situa Londrina, foi acompanhado por um imaginário que conferia ênfase ao moderno, possível de ser constatado no modo de ordenamento das cidades e na presença de obras arquitetônicas de influência modernista, construídas especialmente em Londrina a partir dos anos 1950. Todavia esse imaginário veio acompanhado de uma ideia de progresso associada à mudança o que acabou por conferir fugacidade ao *patrimônio material* (arquitetura de madeira e exemplares da arquitetura modernista) bem como ao próprio planejamento urbano inicial (marcado por dialogia com o campo), este um *patrimônio imaterial* ainda à espera de ser pesquisado e reconhecido em Londrina e região.

Assim, os primeiros pesquisadores do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda) ao iniciarem suas pesquisas e intervenções como membros desse programa, em 1986, sabiam que se envolveriam com uma noção de *patrimônio* bastante particular, decorrente de um processo de ocupação capitalista muito recente, cujo resultado era uma cultura cidadina que se pretendia moderna

¹Cientista Social, Doutora em Ciência Política, Professora Titular aposentada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda).

²Cientista Social, Especialista em Metodologia do Ensino Superior e pesquisadora do IPAC-Lda.

³Cientista Social, Pós-graduanda em Mídias na Educação e pesquisadora do IPAC-Lda.

embora marcada pela simplicidade, rusticidade e certo bucolismo inerentes ao modo de vida do campo. Estudar a questão em Londrina significava se debruçar sobre uma *cidade nova* com um *patrimônio material* composto tanto pela simplicidade da arquitetura de madeira como pelo vanguardismo da arquitetura modernista que, embora a primeira tenha precedido à segunda, passaram a conviver num mesmo espaço urbano, em decorrência do rápido desenvolvimento da região.

Pelas pesquisas desenvolvidas até aquele momento, todos traziam olhares compreensivos de suas áreas de formação – ciências sociais, história e arquitetura – e se voltavam para temas e objetos de investigação do Norte Novo do Paraná e, em especial, de Londrina, tais como: o processo de ocupação e a cafeicultura; o urbano, o ordenamento da cidade e o modo de vida cidadão; a arquitetura de madeira no campo e na cidade; industrialização e classes sociais; a memória de uma política partidária de oposição e o poder local.⁴

Embora os temas se demarcassem entre si pela especificidade das áreas do conhecimento de cada pesquisador, as abordagens teórico-metodológicas revelavam traços comuns a todos. As teses e dissertações até então produzidas orientavam-se pela busca de fontes recentes, em especial as orais, como depoimentos e entrevistas, e partiam sempre de um movimento da periferia para o centro, ou seja, analisavam temas de Londrina e do Norte do Paraná

⁴Os primeiros trabalhos, anteriores à fundação do IPAC, de autoria dos pesquisadores que o iniciaram são: ADUM, Sônia. M.S.L. *Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina. 1930-1960*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Assis, SP, 1991; ALMEIDA, A.M. C. *Participação dos operários de origem rural em área urbana. Londrina PR. Curitiba: GRAFIPAR, 1981*; CESÁRIO, A.C.C. *Industrialização e pequenos empresários em Londrina. Curitiba: GRAFIPAR, 1981*; CESÁRIO, A.C.C. *Norte Novo: a expansão da fronteira e seu conteúdo simbólico*. In: PAZ, Francisco (org.) *Cenários de economia e política. Paraná. Curitiba: Prephacio, 1991*; CESÁRIO, A.C.C. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira. Um estudo de poder local. Londrina-PR (1934-1979)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986; MAIA, Deise. *Abaixo da linha. Casoni: uma vila da cidade Londrina. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993*; ZANI, A. C. *Repertório Arquitetônico e Sistema construtivo das Casas de Madeira. Londrina-PR. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1981*.

como questões de uma sociedade periférica em relação aos centros culturais e políticos do capitalismo brasileiro, sobretudo São Paulo e de um núcleo da estrutura de dominação internacional que à época da colonização da região era ocupado pela Inglaterra.⁵

Somente hoje, é possível perceber que o lugar de onde os primeiros pesquisadores do IPAC desenvolveram seus trabalhos de teses e dissertações foi sempre aquele que permite um olhar das margens, produzindo um conhecimento que, aparentemente secundário, na realidade apreende a importância do ordinário, do simples, do dependente, do periférico como (com) dominâncias das estruturas sócio históricas. Foi com essa experiência de pesquisa acumulada que o IPAC iniciou seus trabalhos.

Se até então, nas suas investigações, predominavam olhares mais abrangentes e “de longe” guiados por teorias de longo alcance e abordagens estruturais, com o desafio colocado pelo tema *patrimônio*, sentiu-se a necessidade de maior aproximação ainda do objeto a ser investigado. Conquanto as análises anteriores já tivessem sido responsáveis por certa familiaridade com objetos de pesquisa próximos à realidade dos pesquisadores, o trabalho com o *patrimônio* os ensinou a olhar “de perto”, mas também “de dentro”, pois não havia como reconhecer o patrimônio e registrá-lo sem com ele se envolver.

Contando com a participação de estudantes de Ciências Sociais, História e Arquitetura, iniciam as pesquisas, primeiro com um projeto piloto na Vila Casoni, na busca de formulação de uma metodologia que fosse também teoria.⁶

⁵A região foi colonizada por capitais ingleses e escoceses associados a paulistas e mineiros que fundaram a Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, subsidiária da Paraná Plantation.
⁶A Casoni, área de moradia de trabalhadores urbanos, um dos bairros mais antigos de Londrina, próxima ao centro da cidade – o xadrez inicial planejado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) –, mas originária de uma gleba rural, mantinha, à época, fortes características do modo de vida do campo e ainda muitas casas de madeira construídas no alinhamento das calçadas.

Após o trabalho de inventário do casario de madeira e da interpretação do modo de vida da Vila Casoni, seguiu-se o trabalho no Heimtal, um dos primeiros bairros rurais do município de Londrina, também situado na área de atuação da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, com predomínio de famílias alemãs na sua fase inicial de ocupação.⁷

Não cabe aqui comentar todos os trabalhos do IPAC, a grande maioria publicada na forma de Cadernos do Patrimônio, a intenção é apenas mostrar que o trabalho com o *patrimônio cultural* em Londrina e região, iniciou-se pela periferia, pelas margens de uma *cidade nova* e de uma região de ocupação recente.

A expressão *patrimônio cultural*, aqui empregada para englobar os diferentes aspectos do *patrimônio* – o artístico, o histórico, o imaterial, o ambiental – com suas temporalidades e ênfases, embora seja uma clara alusão ao conceito antropológico de cultura, mostra-se bastante genérico, quando não impreciso.

Ainda que esta referência à ‘cultura’ aponte para um plano mais geral, se analisado com cuidado percebe-se ser um expediente mais retórico que conceitual: como se sabe, os debates sobre cultura, não apenas no interior da Antropologia, são infundáveis, e haveria necessidade de cada vez, distinguir filiações teóricas e contextos históricos para evitar uma visão do senso comum; evidentemente não cabe, aqui, essa discussão. Contudo, há um aspecto positivo, nessa tentativa, que, se não resolve de pronto as múltiplas questões envolvidas, de certa forma aponta para a necessidade de uma maior abrangência e de busca de novos instrumentos para lidar com a questão do patrimônio.⁸

Avaliando hoje os trabalhos do IPAC, tem-se a clareza que, desde o início, seus pesquisadores estiveram em busca de novos instrumentos teóricos

⁷Em seguida, procedeu-se ao inventário da arquitetura de madeira das fazendas de café de propriedade dos alemães no município de Rolândia e, na sequência, o estudo da arquitetura de pedra e cal tanto na zona rural como na zona urbana de Ribeirão Claro (município situado no Norte Pioneiro).

⁸MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2012. p.8-10.

e metodológicos para lidar com a questão. Nessas primeiras incursões, a importância da *etnografia* começa a se insinuar como a abordagem mais adequada ao objeto de análise e como uma *política de conhecimento* uma vez que ela não é apenas técnica, mas também método relacionado a referenciais teóricos, com capacidade de criar um “entremeio de discussões” entre diferentes profissionais das áreas de arquitetura, história e ciências sociais voltados para a questão do *patrimônio cultural*.

[...] a etnografia. Não mais como uma técnica de pesquisa e sim como um método que, em estreita relação com o quadro conceitual que lhe serve de base, busca apreender uma estrutura de significado a partir de observações aparentemente dispersas e fragmentárias.⁹

Gradativamente, as pesquisas do IPAC se voltaram para o centro mais antigo de Londrina realizando investigações em *manchas urbanas*.¹⁰ Orientado por esta mesma perspectiva de identificação e compreensão de *manchas urbanas* é que este capítulo trata da Av. Saul Elkind, situada na Zona Norte, na região conhecida como Cinco Conjuntos.¹¹

De modo semelhante à etnografia realizada na Rua Sergipe, também a Avenida Saul Elkind, via central de uma região periférica de Londrina, foi o cenário de muita observação, com o objetivo de apreensão de uma possível estrutura de significados decorrentes das

⁹MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. (org.) Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. 3ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p.12. Essas manchas são o Bosque Marechal Cândido Rondon e a Rua Sergipe. Os dois trabalhos resultaram nas obras: ALMEIDA, A.M.C.; ADUM, S.M.S.L. Memória e Cotidiano do Bosque. Londrina: EDUEL, 2007; ¹⁰MAGALHÃES, L.H. (org.) Rua Sergipe: patrimônio cultural londrinense. Londrina: EdUnifil, 2012.

¹¹A formação dos Cinco Conjuntos se deu a partir dos anos 1970, resultando em expressiva expansão da malha urbana londrinense decorrente de política habitacional colocada em prática no município, por meio da Companhia Nacional de Habitação de Londrina - COHAB-Lda, com o respaldo do Banco Nacional de Habitação - BNH, órgão federal encarregado de financiar e apoiar as ações locais em todo o território nacional. Tal política se fazia necessária em Londrina que recebia intenso fluxo migratório do meio rural para a cidade oriundo tanto do município como da região. A substituição da cafeicultura por outras culturas e a entrada de relações capitalistas mais avançadas no campo produziam mudanças na malha fundiária, com concentração da propriedade da terra, acompanhada de mecanização, resultando em êxodo rural e criando um contingente populacional na cidade que buscava trabalho e novas oportunidades de vida, mas que também necessitava de moradia.

formas de apropriação e uso do referido espaço. Um trabalho que se justifica em “cidades novas”¹², nas quais o patrimônio ambiental urbano encontra-se em processo de construção/identificação.

O patrimônio ambiental urbano é definido por Ulpiano Bezerra de Menezes como

Um sistema de objetos, socialmente apropriados, percebidos como capazes de alimentar representações do ambiente urbano. São objetos, coisas físicas, materiais socialmente apropriados. Não são objetos soltos, isto é, tais monumentos, estruturas, paisagens, bens móveis, etc, não têm significação por si, mas na medida em que se articulam a um suporte de significação, a um sistema que precisa ser conhecido em sua apropriação social, na maneira pela qual ele vem a integrar uma certa formação sócio-cultural. [...] constituem um sistema porque estão vinculados a um eixo de significados referentes ao mundo urbano.¹³

Foi assim que, por meio de observação participante, acompanhada de descrição densa, inspirada pela etnografia e pela análise “de perto e de dentro”, a rua/avenida foi interpretada nos seus diferentes usos: circulação, comércio/serviços, moradia, sociabilidades.

Antes de iniciarmos a primeira seção do capítulo, se faz necessário conceituar de modo breve o que se entende por *mancha* e o que significa a análise da cidade feita “de perto e de dentro”.

A *mancha* faz parte de uma família de categorias criada pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, decorrente de vários estudos por ele desenvolvidos na cidade de São Paulo e possível de ser aplicada em outras cidades, a exemplo do que já foi realizado em Londrina, na Rua Sergipe.

¹²O termo “cidades novas” é aqui empregado numa alusão às “cidades históricas”, com o intuito de evitar uma falsa oposição entre os dois termos. Uma vez que as cidades novas também têm história e, sobretudo, uma memória em constituição. Envolvendo essa questão, o que nos parece mais relevante é a formulação/adequação de teorias e metodologias capazes de reconhecer e definir o que pode ser considerado patrimônio ambiental urbano em cidades de formação recente.

¹³MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “O Patrimônio Ambiental Urbano”, In Comunidade Em Debate: Patrimônio Ambiental Urbano. São Paulo: EMPLASA/Secretaria Estadual do Desenvolvimento Metropolitan, 1978. p. 23.

É compreendida como uma porção da paisagem mais ampla da cidade, apresentando uma implantação até certo ponto estável, resultado de aglutinação de um ou mais estabelecimentos.

As atividades que (a mancha) oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre os seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários”.¹⁴

Com vistas à compreensão dessa multiplicidade de relações é que o trabalho se orientou pela perspectiva

de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.¹⁵

Ademais, antevia-se nesses usos e apropriações da Rua a existência de um processo que deu origem a referenciais de identidades individuais e coletivas, a um estilo de vida urbana próprio e a determinados padrões de ancoragem do *direito à cidade*.

A Rua que já foi estrada: seus usos e apropriações aglutinados como mancha comercial.

Durante 2013, realizamos aproximadamente 100 horas de trabalho de campo na Av. Saul Elkind, percorrendo o logradouro ao longo de sua extensão de aproximadamente 8,5 km, em vários trajetos previamente programados de acordo com as questões que nos colocávamos à medida que o trabalho etnográfico se desenvolvia. Nossos diários de campo registraram desde a paisagem da via de acesso que nos levava do centro da cidade até a avenida, os equipamentos e edificações nela existentes, seus usos e apropriações, bem como significados a ela atribuídos pelos seus frequentadores.

Por conta da dificuldade de acesso às informações existentes no cadastro de imóveis urbanos da Prefeitura, decidimos registrar “in loco”, cada unidade construída e em funcionamento na Saul Elkind.



Figura 1: Gráfico sobre usos e apropriações do solo urbano da Saul Elkind. 2013. Elaboração: Adriely M. Oliveira, Grazieli M. F. Yoshimoto, Tomiko Asai. Acervo das autoras.

¹⁴ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2012. p.95.

¹⁵ MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Jun. 2002, v.17, n.49. p. 17. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 18/10/2013.

Quadro de Especificação dos Usos e Apropriações

Centros Educativos	05	Terrenos Vazios ou em Construção	43
Órgãos Públicos/ Prestadores de Serviço e Espaços Públicos	18	Agências Bancárias e Crédito Pessoal	07
Centro de Automóveis e Motos	45	Escritórios de Advocacia e Contabilidade	24
Compra e Venda de Automóveis	12	Locação de Roupas para Festas e Concerto de Roupas	02
Materiais de Construção	32	Gráfica, Comunicação Visual , Fotografias e Ampliações	02
Residência	88	Brechó e Loja de Móveis Usados	06
Móveis e Decoração - eletrônicos e eletrodomésticos	12	Lingerie, Moda Íntima e Sexy Shop	02
Eletrônica e Informática - materiais, vendas, consertos e serviços	13	Escritório ACIL - Associação Comercial e Industrial de Londrina	01
Supermercados, Açougue, Sacolão, Peixaria, Loja de Embalagens e Alimentos	25	Posto de Combustíveis com Conveniência	03
Construção de Túmulos e Convênios de Assistência Funeral	02	Consultório Odontológico	08
Shopping	01	Cartório	01
Bicicletaria	02	Casas/Bancas de Jogos de Azar	09
Ferro Velho	03	Calçados e Confecções/Modas - infanto-juvenil, adulto, cama, mesa e banho	30
Fornecedores de Gás	03	Bazar, Papelarias, Utilidades e Aviamentos	16
Loja de Cosméticos, Perfumaria e Bijuterias - venda e revenda	07	Sebo	01
Clínica Médica, Laboratorial e Clínicas de Avaliações de Condutores	02	Rações para Pequenos Animais, Clínica Veterinária e Pet Shop	09
Restaurantes, Bares, Lanchonetes, Pizzarias, Sorveterias e Panificadoras	56	Chaveiro	03
Farmácias e Manipulações	14	Vídeo Locadora	01
Cabelereiros	23	Estúdio de Rádio FM	01
Floriculturas e Paisagismo	05	Ótica e Relojoaria	05
Imobiliárias e Corretores de Imóveis	11	Moto táxi	04
Academia e Venda de Suplementos e Artigos Esportivos	08	Auto Escola	04
Venda de quadros, Molduras e Artigos para Pinturas	01	Lotérica	03
Igrejas Cristãs	18	TV por assinatura, Banda Larga, Telefone Fixo e Celular	03
Salas Comerciais Fechadas para Venda ou Locação	42	Artigos e Produtos Evangélicos	01
Estúdio de Tatuagens	01	Produtos e Artigos Musicais	01

Gráfico 1 – Usos e apropriações do solo urbano da Saul.

O acesso pelo umbral à *mancha*.

Embora se constate uma flutuação acentuada da pequena atividade de comércio – lojas e pequenos negócios que abrem e encerram suas atividades – o resultado pode ser visualizado no quadro e gráfico anteriores, reveladores de que na avenida em estudo a atividade comercial e prestadora de serviços é diversificada e absolutamente predominante.

Nosso acesso à Saul Elkind foi sempre pelo caminho formado pelas Av. Rio Branco/Winston Churchill/Francisco Gabriel Arruda, um trajeto dos mais percorridos na malha urbana londrinense, com trânsito bastante congestionado, nos horários de *rush*. Não se trata do acesso mais antigo, uma vez que na origem dos *Cinco Conjuntos* o principal acesso à região era pela estrada que leva ao Heimtal, a Carlos Strass, situada a leste do centro antigo de Londrina, proporcionando uma ligação quase que em linha reta ao núcleo comercial da Saul Elkind.

O caminho por nós percorrido adentra à região pelo Parigot de Souza I, portanto uma área de característica mais residencial do que comercial. Um acesso situado a oeste do centro da cidade e a impressão que se tem, quando por ele se transita, é de uma autoestrada, uma vez que, corta um território da Zona Norte de Londrina que ainda apresenta, em termos de ocupação, algumas áreas rarefeitas. Há de se registrar que a localização dos primeiros conjuntos habitacionais – conhecidos como *Cinco Conjuntos* – em localização bastante distante do centro antigo, ocasionou “vazios de ocupação” situados entre essa região e o núcleo urbano que deu origem à cidade. É o caso do Jardim Alpes, um loteamento particular iniciado após o desenvolvimento dos primeiros conjuntos habitacionais na região, hoje um bairro ainda em processo de ocupação e com uso de solo urbano pouco adensado, se comparado a regiões mais centrais de Londrina, ou mesmo a algumas áreas mais próximas à Saul Elkind.

O acesso cruza duas artérias que ligam o Norte do Paraná ao Estado de São Paulo. A primeira delas, a atual Av. Tiradentes, antigo trecho da estrada (BR 369) que ligava Londrina não apenas ao estado vizinho, como também às cidades em formação na ponta da fronteira que se expandia. A segunda, a também BR 369, contorno construído posteriormente e que hoje, no trecho já incorporado à malha urbana, é denominada Av. Brasília.

Durante o trajeto é possível observar como o urbano dá a ver contradições e heterogeneidades expressas nas condições materiais de existência de seus moradores, visíveis nos diferentes modos de apropriação e uso do seu solo. Lugares se sucedem oferecendo imagens diversas: primeiro, o bairro residencial dos anos 1950 – o Shangrilá – fruto de ocupação planejada, destinada, na sua origem, à média e alta burguesia e que ainda guarda o charme da “cidade jardim”; na sequência a ocupação mista de residências dos segmentos médios e populares, convivendo com o comércio margeando especialmente o lado direito da Winston Churchill; nas proximidades da BR 369, a indústria de confecção, com sua dinâmica de uso: presença de operários/ operárias no pátio da fábrica, bem como caminhões com matéria prima e produtos acabados movimentando-se no mesmo espaço.

O fundo de vale após a indústria, uma área verde, com córrego e árvores, produz em quem se locomove de carro, especialmente à noite, a sensação de um “*não-lugar*”, por sugerir abandono. É certo que tal sensação, não passa, na verdade, como diz Marc Augé, de *miragem* decorrente de uma *superabundância espacial*.

Ela (a miragem) resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de populações e multiplicação daquilo que chamaremos ‘não-lugares’, por oposição à noção de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço.¹⁶

À “luz do dia”, uma observação mais próxima desse fundo de vale, pode mostrar situação diferente da *miragem*, um espaço que, mesmo sem a infraestrutura urbana adequada, abriga moradores que estabelecem entre si relações e identidades singulares, decorrentes de suas estratégias/arranjos de sobrevivência.

Conforme o trajeto se distancia do centro antigo da cidade, lojas com predomínio de materiais de construção, autopeças, oficinas mecânicas (e pequenas indústrias), formam um corredor de atividades econômicas, entre áreas residenciais. Nas placas dos cruzamentos, o “texto invade o espaço”, como sugere Marc Augé, indicando dois locais destinados ao esporte e lazer: o Estádio do Café e o Autódromo Ayrton Sena. Logo após margear a cerca de pilotis do autódromo, quem se locomove de veículo, se vê numa rotatória, onde, ao lado, fica o Terminal de Transporte Coletivo Urbano Ouro Verde. Dessa rotatória é possível ter acesso ao bairro que se formou antes dos conjuntos habitacionais, o Parque Ouro Verde. A partir desse ponto, alguns estabelecimentos se alternam com áreas de ocupação residencial rarefeita até a rotatória que dá acesso: do lado direito, ao bairro Alto da Boa Vista e Jardim dos Estados, ocupação decorrente também de loteamentos particulares, posterior aos conjuntos habitacionais e do lado esquerdo, ao Conjunto Parigot de Souza I, um dos conjuntos da Zona Norte, resultado da política habitacional do BNH e COHAB no município, iniciados na segunda metade dos anos 1970.

Após a rotatória do Terminal Ouro Verde, a avenida passa a se chamar Francisco Gabriel Arruda, sendo com esta denominação que adentra o Parigot de Souza I, cuja paisagem, especialmente do lado esquerdo, mantém ainda os traços dos primeiros tempos. Nesse lado, embora muitas das casas denominadas “populares” tenham passado por reforma ou ampliação, ainda se percebe a arquitetura padrão inicial, com volume na forma de cubo, tendo duas janelas na frente e porta de entrada ao lado. Hoje há anexos laterais em algumas dessas casas, com função de varanda e/ou garagem, integrados a jardins formados no recuo existente entre a casa e o alinhamento da calçada, bem como anexos frontais que invadem o recuo exigido pela Prefeitura,

¹⁶AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. p.36.

geralmente para abrigar atividades comerciais. O terreno, apesar de não muito grande, mesmo assim possibilitou, a muitos proprietários, a construção de edículas ao fundo, para acomodar melhor a família numerosa, uma vez que a casa original foi planejada para comportar no máximo dois quartos, sala/cozinha e banheiro¹⁷. Do lado direito da Gabriel Arruda, há edificações novas, geralmente de uso comercial, construídas em terrenos maiores, mais valorizados, pertencentes aos dois loteamentos já citados.

As imagens observadas, quando se transita pela Gabriel Arruda, se repetem ao se adentrar na Av. Saul Elkind. É como se a primeira fosse um portal de entrada, anunciando a paisagem da Saul, esta, no entanto com topografia e desenho diferentes. Em primeiro lugar, a Saul é transversal a esse longo trajeto percorrido, situando-se num espigão do município, a exemplo do centro antigo de Londrina. Em segundo, trata-se de uma artéria sinuosa, marca de sua origem, pois antes de ser urbana, foi estrada rural planejada pela CTNP, no ponto mais elevado que unia glebas rurais à cidade, entre elas o Heimtal.

Ao se adentrar a Saul Elkind, a impressão que se tem é a mesma experimentada quando se chega às pequenas cidades do interior do Norte do Paraná, o mesmo desenho, a mesma topografia: a rua principal, com função marcadamente comercial, mas que na origem foi estrada, artéria de ligação entre uma e outra cidade planejada pela CTNP.

A avenida que contém várias avenidas.

O reconhecimento da Saul, por meio da etnografia realizada durante trabalho de campo, nos levou à identificação de três porções, classificação decorrente de um minucioso levantamento dos seus equipamentos, usos e apropriações. São elas: *a porção leste*; *a mancha comercial com o seu miolo ou cuore*; *a porção oeste*.

a) A porção leste.



Fig. 2: Croquis sobre o início da avenida. 2013. Criação: Arquiteto Pedro Botti. Acervo das autoras.

Inicia-se nas proximidades da Dixie Toga, indústria de embalagens, localizada perto de uma rotatória, onde uma estrada, sem pavimentação, aflui para a Saul, compondo com ela uma paisagem que se assemelha mais ao rural do que ao urbano, produzindo no observador a visão da antiga estrada vicinal.

Para quem caminha no sentido leste-oeste, as primeiras quadras se apresentam com vários terrenos e algumas edificações vazias. Até a primeira praça, localizada à direita da avenida, o que se vê é uma ocupação mista – residencial e comercial – com predomínio de oficinas mecânicas e lojas de autopeças, comércio que se mostrará recorrente ao longo de toda a avenida. A primeira praça dessa porção conta com equipamentos destinados ao lazer e à prática de atividades físicas, como: academia a céu aberto, *playground*, campo de futebol suíço e alguns

¹⁷Análise técnica e acurada sobre detalhes construtivos encontra-se neste livro, no capítulo de autoria de Pedro Botti, intitulado *Evolução Urbana e Tipologia Arquitetônica da Avenida Saul Elkind*.

bancos destinados ao descanso dos transeuntes e frequentadores do local. Uma característica marcante desse logradouro que, inclusive se repete nas demais praças, é a sua rusticidade, devido às poucas árvores e ausência de paisagismo. Abordamos um senhor aparentando mais de sessenta anos que estava sentado em um dos equipamentos de ginástica, com o pretexto de falar sobre a Igreja situada próxima à praça ao que nos respondeu não ser morador da região e se encontrar de passagem. Percebe-se que tanto as praças quanto alguns terrenos vazios existentes na Saul Elkind servem como lugar de pausa ou de espera aos usuários do comércio local, bem como de exploração de comércio e serviços informais.

Depoimentos de moradores da região informam que nessa porção funcionou um cinema, o Cine Vitória, com seções diárias, apresentando filmes do circuito da cidade, todavia de curta existência. Reminiscências apontam, também, para o funcionamento de danceterias nessa porção, como a *Parô Ficô* e a *Quéops*, animadas por DJs com diferentes estilos musicais como: *funk*, *pagode*, *eletrô* e um pouco de *sertanejo*, uma vez que à época não era ainda tão difundido como hoje.

Durante os anos 1990 e início de 2000, aos finais de semana, observava-se uma vida noturna no local que não chegou a se constituir como uma *mancha* dentro da *mancha*. No entanto, pela falta de segurança decorrente de disputas entre grupos de jovens, conflitos passionais e atos de violência, os encontros e festas, por iniciativa dos próprios moradores, foram transferidos para o Centro Comunitário do Conjunto Maria Cecília. A solução encontrada pode significar que as relações sociais que se criam nos agrupamentos cujo convívio é orientado por laços de parentesco, relações familiares e de vizinhança podem ter sido decisivas para que os moradores estabelecidos num dos primeiros conjuntos habitacionais da região tivessem levado para o seu território a organização e realização *das festas e embalos de sexta e sábado à*

noite. Um jeito de conferir à comunidade a chance de participar da organização e realização do evento, bem como do seu controle e vigilância uma vez que nas festas compareciam pessoas estranhas ao *pedaço*.¹⁸

Tudo indica que a perda de suas incipientes atividades noturnas de lazer, o cinema e a dança, foi responsável pela paisagem atual dessa porção ser marcada por vazios de ocupação e uso, esvaziamento que se acentua quando se transita pelo local durante a noite.

b) A mancha comercial com seu miolo que também é cuore.

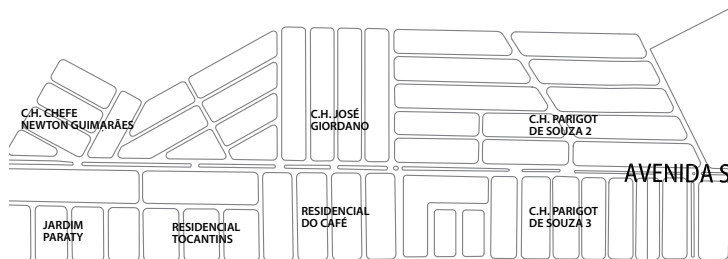
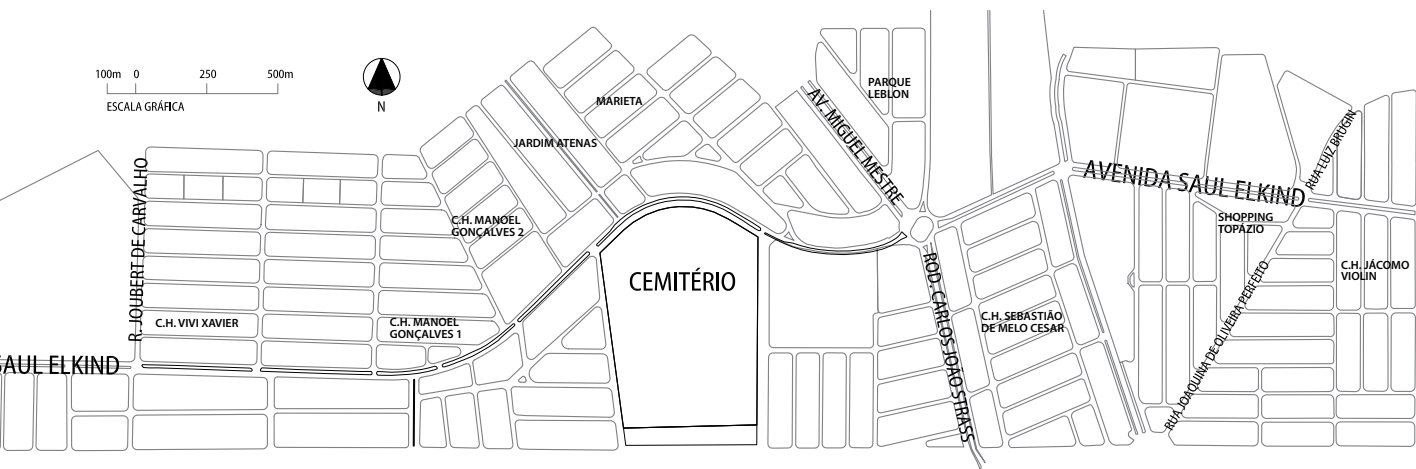


Figura 3: Croquis da mancha comercial com parte do seu miolo. 2013. Criação: Arquiteto Pedro Botti. Acervo das autoras.

¹⁸O *pedaço* é uma das categorias nativas propostas por Magnani, ou seja, expressão utilizada pelos indivíduos que compõem os grupos da periferia e significa (...) aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.p. 116-117.



Continuando o trajeto, sempre no sentido leste-oeste, percebe-se aglutinação de atividades e práticas ancoradas em edificações e equipamentos, formando uma mancha de comércio e serviços em extensa área compreendida entre o Centro Cultural Lupércio Luppi e o ponto onde a Saul deixa de contar com o seu canteiro central, perdendo seu jeito de avenida e transformando-se numa via que, embora larga, assemelha-se mais a uma rua.

Essa segunda porção, de aproximadamente 4,5 Km, oferece um comércio com predomínio de lojas de materiais de construção, oficinas mecânicas, revenda de carros e motos, mas, sobretudo, uma variedade de produtos e serviços surpreendente aos olhos do observador.

Moradores da região, ao definirem a Saul como a avenida *que tem tudo*, dizem também que ela *é tudo*, demonstrando reconhecer a sua diversidade comercial, a variedade de produtos e de serviços necessários aos que habitam a Zona Norte, mas também, a expressão se deve ao reconhecimento de funções comerciais que se aprimoram e se sofisticam com a chegada de grandes lojas do centro antigo da cidade.

Ao usarem a expressão *Saul é tudo*, reconhecem, em especial, no trecho entre o Centro Cultural e a Rua Caboclinho, a existência de um *miolo*.

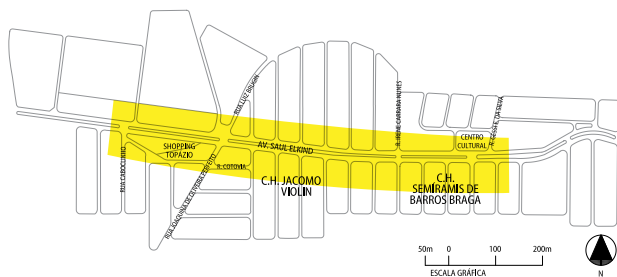


Fig. 4: Croqui apresentando o miolo ou cuore. 2013. Criação: Arquiteto Pedro Botti. Acervo das autoras.

Onde a avenida não se constitui apenas como lugar de comércio, mas também como cenário de muitas sociabilidades: de lazer, de manifestações políticas e culturais, de comemorações esportivas e de um acontecimento semanal já reconhecido por alguns moradores como patrimônio cultural da Zona Norte, capaz de atrair frequentadores do centro de Londrina e de municípios vizinhos. Trata-se da Feira Livre que ocorre aos domingos, na Saul Elkind.

A feira é uma delícia. A feira é “povão”, você não fica medindo muito o que vai falar. Do jeito que quiser falar, você fala. (Claudia P. S. Senna, moradora do Parigot de Souza I).

O emprego aqui do termo patrimônio cultural é no sentido imaterial, complementar à noção de *patrimônio material*, isto é,

[...] entendido por um conjunto de práticas – lugares de encontro, comportamentos, gestos, ditos, receitas, brincadeiras, festas – algumas efêmeras, outras sem suporte material durável, outras ainda, resultado da conjunção de uma multiplicidade de elementos constitutivos.¹⁹

O *miolo* da Saul conta com quase todas as funções do centro antigo da cidade: comércio de produtos e bens duráveis os mais variados; serviços contábeis, advocatícios, médicos e odontológicos, os dois últimos em menor quantidade; bancos e financeiras, corretoras, farmácias, restaurantes, confeitarias, sorveterias e bares.

¹⁹Id. Ibid. p. 8-9.

O que chama atenção do visitante é também a existência de elevado número de academias de condicionamento físico. A aglomeração de atividades terciárias da economia nesse trecho se deve ao fato de estar localizado na área de início dos primeiros conjuntos da Zona Norte. Desenvolveu-se a partir das primeiras iniciativas de comércio dos próprios moradores que, pela distância em relação ao centro da cidade, perceberam a chance de atender às necessidades de consumo essenciais de quem passou a residir nos cinco primeiros conjuntos habitacionais: João Paz, Luiz de Sá, Semiramis de Barros Braga, Maria Cecília e Sebastião de Mello César.²⁰

Hoje, é notável a diversificação e mesmo certa sofisticação do comércio e da prestação de serviços nesse miolo que também é *cuore*²¹ da Saul Elkind.

Igrejas evangélicas também são encontradas em número elevado nessa porção, embora sua presença recorrente se dê a ver em toda a extensão da Saul. No entanto, o que mais ganha relevo, nesse cuore é que as edificações que abrigam essas igrejas são muito parecidas com as lojas, geralmente construídas no alinhamento das calçadas, algumas com vidro temperado na fachada, sugerindo adaptação de espaços construídos para abrigar o comércio. O efeito que provocam no observador, é que na Saul existe uma convivência físico-espacial entre atividades econômicas e religiosas, sugerindo uma estreita relação entre práticas espirituais e o “ethos do trabalho”, talvez um indício de que tais igrejas pentecostais não sejam tão avessas ao isolamento e ao mundo do consumo, propensa a uma “teologia da prosperidade”, como considera Reginaldo Prandi, adequando-se às aspirações da classe média e a um novo estilo de vida com melhor padrão de conforto.

²⁰Cabe registrar que não há consenso sobre quais seriam os cinco primeiros conjuntos habitacionais da região, pois ora são citados outros como o Aquiles Stengel. Optamos por considerar os apontados pelos nossos informantes, durante a pesquisa empírica.

²¹O termo italiano cuore, é aqui empregado não apenas no sentido de um coração que pulsa e dá vida às partes do corpo da cidade, mas, sobretudo, com o significado de centro, base e essência da vida na urbe, com sentido semelhante a miolo, termo nativo empregado por uma moradora do Parigot I ao identificar a formação de uma centralidade, na Saul Elkind, com várias funções urbanas que se espraiam não apenas pela avenida, mas, sobretudo por todos os conjuntos e bairros da região.

Pudemos, inclusive, observar a realização de cultos durante uma terça-feira, pela manhã, em horário de intensa atividade econômica, nesse trecho em que o comércio e a prestação de serviços se adensam na Saul.²²

Enquanto o comércio informal se instala preferencialmente em terrenos vazios da avenida – com venda de flores, plantas, frutas, bem como aluguel de veículos para transporte de mercadorias – encontramos bancas com livretos e materiais de divulgação de igrejas evangélicas instaladas nas calçadas, distribuição geralmente feita por mulheres adeptas dessas religiões.

É visível que no chamado *miolo*, desenvolveu-se uma dinâmica de usos e apropriações da avenida que fazem dele o seu centro. Embora seja um espaço urbano com intenso uso do automóvel, função bastante proeminente em toda a Saul, o que diferencia esse trecho dos demais é a presença de um expressivo número de transeuntes, pessoas que o percorrem para efetuar suas compras, mas também em busca de lazer e de outras formas de vivenciá-lo, como visita ao Sebo e às mostras e atividades do Centro Cultural.

Não há como deixar de notar nesse pequeno *cuore* urbano os maiores investimentos públicos, tanto em infraestrutura, como na instalação de serviços administrativos voltados para a população em geral. Nele, além do Centro Cultural que é vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, há uma unidade da Guarda Municipal, sendo que as unidades da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, bem como a Estação de Água e Esgoto situam-se muito próximas a esse núcleo, dentro da *mancha comercial*. Nota-se que o policiamento ostensivo é mais intenso nesse “miolo” da Saul do que nas outras

²²É certo que tais observações têm aqui um caráter de hipótese para investigações futuras dessa questão, uma vez que a manifestação de uma “teologia da prosperidade” é recente e segundo Prandi, decorre de uma adaptação do pentecostalismo às novas condições brasileiras de um governo que propala a emergência de “uma nova classe média”. Se a teologia da prosperidade realmente se confirmar no Brasil, segundo o sociólogo, não estaríamos diante de uma conversão cultural dos brasileiros ao pentecostalismo, mas sim diante de uma conversão desses evangélicos ao Brasil contemporâneo. PRANDI, Reginaldo. Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima, 27/07/2013, <http://folha.com/no1313525>, acesso em 14/10/2013.

porções. Apesar das calçadas serem largas, a administração municipal, com o objetivo de incentivar a frequência ao *cuore*, fazendo dele um espaço público de convivência, instalou bancos nos seus canteiros centrais, estes em posição elevada em relação ao asfalto, com o objetivo de proteger o usuário dos carros que trafegam na avenida. Há ainda um maior número de semáforos, lixeiras e placas indicativas com o nome das ruas transversais quando se compara com outros trechos da avenida.

Na sua origem, o comércio nesse *miolo* foi iniciativa de moradores dos primeiros conjuntos habitacionais, mas à medida que novos conjuntos surgiram como Parigot de Souza I, II e III, Manoel Gonçalves, Vivi Xavier, Chefe Newton Guimarães, entre outros, essa atividade econômica foi se complexificando. Enquanto o planejamento dos conjuntos habitacionais não previam áreas destinadas ao comércio, os vários loteamentos privados que ofereceram terrenos maiores e infraestrutura adequada a construções de habitações com padrão mais elevado, como Alto da Boa Vista, Maria Celina, Everest, Leblon, etc. previram a instalação de unidades comerciais. O resultado dessa diferença pode ser observado hoje na Saul Elkind onde, por um lado, há trechos que correspondem aos conjuntos habitacionais em que as lojas comerciais se instalaram de forma mais precária, muitas vezes em edificações residenciais adaptadas. Por outro, nas áreas da avenida que são contíguas aos loteamentos, percebe-se claramente a destinação de terrenos maiores e apropriados ao comércio.

À medida que novos conjuntos habitacionais foram surgindo e os loteamentos proliferando, esse tipo de ocupação fixou um grande número de moradores, um expressivo contingente de consumidores, atraindo, desse modo, investidores maiores. Mais recentemente, grandes empreendimentos do centro da cidade se instalaram nessa porção da Saul que hoje abriga lojas de departamentos como o Magazine Luiza, Casas Bahia, a Colombo, bem como Casas Ajita, Bolivar Calçados

e uma unidade da rede Boticário. Se existe um lugar onde a dinâmica urbana se mostra com maior vigor e de modo diversificado, esse local é o “miolo” ou *cuore*, onde as múltiplas cenas coexistem ou se sucedem nesse trecho da Saul.

Durante os dias da semana, o comércio prevalece, contudo há muitas situações que sugerem um uso da avenida em que o tempo é vivido de modo “circular”. Vê-se, por exemplo, jovens mães transitando com seus bebês em carrinhos, idosos conversando entre si, especialmente nos terrenos vazios que cumprem função de praça e em longas filas de lotéricas.

A avenida dá sinais também de que nela existe um circuito cultural que liga o seu Centro Cultural aos museus do centro antigo da cidade. Durante os meses de trabalho de campo, visitamos duas exposições nesse espaço da Saul Elkind: “*Ouro Verde Nossa Paixão*”, mostra sobre o cinema londrinense construído na década de 1950, atingido recentemente por um incêndio, projeto de Vila Nova Artigas, edificação tombada, em 1989, pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (CEPHA-PR); e *A pintura gestual de Claudio Costa*, com vernissage no Museu Histórico do Município de Londrina e no Museu de Arte de Londrina, respectivamente.²³

Nossas idas a campo durante a noite, principalmente nos finais de semana, revelaram que uma forma de lazer na avenida, em especial no *cuore*, consiste em circular por ela de carro ou moto, no embalo dos sons instalados no primeiro, como se fosse a maneira de marcar a presença, em altos decibéis, de seus condutores com acompanhantes, sobretudo de amigos.

O movimento diário de compras e busca de serviços, à noite, é substituído pela frequência aos bares, lanchonetes e restaurantes.

Na noite de 3 de maio de 2013, programamos um encontro na *Rosso Pomodoro*, pizzeria que começou a funcionar no *cuore*, uma vez que seu proprietário é da região, mas hoje conta com mais duas unidades em Londrina, a primeira na Higienópolis, tradicional avenida situada no centro antigo e no *Londrina Norte Shopping*.

Observamos que a frequência era predominantemente de famílias locais que saboreavam pizzas ou outras massas, especialidades da casa, dividindo suas atenções entre a conversa e as imagens dos aparelhos de TV que, ligados na Rede Globo, transmitiam o último capítulo da novela *Salve Jorge*. O jantar não havia ainda terminado, quando uma das pesquisadoras dirigiu-se até a porta de entrada do estabelecimento. Pode constatar que na rua o movimento maior era de veículos e não de transeuntes. Em conversa com um dos garçons, ouviu que o *pizzaio* era o proprietário e que suas receitas haviam caído no gosto do londrinense, o que explicava a expansão daquela unidade para outros pontos da cidade, inclusive na Higienópolis, local onde se encontram alguns dos melhores restaurantes da cidade.

Em virtude de a Região Norte ser apontada como uma das mais violentas de Londrina, perguntamos ao mesmo garçom sobre a segurança do restaurante, ao que nos respondeu que nunca a pizzeria tivera problemas com assaltos ou qualquer outro tipo de violência. Como morador do bairro, disse sentir-se também seguro.

Em outras ocasiões que estivemos no campo, à noite, pudemos observar, ainda no *cuore*, lanchonetes e pastelarias que servem seus clientes em mesas nas calçadas, revelando redes de sociabilidade que, originárias nos bairros próximos à Saul, nela se expandem e se misturam. Esse cenário se repete em outros pontos da mancha comercial.

Durante o dia, em nossos trajetos pela *mancha*, percebíamos as nuances do seu comércio. Enquanto que no *cuore* há diversidade de produtos para compra, nas lojas de *biju*, de confecções, cosméticos, calçados, e a existência de bons restaurantes, confeitarias, *delicatessen*,

²³Por *circuito*, Magnani entende a categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (...). Id. Ibid. 2012, p. 97

pizzarias que justificam a sua procura pelos seus frequentadores habituais, na porção oeste e contígua a ele, apesar de haver também diversificação do comércio, não se encontra variedade e sofisticação semelhantes. Esse trecho, na realidade, constitui um *matiz* da *mancha* comercial formado também por unidades de grandes empresas como os supermercados Mufatto, Super Golf, Maxxi Atacado e Santarém. É nessa área que, como já dissemos, encontram-se edificações e equipamentos urbanos que levam até a Zona Norte serviços públicos essenciais, como segurança, saneamento (água e esgoto) e o cemitério municipal. Existe nessa região fronteira ao *cuore*, um importante enclave comercial, que liga a avenida e o seu comércio a uma das principais associações da classe patronal londrinense. Trata-se de um escritório da Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL), cuja sede funciona no centro antigo da cidade. Visitamos essa unidade em busca de dados e informações sobre o comércio e a indústria da Saul Elkind, ao que nos informaram que ela se ocupa em especial com a comunicação e divulgação do comércio local junto à mídia.

Bem próximo a esse escritório, no lado leste da rotatória que dá acesso ao Heimtal, há o *Shopping Planet*, empreendimento de capitais londrinenses, cuja implantação e características construtivas se assemelham ao *out let* americano. Percorremos todo o Planet, o que nos possibilitou perceber que na sua primeira implantação seus corredores não eram cobertos, o que lhe conferia maior luminosidade. Hoje, após a instalação de cobertura, a sensação que se tem ao transitar por seus espaços de circulação é de certo confinamento, uma vez que tais espaços não são largos, pois foram planejados para que a circulação dos usuários ocorresse a céu aberto.

O que constatamos é uma subutilização do *shopping*, com muitos espaços, destinados à locação, fechados, isto é, com suas atividades encerradas. Estimamos que o seu funcionamento restringe-se, hoje, a 40% de sua área total. O que mantém ainda o seu

funcionamento, embora muito abaixo de sua capacidade, são as Lojas Americanas e algumas lanchonetes na praça de alimentação. Das lojas menores que lá permanecem, há predomínio de confecções (jeans e roupas country; infantis), bijuterias e calçados. O clima de decadência só não se instalou definitivamente, por conta da proximidade do Mufatto, grande supermercado com estacionamento que oferece acesso direto ao Planet. Conversamos com funcionários da praça de alimentação que confirmaram o encerramento de atividades de muitas lojas que lá funcionavam. O fato desse empreendimento não ter alcançado êxito se deve, em nossa opinião, a um conjunto de fatores.

O primeiro deles, como nos disse a proprietária de uma pequena empresa de moto-taxis existente nas proximidades do *Planet*, é o alto preço das unidades disponíveis para aluguel. O segundo é devido à dinâmica urbana do *cuore* que oferece, além de um comércio parecido com o existente em *shoppings*, múltiplos usos e apropriações aos seus frequentadores, dinâmica responsável por uma expressiva identificação dos moradores da região com esse miolo. Por último, há de se considerar a recente inauguração do *Londrina Norte Shopping*, um grande complexo de compras, lazer e entretenimento, situado próximo à Saul, na Zona Norte.

Um pouco antes da rotatória que dá acesso ao Heimtal, adentramos a Rua Frederico Ozanan, uma transversal da avenida, situada à esquerda de quem caminha no sentido leste/oeste. Na verdade, adentramos o conjunto Sebastião de Mello César, um dos cinco conjuntos iniciais. A rua introduz o transeunte numa paisagem absolutamente diferente da avenida, pois faz parte de um “xadrez” de ruas estreitas, com lotes pequenos, abrigando também pequenas residências que ainda mantêm o antigo repertório arquitetônico de conjunto habitacional. Ao se referir a essa paisagem que se contrapõe à avenida a proprietária do serviço de moto-taxi, à qual já nos referimos, disse: “Olha, aqui é só residência. O comércio (...), ou quando tem uma Igreja, é adaptação. Daquela esquina, pra frente, ainda tem muita casa oca.”

Quando usam a expressão “casa oca”, tanto nossa interlocutora como outros moradores da região querem se referir à condição em que a COHAB entregava boa parte das moradias aos primeiros habitantes, isto é, sem repartições internas, a não ser a correspondente ao banheiro.

Depois do Shopping Planet, que com os supermercados Mufatto e Maxxi, imprimem um tom diferente na *mancha*, uma vez que ocupam grandes terrenos contíguos, a avenida começa a mostrar uma vocação de comércio que se repete praticamente em toda a sua extensão, isto é, uma recorrência de lojas de materiais e equipamentos da construção civil, agências de revenda de automóveis, de vendas e revendas de motos e oficinas mecânicas. Tal recorrência se deve à expansão urbana na região materializada em muitas construções novas. A forte presença do comércio e serviços de manutenção de automóveis e motos nos pareceu estar na origem da avenida que nasceu de uma estrada rural, sendo hoje uma longa artéria implantada numa região bastante distante do centro antigo de Londrina. Isso significa que tanto os trajetos longitudinais como os transversais da Saul requerem preferencialmente o uso de veículos motorizados.

Nesse trecho da *mancha comercial*, encontra-se o Cemitério Municipal Jardim da Saudade, produzindo em quem por ali passa certo estranhamento, próprio dos espaços que, pela sua destinação e uso destoam das funções prevalentes das manchas, apesar de com elas dialogarem. Se tomarmos como referência a família de categorias formulada por José Guilherme Cantor Magnani, percebe-se, de imediato que o Jardim da Saudade não se configura como *pórtico* porque não é visto como espaço liminar pelos frequentadores da rua e moradores das imediações.

O estranhamento produzido na paisagem, pelo cemitério, sugere uma dialogia composta por linguagens construtivas e simbólicas existentes entre ele e a porção da avenida onde se situa.²⁴ Após o Jardim da Saudade, as funções comerciais da *mancha* passam a conviver com um número maior de residências – tanto as mais simples originárias dos conjuntos habitacionais como as mais recentes construídas nos trechos dos loteamentos particulares – todavia, na altura do cruzamento da Gabriel Arruda, uma nova aglutinação de equipamentos e edificações públicos se dá a ver, revelando a presença da administração municipal na Saul Elkind.

Estamos nos referindo ao Terminal Rodoviário Urbano do Vivi Xavier, e à Unidade Básica de Saúde - UBS Parigot III, unidades que fornecem serviços de transporte urbano e saúde. A educação é oferecida na região por vários Colégios Estaduais e Escolas Públicas Municipais situadas próximas à Saul, sendo que o acesso à maioria delas não ocorre diretamente pela avenida, pois estão implantadas em quadras contíguas ou próximas a ela. Referimo-nos aos Colégios Estaduais Lúcia Barros e Olympia Tormenta e às Escolas Municipais Moacyr Camargo Martins, Cláudia Rizzi e Jovita Kaiser.

²⁴O capítulo deste livro, intitulado Quando eu me chamar saudade, de autoria de Bruno Sanches, é uma incursão nesse terreno de probabilidades discursivas existentes entre o cemitério e a urbe.

Após essa aglomeração, a mancha comercial torna-se cada vez mais de uso e apropriação mista, aumentando o número de residências, mas também de terrenos vazios. Mesmo com essa clara mudança de paisagem, a vocação para o comércio se faz presente nesse trecho, pois, placas de corretoras de imóveis aparecem fixadas, em terrenos baldios, anunciando sua locação ou venda, tentando induzir o uso comercial.



Fig. 5: Placa afixada em terreno vazio. 2013. Ft. Adrieli M. Oliveira, Grazieli M.F. Yoshimoto. Acervo das autoras.

Ao perder o canteiro central, a Saul perde também o seu perfil de avenida, assemelhando-se a uma rua como tantas outras dos bairros periféricos da cidade.

c) A porção oeste.

À medida que se adentra a porção oeste, a *mancha comercial* se esvanece, extinguindo-se totalmente ao final e a paisagem se torna diferente, se assemelhando, mais uma vez, a uma estrada, a exemplo do seu início. É possível dizer que a avenida, um logradouro de múltiplas funções, no seu final, deixa de ser urbana, revelando uma paisagem rural com plantações de trigo ou soja, de um lado, e empreendimentos residenciais em construção, de outro.

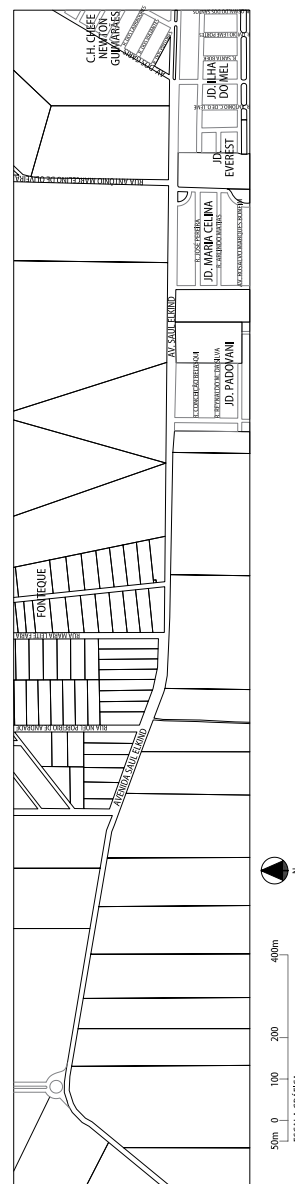


Figura 6: Croquis de quando a paisagem da Saul se assemelha ao rural. 2013. Criação: Arquiteto Pedro Botti. Acervo das autoras.



Figura 7: Da Saul, a imagem do Vista Bela. 2013. Foto: Ana C. C. Cesário, Adrielly M. Oliveira. Acervo das autoras.

É nesse trecho que se vê, do alto da Saul, o Vista Bela, um conjunto habitacional resultante do projeto Minha Casa Minha Vida. Em seu isolamento, sua imagem nos transporta a um passado, quando tanto a Saul como os primeiros conjuntos habitacionais da região apresentavam infraestrutura incipiente resultando também em segregação espacial, com condições materiais áruas de existência e modo de vida caracterizado pela dificuldade cotidiana.

No início, a Av. Saul não era asfaltada, tínhamos que sair da nossa rua já asfaltada, para pegar o ônibus na avenida sem asfalto. Hoje a Saul é um céu.” (Romilda C. Citon, moradora do Conjunto Semiramis Barros Braga).

3. No *miolo* ou *cuore*, o acontecimento transforma o comércio em lazer.

Na verdade, nosso primeiro trajeto etnográfico na Saul Elkind, ocorreu no dia sete de abril de 2013, num domingo, pela manhã, quando chegamos na avenida, pela Feira Livre que lá se realiza semanalmente há quase trinta anos. Hoje, avaliamos que a paisagem do cuore da Saul apresentou-se pelo seu avesso, isto é, na manhã em que o comércio informal rouba a cena do comércio formal que lá existe.

Tínhamos como primeira orientação do trabalho de campo, uma publicação de pesquisadora da área de geografia da UEL, intitulada a *Feira Livre da Saul Elkind*, portanto já sabíamos da localização da feira na avenida e dos setores que a compunham. De certo modo, já contávamos com “uma carta de navegação”, em nossa primeira exploração, que nos indicava a sua localização, extensão, a existência de três tipos de comércio na sua composição, bem como informações sobre a sua origem, permanência e relação com o comércio local e da cidade.

Nossa intenção era observar in loco os onze quarteirões, divididos em três setores: a feira de produtos hortifrutigranjeiros que ocupa 5 quarteirões; os camelôs, sem regulamentação, compreendendo também 5 quarteirões e a feira do produtor, organizada pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SMAA), com apenas um quarteirão. Uma geografia daquela porção da avenida que depois identificaríamos como o seu *miolo* ou *cuore*.



Figura 8: Lazer no setor feira livre.2013. Foto: Elton Mitio Yoshimoto. Acervo das autoras.



Fig. 9: Produtos do setor feira livre. 2013. Foto: Elton Mitio Yoshimoto. Acervo das autoras.



Figura 10: Setor feira do produtor. 2013. Foto: Elton Mitio Yoshimoto. Acervo das autoras.



Fig. 11: Serviços informais na Feira da Saul. 2013. Foto: Elton Mitio Yoshimoto. Acervo das autoras.

Sabíamos também que a feira livre tivera sua implantação e desenvolvimento a partir do sentido leste-oeste, da mesma forma como aconteceu a expansão da própria avenida. O “mapa” de que dispúnhamos indicava que a feira livre de produtos hortifrutigranjeiros iniciara-se

na esquina com a Rua Lázaro José Carias de Souza, terminando na esquina com a Rua Cará Cará. A partir daí, tem-se o camelódromo que cruza a Rua Arara Azul, chegando até a Rua Joaquina Oliveira Perfeito onde inicia-se a feira do produtor, feira esta que termina na Rua Caboclinho.

As informações bibliográficas que obtivemos registravam que, enquanto a feira livre lá se organizava entre os anos 1982 e 1983, a do produtor fora inserida no ano de 1994 – conforme informações da Secretaria Municipal da Agricultura e Abastecimento de Londrina, órgão regulamentador da feira do produtor – e que os camelôs lá também começaram a atuar nos anos 1990, de forma não regulamentada, situação que continua até os dias atuais¹.

Naquele domingo, chegamos à feira às 10h20, aproximadamente, pelo seu lado oeste, ou seja, no ponto do cruzamento da Saul Elkind com a Rua Caboclinho, onde se localiza a feira do produtor. O que chama atenção, para quem chega é o grande número de carros estacionados e não somente de caminhões e utilitários, o que denota que os compradores e frequentadores não são somente de moradores próximos à feira. A descrição de que dispúnhamos não mencionava a presença de vendedores que se instalam à margem da feira do produtor, nas calçadas, expondo artesanatos - principalmente tapetes e panos de pratos – roupas confeccionadas em casa, e um volume expressivo de roupas, sapatos e acessórios usados que são colocados nas calçadas, margeando o início da feira do produtor.

A impressão é de que esse comércio, que fica às margens, dá a ver, ao visitante, um pouco da vida privada e mesmo da intimidade das classes populares que para lá acorrem em busca de renda complementar. Conversamos com um desses expositores que vendia tapetes, panos de pratos e bermudas confeccionadas pela sua sogra e que nos disse ser aquela uma atividade econômica complementar de final de semana, uma vez que era vigia da empresa que explora as rodovias do Norte do Paraná, a ECONORTE.

Os donos de uma das barracas desse primeiro setor informaram ser do Distrito da Prata, município de Cambé. Era um típico casal de sitiantes, produtores de hortifrutigranjeiros, como as demais que compõem esse setor e oriundos de distritos rurais de Londrina como Limoeiro, Warta, Heimtal, etc, como também da zona rural de Cambé e Ibioporã. Outro ponto de venda que nos chamou atenção, de modo particular, foi a de calçados artesanais de couro, com domínio de botinas, cuja maior produção é originária de uma fábrica de Cambé. Nossos primeiros contatos com a feira indicavam que não se tratava simplesmente de um evento local, mas inseria-se na região metropolitana de Londrina, pois trazia para a Saul Elkind tanto vendedores como compradores de outros municípios próximos.

O segundo setor, dos camelôs, revelou-se o mais densamente ocupado e frequentado. Caminhar por ele constitui tarefa difícil porque o transeunte se vê envolvido por uma multidão que se movimenta lentamente entre os vários produtos: brinquedos, eletrônicos, roupas, calçados, acessórios, eletrodomésticos, produtos de cozinha – panelas, pratos, talheres, etc. Percebe-se que a origem dessa mercadoria é do Paraguai e do comércio de São Paulo, em especial da Rua 25 de Março. Quem anda por esse setor, fica sujeito a sons e odores mais intensos do que no primeiro setor. Os discos *funks* e os de *hip hop* não só ficam expostos como são os mais tocados, predominando sobre qualquer outro estilo musical. É um subsetor onde a população jovem prevalece, tanto entre os que vendem como entre os que compram.

Por último, chegamos ao setor que deu origem à feira o de hortifrutigranjeiros com preponderância dos feirantes que vendem quase que diariamente também em outras feiras do centro e de bairros da cidade. Nossa chegada se deu num momento em que os produtos já estavam se escasseando, com preços mais baratos. Encontramos, inclusive, o tomate –

¹SANTOS, Andréa Rodrigues do. A Feira Livre da Saul Elkind em Londrina-PR. In GEOGRAFIA Revista do Departamento de Geociências v. 14, n. 1, jan./jun. 2005

naquela semana com os preços inflacionados – a valores menores do que os de mercado. Neste setor, as barracas com alimentação são mais frequentes do que nos dois outros. Paramos numa das barracas de pastéis Picinini, uma rede que se distribui ao longo de toda a feira.

Interessante foi perceber que partes da geografia da feira dialogam de modos diferentes com o comércio formal do *cuore*, este mantendo algumas lojas abertas, mesmo sendo domingo. Por exemplo, a barraca em que comemos pastéis se localiza em frente ao Sebo da avenida, geralmente em funcionamento. A venda das botinas instalada próxima a uma loja de calçados que naquele dia também permanecia aberta. Pudemos observar ainda que móveis artesanais são colocados à venda na calçada do Magazine Luiza com suas portas cerradas.

Nesse primeiro dia de etnografia, não podíamos imaginar as tantas outras cenas que se sucedem nessa porção da Saul, por conta das redes de sociabilidades ali vivenciadas.

As manifestações políticas eleitorais que costumam invadir a Saul Elkind, bem como as comemorações esportivas. A vitória eleitoral de Beto Richa, atual Governador do Paraná, em 2010, com votação expressiva em Londrina, em virtude do apoio recebido por Antônio Belinati, político com forte apoio dos eleitores dos Cinco Conjuntos, foi um acontecimento bastante concorrido, lembrando os comícios realizados pelo ex-prefeito, principal responsável pela implantação da política habitacional em Londrina e na região.

Manifestações da sociedade civil londrinense também acontecem nesse trecho. Durante a pesquisa, participamos, no dia 13 de julho de 2013, da *IV Pedalada Zona Norte Contra as Drogas*. Na realidade, essa manifestação ocorreu na mancha, em área muito próxima ao *cuore*, organizada por liderança local e empresas da localidade.



Fig. 12: Ponto de chegada da pedalada. 2013. Foto: Adriely M. Oliveira. Acervo das autoras.



Fig. 13: Foto da Pedalada na Saul Elkind. 2013. Foto: Adriely M. Oliveira. Acervo das autoras.

O seu início foi em frente à loja Norpave, sendo que no seu estacionamento ocorreram os últimos preparativos para a largada da *pedalada*, com término programado para um terreno vazio, ao lado da Farmácia Nissei, portanto um pequeno trajeto, de aproximadamente 600 metros, medida provavelmente adotada por conta da presença de crianças pequenas em rua movimentada.

Chegamos ao evento por volta das 14h45 e logo percebemos, entre os participantes, a maior presença de pais acompanhados de seus filhos que contavam com caminhão de som animando as atividades e com apoio de ambulância salva-vidas e funcionários da Companhia Municipal de Trânsito Urbano (CMTU) que lhes davam cobertura. Durante conversa com uma senhora acompanhada de seu filho de 6 anos, ouvimos dela que, pela primeira vez, participava da atividade. Enfatizou a importância do evento, por significar, para ela, um modo interessante de conscientização para o enfrentamento ao uso das drogas. Disse morar na região norte, desde que chegou à cidade, há 10 anos.

Em conversa com membros de uma única família (pai, mãe, filha e tia), a criança de apenas 5 anos manifestou muita vontade de que seus pais fossem os ganhadores do sorteio da TV que se realizaria durante o show de encerramento. Sabia de todos os detalhes que envolviam o sorteio, desde a inscrição paga com 1kg de alimento não perecível, até os detalhes dos prêmios sorteados, já que além da TV havia também uma bicicleta em sorteio. Sua mãe se manifestou sobre o evento, com a seguinte frase: _ “É desde cedo que se começa a conscientizar as crianças sobre os perigos das drogas”.

A organização e divulgação do evento foram de iniciativas de uma liderança da Saul Elkind, com apoio da RPCTV, havendo distribuição de bandanas com *logo* de uma das empresas patrocinadoras. No ponto de chegada havia palco montado para o show de um grupo de pagode e samba o *Para de Bobeira*. As demais atividades eram voltadas ao público infantil, como camas-elásticas, presença de dois malabaristas com pernas de pau, carrinhos com distribuição gratuita de pipoca, algodão doce e refrigerante, havendo também apresentação do *Circo Volare*.

Nossa participação nesse evento, num bairro muitas vezes considerado violento – tanto pela mídia como pelo senso comum – significou presenciar uma manifestação que, de modo sutil e trivial, assemelhando-

se a uma “festa”, buscou mobilizar especialmente crianças e jovens para que pudessem compartilhar a Rua como espaço público de uso e fruição, seguro e adequado ao convívio social.

Manifestações festivas em dias de vitórias de time de futebol, especialmente quando se trata do Corinthians, também têm a Saul como cenário de comemoração de torcedores. Tanto no caso de acontecimentos político-eleitorais como nos esportivos, várias comemorações iniciadas no core ou em outros pontos da Saul, acabam se dirigindo à Avenida Higienópolis, e outros pontos do centro antigo de Londrina.

É como se, apesar das desigualdades e diversidades sociais, a urbe comportasse *circuitos* que, de modo intermitente, expressassem, publicamente, símbolos e signos que, embora marcados por assimetrias, compõem relações simbólicas entre a periferia e o centro.

Ao concluirmos este capítulo, podemos afirmar que a experiência etnográfica nos deu a compreensão de uma *mancha* que sugere a existência de uma nova centralidade urbana em Londrina, uma avenida que, na sua origem, sendo resultado de política pública voltada para a moradia popular, nasceu em condições precárias. Contudo, se fez Rua, construída e inventada por seus usuários e moradores movidos pelo desejo que anima os cidadãos na luta pelo direito à cidade.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina. 1930-1960*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Assis, SP, 1991.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. *Participação dos operários de origem rural em área urbana*. Londrina PR. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti; ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. *Memória e Cotidiano do Bosque*. Londrina: EDUEL, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não lugres: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Industrialização e pequenos empresários em Londrina*. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

_____. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira. Um estudo de poder local*. Londrina-PR (1934-1979). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.

_____. *Norte Novo: a expansão da fronteira e seu conteúdo simbólico*. In: PAZ, Francisco (org.) *Cenários de economia e política*. Paraná. Curitiba: Prephacio, 1991.

MAGALHÃES, Leandro H. (org.) *Rua Sergipe: patrimônio cultural londrinense*. Londrina: EdUnifil, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Jun. 2002, v.17, n.49. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 18/10/2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. (org.) *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. 3ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2012.

MAIA, Deise. *Abaixo da linha*. Casoni: uma vila da cidade Londrina. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993;

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *O Patrimônio Ambiental Urbano*, In *Comunidade Em Debate: Patrimônio Ambiental Urbano*. São Paulo:

EMPLASA/Secretaria Estadual do Desenvolvimento Metropolitano, 1978. p. 20-33.

PRANDI, Reginaldo. *Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima*, 27/07/2013, <http://folha.com/no1313525>, acesso em 14/10/2013.

SANTOS, Andréa Rodrigues do. *A Feira Livre da Saul Elkind em Londrina-PR*. In *GEOGRAFIA Revista do Departamento de Geociências* v. 14, n. 1, jan./jun. 2005.

ZANI, A.C. *Repertório Arquitetônico e Sistema construtivo das Casas de Madeira*. Londrina-PR. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1981.

Capítulo 5
**Discurso e Reminiscências
da Saul Elkind.**

Discurso e Reminiscências da Saul Elkind.

Ana Cleide Chiarotti Cesário¹

Adriely Martini Oliveira²

Grazielle Maria Freire Yoshimoto³

As cidades, como sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

(Italo Calvino. As cidades Invisíveis.)

A ruas da cidade são lugares onde se inscreve a história circunstancial, muitas vezes chamada de pequena história, feita de personagens, ações, acontecimentos, grupos e instituições, uma narrativa que pode ser interpretada por aqueles que a vivenciam no presente ou que participaram de sua construção no passado, isto é, seus protagonistas e coadjuvantes. É assim que a urbe comporta leituras múltiplas, interpretações que consistem em liberar sentidos, submetendo-os a um trabalho que somente a memória é capaz de realizar, unindo o tempo ao espaço, tecendo a memória da cidade por meio dos fios das reminiscências individuais.

Quando caminhávamos pela Avenida Saul Elkind e tentávamos interpretar suas diferentes linguagens – equipamentos, paisagem, usos, apropriações, e sociabilidades –, sentíamos-nos um pouco estrangeiras. Apoiadas pelos recursos metodológicos de que dispúnhamos, fomos, gradativamente, nos familiarizando e nos sentindo parte da dinâmica da Rua. Sabíamos, contudo, que nossa leitura precisaria se apoiar ainda mais nas interpretações de seus usuários e moradores das proximidades, como diria François

¹Cientista Social, Doutora em Ciência Política, Professora Titular aposentada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda).

²Cientista Social, Especialista em Metodologia do Ensino Superior e pesquisadora do IPAC-Lda.

³Cientista Social, Pós-graduanda em Mídias na Educação e pesquisadora do IPAC-Lda.

Laplantine, impregnarmos mais do nosso objeto e, assim, “interpretar a sociedade estudada utilizando os modos de pensamento dessa sociedade, deixando-se, por assim dizer, *naturalizar* por ela”⁴.

As conversas ocasionais que mantínhamos com transeuntes da avenida, sugeriam a necessidade de colhermos depoimentos de modo mais sistemático para, quem sabe, acessarmos o discurso dos moradores dos *Cinco Conjuntos* sobre a Saul Elkind e a Zona Norte. Esse tipo de abordagem, talvez nos possibilitasse melhor compreender nosso objeto de pesquisa, à medida que ouvíssemos a voz do habitante da região estudada.

O discurso é compreendido aqui como “*a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.*”⁵

Tendo como pressuposto que os depoimentos que buscávamos poderiam dar acesso a um discurso produtor de sentidos sócio-políticos e ideológicos sobre a porção urbana em estudo e que a memória acerca da cidade também é um campo de disputas por reconhecimento e afirmação de identidades, procuramos nossos informantes, a partir de uma rede informal de conhecimentos das pesquisadoras.

Premidas pela condição dos prazos da pesquisa, realizamos entrevistas semi-estruturadas com apenas quatro moradores, sendo um deles, ex-morador: Cláudia, Romilda, Dona Zefinha e o ex-líder comunitário conhecido como Cláudio Parigot.

As falas, certamente, diriam respeito a uma porção da malha urbana de Londrina que se originou e se desenvolveu em um tempo muito recente e por se tratar de um trabalho voltado não apenas ao *discurso* como também à *memória*, escolhemos nossos entrevistados propositalmente com idade que compreendesse dos 20 aos 60 anos.

⁴LAPLANTINA, François. Aprender Antropologia. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁵ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas. SP: Pontes, 1999, p.16

Marc Augé, quando discute o lugar, em oposição ao *não-lugar*, ressalta a importância da percepção que temos hoje do tempo, uma vez que para ele, os indivíduos vivem influenciados pelo processo que denomina *supermodernidade* em que as transformações apresentam duas figuras caracterizadas pelo *excesso*: a do tempo, marcada especialmente por uma “abundância factual”, acompanhada pela impressão de “aceleração” da história e a do *espaço* que sugere, sobretudo, um encolhimento das distâncias. Para o autor, a supermodernidade ainda mantém a ideia do *ego, do indivíduo*, cujas histórias particulares são intensamente referidas à história coletiva, contudo com identificações grupais e sociais flutuantes.⁶

Percebemos a pertinência do trabalho de Augé por conta de nosso objeto, uma Rua, certamente referência para os moradores do seu entorno, mas não sabíamos quais as representações discursivas sobre ela, como a significavam enquanto *lugar* e como percebiam suas histórias particulares referidas a ela, e aos bairros contíguos, onde vivem.

Relacionar a *memória* ao *discurso*, mediado pela linguagem, foi o caminho encontrado para lidarmos com a *memória* do dizer, parte de uma *memória discursiva* que trabalha com a noção de interdiscurso, isto é o *discurso presente* relacionado a *discursos anteriores*.⁷

Se existe uma *memória discursiva*, inclusive constitutiva de linguagens sócio-históricas, existe também – mediando lembranças dos indivíduos com a sociedade –, um processo de *trabalho*, pois, como entende Ecléa Bosi⁸, a *memória* é produção, atividade coletiva que envolve recordações individuais relacionadas a outras também individuais, a grupos, classes e instituições sociais.

⁶AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. p.27-42

⁷Id., Ibid., 1999.

⁸BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Como as recordações se ancoram, conforme Maurice Halbwachs⁹, nos quadros sociais da memória, nossas lembranças estão sempre ligadas a lugares – espaços e edificações – e ao tempo – datas e momentos dos acontecimentos. Desse modo, falar em memória significa também falar dos lugares da urbe.

Este texto, por sua vez, pressupõe um processo de lembranças a partir de uma situação presente, portanto uma produção sobre o passado que, embora recente, não está imune aos “esquecimentos”¹⁰.

Feitas as observações iniciais, pretendemos apresentar, neste capítulo, a memória discursiva dos nossos entrevistados e uma interpretação dos sentidos por eles atribuídos à Rua, ao Bairro e à cidade, como se percebem enquanto parte desses lugares coletivos, importantes referenciais de pertencimento.

⁹Além dos lapsos próprios do ato de lembrar, uma vez que as memórias individuais necessitam ser referidas aos grupos, o “esquecimento” aqui é entendido, também, como constituinte da própria linguagem. Para a Análise de Discurso de linha francesa, influenciada por Michel Pêcheux (AD), há formas do dizer e do não dizer que podem estar na origem do “silêncio”, do não dito. ORLANDI, Id. Ibid, 1999.

As vozes discursivas sobre a Rua e o seu entorno.¹¹ *Lembranças de Cláudia*

Cláudia tem 29 anos, residente no Conjunto Parigot de Souza I, é casada e mãe de um menino de dois anos. Nasceu em Vitória, Espírito Santo, mudando-se para Londrina ainda criança. É cozinheira e trabalha em domicílio. Antes de morar no Parigot I, viveu na Vila Brasil, no Jardim Piza, e no Conjunto Habitacional Ernani Moura Lima. Transferiu-se para o Parigot I em 1989, com apenas cinco anos, onde reside até hoje, mesmo após o casamento, em uma casa próxima à da família de origem.

(...) o bairro que tenho mais lembrança, antes de ir para o Parigot, foi o Ernani. Eu lembro que não gostava muito, era um bairro muito frio, um bairro muito escuro. (...) passamos muitas dificuldades lá. Então, é um sentimento bom, quando lembro que fui para o Parigot.

Sobre o passado de seu bairro, ressalta o clima de tranquilidade usufruído durante a infância.

(...) eu tenho lembranças muito boas da infância. Era um bairro muito tranquilo. (...) Hoje em dia não é tanto, mas foi um bairro muito bom. Assim, as pessoas da minha idade que conviveram comigo na infância, na adolescência, sempre que a gente se reúne e conversa, têm boas lembranças, todo mundo.

Considera que os moradores do Parigot criam laços duradouros com o lugar, uma vez que todos os seus amigos, inclusive os que já também se casaram, lá permanecem. Recorda o tempo de seus estudos, como um período em que havia boa convivência e mais segurança nas escolas do que na atualidade.

A escola foi muito boa. Mas quando eu completei dezoito anos, que terminei o Ensino Médio, foi quando o negócio pesou. Os professores começaram a ficar com medo (...) professores ameaçados, sabe? Muita briga. Não que na minha época não tinha, tinha bastante, mais coisinhas na saída do colégio.

No tocante à educação, Cláudia destaca a continuidade de frequência à mesma escola pelas gerações de sua família.

O (colégio) Moacyr (Camargo Martins), que eu cursei o primário. Que também, meu filho provavelmente vai estudar lá, a filha da minha irmã estuda lá, a minha irmã mais nova, que é quinze anos mais nova que eu, estudou lá. Então, é de geração em geração, todo mundo ali. Minha mãe terminou o primeiro colegial, ela não terminou o restante, mas o primeiro colegial ela terminou ali também.

Suas reminiscências dão ênfase ao lazer, iniciando pela infância quando, na sua avaliação, faltavam equipamentos para as brincadeiras de criança que acabavam por ter a rua como palco. Conta que na rua em que morava, no Parigot I, “teve a época do roller, teve bicicleta e rolimã. Aliás, tinha um Centro de Educação Infantil que hoje não existe mais. Tem lá, mas está abandonado. Inclusive, eu fiz o prezinho nesse lugar”.

Durante sua juventude, embora tivesse frequentado danceterias e locais de entretenimento em outras regiões da cidade, reconhece o papel da Avenida Saul Elkind como principal lugar de divertimento.

Já íamos para a Saul Elkind, há uns dez anos atrás. Era até frequentável. Hoje em dia é meio estranho. Antes, tinha, na quarta feira, a Feira da Lua. Era muito gostoso e hoje não tem mais, só a Feira do domingo. Por conta da violência mesmo, foi que o pessoal resolveu não fazer mais. (...) pessoas de outros lugares da cidade, com a fama da feira, eles foram para lá com som alto, aí outro com som mais alto, criava rixa, foi aonde aconteceram as confusões.

Em seu depoimento, além da avaliação positiva da rede escolar, devido à existência de colégio próximo à sua casa, propiciando às gerações da família frequência

¹¹Agradecemos aos moradores dos Cinco Conjuntos que compartilharam conosco suas lembranças, nos envolvendo nesse fascinante trabalho de rememorar o passado a partir do presente. Somos gratas a Cláudia Pereira Santos Sena (Parigot de Souza I), Romilda Castelar Citon (Semiramis de Barros Braga), Josefina Trovão de Miranda (Violin) e Cláudio Luis dos Santos (ex-morador do Parigot de Souza III). Cláudia, em particular, muito próxima a nós, examinava o mapa conosco, auxiliando-nos a interpretar nossos diários de campo.

ao mesmo ambiente escolar e gerando relações mais estreitas entre a casa e a escola, avalia também outros serviços públicos do seu bairro.

Sobre a saúde, menciona o Hospital Zona Norte, mas se detém a falar sobre a Unidade Básica de Saúde (UBS) da Saul Elkind.

(...) é muito boa. Apesar da falta de médico, de ser muito precário, para a gente que precisa, a maioria, acha bom, pois você tem ginecologista. Outro especialista? Consultando (na UBS), eles te encaminham. Eu não tenho o que reclamar, fiz meu pré-natal ali e foi ótimo. Apesar do sexto mês, dali em diante não ter ginecologista, a enfermeira chefe do posto assumiu. Foi muito bom.

Como moradora de uma região considerada violenta, tanto pela mídia como pelo senso comum, Cláudia considera não ter o que reclamar da segurança. *“Eu não tenho. Graças a Deus, nunca aconteceu nada assim, mas tem muito assalto, tem muito comerciante na Zona Norte que já fechou as portas.”*

Sobre o bairro onde trabalha, embora sua avaliação parta de questões muito práticas como segurança e acessibilidade ao comércio, sua fala revela, no plano simbólico, a assimetria que existe no território urbano, decorrente da desigualdade social.

Aí é elite, né. É a elite de Londrina, é um bairro muito gostoso, arborizado, eu acho seguro. Graças a Deus nunca aconteceu nada também. E o bairro em si, é muito bom, apesar de ser difícil ir ao mercado, tudo é mais longe.

Sobre o transporte coletivo que utiliza quase todos os dias para chegar ao trabalho, uma vez que em alguns dias da semana seu marido a leva de carro próprio, sua avaliação dá a ver o crescimento da população na região norte e o aumento da demanda por transporte de massa.

Vamos supor, para ir trabalhar de manhã o que a gente demorava 30 minutos, que já é bastante, agora demora uma hora, de tanto carro e ônibus. É condomínio, agora tem até condomínio fechado no Alto da Boa Vista. E pessoal também

de outros bairros que estão indo trabalhar aqui. O pessoal precisa do empregador doméstico. Então eu vou trabalhar de ônibus, e no horário que eu vou, pode colocar dez ônibus, um em seguida do outro que vão os dez bufando.

Apesar dos vários problemas urbanos e de políticas públicas insuficientes apontadas por Cláudia, seu discurso demonstra a existência de fortes laços afetivos com o lugar onde mora.

Meu bairro é aquilo que falei, não tenho nada de crítica. Para mim é a hora mais gostosa, eu não gosto muito de sair no final de semana e tudo tem, tudo é pertinho. Então eu gosto, é o lar mesmo, nunca conheci outros ambientes assim a fundo, aqui é a minha vida.

A exemplo de outros moradores da Zona Norte, a Saul Elkind, para Cláudia, é o lugar que *tem tudo*, mais que isso, também é tudo, tão bom quanto o centro antigo, onde gosta de fruir a cidade.

A gente fica meio com receio, antes fazia caminhada, o pessoal todo nas ruas e hoje em dia não. Hoje em dia não é um ambiente que você pode relaxar, (...) principalmente na Saul que tem muito fluxo, tudo que acontece, geralmente acontece ali. Mas é um lugar muito bom de viver, apesar dos pesares, apesar de tudo o que acontece em volta. Eu sou suspeita, adoro bater uma perna no centro de Londrina, de cabo a rabo, principalmente no calçadão que pega da Hugo Cabral, até a Maranhão, chegando ao Camelódromo, é lazer mesmo. No sentido de ir buscar algum produto ou alguma coisa, o centro é top.

A Avenida Saul Elkind, segundo ela, chega a ofuscar os bairros, sobrepondo-se, no campo simbólico, aos sentidos atribuídos aos Cinco Conjuntos e à Zona Norte.

(Zona Norte) Eu acho que é uma só. Quando você fala em Zona Norte as pessoas falam: _ É Zona Norte e focam direto a Saul Elkind. Acham que a Zona Norte se resume a ela, não vêem que é tão imenso aquilo tudo. Se você mora na Zona Norte, logo vem a pergunta: _ Perto da Saul?

Considera que a Feira Livre é o lugar mais importante da região em que vive, uma referência para ela.

Trabalhei na feira. A feira é uma delícia. A feira é “povão”, você não fica medindo, muito, o que vai falar. Do jeito que quiser falar você fala. O povo é muito bacana, ainda mais onde eu trabalhei que é com roupinhas de nenê. Vai bastante senhora comprar para os netinhos, vai gestante, então é muito gostoso conviver com esse pessoal. O pessoal é muito simples, não que não tenha gente diferente, tem pessoa que sai de outros lugares para ir para lá, de outros bairros.

Eu já atendi gente até de Santa Catarina, que estava ali passando férias na casa de não sei quem, e ficou sabendo da feira e foi. Pessoal de outros Estados vem para cá e tem curiosidade de conhecer.

Cláudia conhece bem a geografia da feira:

Tem vários públicos. Tem gente que vai mesmo para o lado do hortifrúti, tem gente que procura as coisas para manter a casa, a semana inteira. Tem gente que vai comprar “os paraguais da vida”, como óculos, boné, CD, DVD, jogos, roupa, tudo. Não adianta você vir com coisa cara, as pessoas querem preço.

Considera que a parte mais concorrida é a de venda de CDs e similares, onde, embora haja uma preferência pelo funk, não significa que haja grupos de jovens *funkeiros* nos Cinco Conjuntos, pois segundo ela, “*hoje em dia o pessoal anda muito eclético, o cara que curte funk, curte também sertanejo*”.

Ainda sobre a Feira, chama atenção para o fato de sua fama já ter ultrapassado os limites da Zona Norte.

Tem gente que sai da “balada” e antes de dormir vai para lá, eu mesmo já fiz isso, inúmeras vezes, de sair da “balada” e ir lá para comer alguma coisa. Se você chegar lá entre seis e sete da manhã, você vê pessoa assim toda trabalhada, no salto e na purpurina, comendo pastel.

Ofato de a Feira ser, para ela, uma referência, baseia-se no argumento do seu valor enquanto lugar de trabalho e de sua função sócio econômica de atender a demanda popular, oferecendo preços acessíveis. Refere-se a ela como um *patrimônio* dos habitantes dos Cinco Conjuntos.

Eu acho que a feira é nosso patrimônio. Como tá ali há tanto tempo, o pessoal gosta tanto, a gente devia dar um pouco mais de valor. Porque ali o pessoal trabalha de sol a sol, não só ali, às vezes a gente vê o cara ali na barraquinha no domingo, mas ele já trabalhou ali seis dias na luta, indo ao CEASA, indo buscar os melhores preços, para agradar o povo dali, para o povo que vai buscar. Então, acho que como referência, a maior referência é a feira. Para mim é.

Cláudia não se furta de falar sobre o comportamento político da população que reside nos Cinco Conjuntos, dizendo o que pensa sobre a relação dos eleitores com o político Antônio Belinati.

Olha, o cara que se candidata, quando chega a eleição de qualquer coisa, vai para a Saul Elkind, aqui tem muita gente. É o “Cincão”, eles vão tentar agradar o povo daqui. Quando abrem as urnas daqui, tudo muda, tudo. O cara tá ganhando, abriu as urnas do “Cincão” pronto, já mudou. Principalmente o “belinatismo” que prevaleceu por tantos anos né. O pessoal gosta, a grande maioria, apesar de tudo. Não sei, parece que é o pai da Zona Norte. É impressionante, mas é bem isso.

Admite que os políticos têm grande interesse pela Zona Norte, mas, como diz, “é para pegar voto”, pois considera que a preocupação de investimentos públicos na região é muito pouca.

Cláudia não chega a explicitar o motivo da preferência do eleitorado do “Cincão” por Belinati, mas há um implícito em seu discurso, referente à casa própria conseguida durante uma das administrações de Antônio Belinati.

O pessoal que conseguiu as casas conseguiu por um preço muito bacana. Era pessoal que pagava aluguel, que morava com mãe, que morava com sogra. E começou a sair as casinhas ali. Como o pessoal morava muito no sufoco, quando começou sair as casinhas ali, foi como se tivesse tirado um peso das costas, a oitava maravilha do mundo. E para muita gente, hoje, o Vista Bela (conjunto habitacional recentemente construído na Zona Norte) é também assim. Imagina só você viver num barraco de madeira, sem rede de esgoto, sem energia, água encanada, aí vai para lá com um teto decente, uma parede decente, um banheiro decente, então para muita gente é a oitava maravilha do mundo.

Nossa entrevistada admite haver preconceitos, em Londrina, em relação aos moradores dos Cinco Conjuntos. Seu discurso sugere um tipo de preconceito velado, que não se mostra claramente, mas que se insinua, muitas vezes, na fala do interlocutor.

A pessoa fala assim: “onde você mora?”, eu moro lá na Zona Norte, e fala “perto da Saul?”. A Saul é referência de tudo. É o preconceito né, o pessoal tem um preconceito com o “Cincão”. Principalmente depois que ela (a avenida) foi piorando em assalto, em violência. Já sofri preconceito por morar aqui sim. Às vezes as pessoas numa balada, num barzinho, perguntam: “onde você mora”, eu respondo lá no “Cincão”, e ela fala: “mas lá é perigoso né”. É como se em outros lugares não fosse, o perigo que você corre em outros bairros, você corre aqui também.

Entretanto isso não parece gerar constrangimento, intimidando-a, ao contrário, Cláudia revela forte identificação com o bairro e a zona urbana em que vive.

Quem mora na Zona Norte, tem um orgulho. Sou daqui e pode falar o que quiser falar. O pessoal que mora aqui gosta, é igual eu falo, se puder comprar uma casa, poder ter alguma coisa, vai ser aqui. Se eu puder escolher, vai ser aqui, aqui no bairro, na Zona Norte. Foi morando no Alpes (loteamento próximo) que eu aprendi a dar valor no Cinco Conjuntos. É morando no Alpes, é trabalhando no Quebec, que eu aprendi a dar valor onde eu moro. Porque não é todo mundo que tem carro, então aqui, tudo tem, por isso que a gente valoriza. Quem mora aqui, aprende a dar valor.

Quando lhe perguntamos se essa possibilidade de comprar no comércio local, a facilidade de ir e vir no seu bairro e de acesso a serviços essenciais era resultado da iniciativa pública ou privada, ouvimos como resposta: _ “Eu acho que foi mais da iniciativa das pessoas.”

Lembranças de Romilda

Romilda tem 55 anos, reside no Conjunto Semiramis Barros Braga, solteira, é professora da rede de ensino estadual e trabalha no Colégio Olympia Tormenta, situado próximo à Saul Elkind. Nasceu em Londrina, mudando-se para os Cinco Conjuntos, em 1980, quando foram entregues as primeiras casas.

Rememora os primeiros tempos em que passou a residir nos Cinco Conjuntos, todavia, por ser comerciária, na época, diz que ficava a maior parte do dia, fora do seu bairro. “(...) trabalhava no comércio no centro e estudava à noite. Eu saía às 7h da manhã e chegava às 23h”. Mesmo seus estudos foram realizados no centro antigo da cidade, bem como o seu tempo livre era dispendido na forma de lazer em outros locais de Londrina.

Não frequentei escolas na Zona Norte, quando vim morar na Zona Norte, eu estudava no Vicente Rijo e frequentava o Grêmio, portanto não frequentei muita coisa aqui.

Romilda não demonstra entusiasmo em recordar do seu cotidiano no início da ocupação dos conjuntos habitacionais da Zona Norte. Prefere lembrar sua condição de jovem trabalhadora, com 22 anos, quando passou a residir no Semiramis. Além do seu trabalho no centro da cidade, estudava em uma das escolas públicas tradicionais de Londrina, o Colégio Estadual Professor Vicente Rijo, localizado na Avenida Higienópolis, bem como frequentava o Grêmio, um clube da pequena burguesia e setores médios da sociedade londrinense, também tradicional.

De certa forma, ao vivenciar redes de sociabilidades fora da Zona Norte, Romilda talvez conseguisse amenizar os desconfortos gerados pelas dificuldades dos primeiros tempos.

No início, a Avenida Saul Elkind não era asfaltada, tínhamos que sair da nossa rua asfaltada, para pegar o ônibus na avenida, sem asfalto. Hoje a Saul é um céu. Quanto a comprar os alimentos, tinha que ser no centro, até o pão.

A lembrança mais agradável da época, segundo ela, foi quando *“fizemos um time de vôlei na rua e passávamos os domingos brincando”*.

Suas reminiscências recompõem a imagem rural da região, no tempo em que a Saul Elkind se assemelhava a uma estrada *“sem asfalto”* com as primeiras casas dos conjuntos habitacionais e a Zona Norte ainda um conjunto de glebas rurais.

A Saul, no início, era residencial, depois as pessoas foram vendendo as suas casas para transformar em comércio. Onde está o condomínio de prédios era café, o Conjunto Violin, do lado sul da Saul, era pasto e a casa da cultura (refere-se ao Centro Cultural) era café.

Seu discurso se torna mais fluente e positivo quando fala sobre o presente, demonstrando inclusive ser hoje alguém que vive intensamente o bairro, a escola onde trabalha e a avenida.

A Zona Norte é tudo. Trabalho no Colégio Olympia, faço compras nos supermercados que tem aqui, vou aos bancos. Na Avenida Saul, compro muitas coisas: roupas, calçados, material de escola, só não vou aos médicos porque eles não estão aqui. Já frequentei as academias.

Diz ter acompanhado o desenvolvimento da região norte e que ela, atualmente, é *“maior que muitas cidades”*.

Quando surgiu a região norte, eram os Cinco Conjuntos: Semíramis, João Paz, Luis de Sá, Sebastião de Mello e Aquiles, hoje as pessoas não sabem quais são os Cinco Conjuntos, temos tantos outros que as pessoas fazem a maior confusão, temos também os novos loteamentos. As transformações são muitas. Aumentou muito a quantidade de pessoas que moram aqui. As prestações de serviços também, em relação ao passado. Houve uma transformação muito grande. Quanto às instalações dos shoppings, foi muito bom. É uma pena que a sociedade não valoriza. O Planet está acabando por falta de um projeto para incentivar a abertura de lojas.

Em relação aos serviços essenciais, considera o transporte coletivo *“mais ou menos”* e diz não precisar usá-lo porque mora perto da escola onde trabalha. No tocante à segurança na região, afirma que, muitos londrinenses têm preconceito.

(...) dizem que tem muito bandido. O meu namorado, quando nos conhecemos, ele não vinha, hoje ele vem no mínimo duas vezes por semana e tomamos lanche na Avenida Saul.

Quando avalia a saúde, moradia e educação na Zona Norte, considera-as boas, *“como em qualquer outro bairro de Londrina. As pessoas transformaram suas casas, hoje são bem elaboradas, confortáveis, temos bons colégios e escolas”*.

Embora reconheça a importância da Feira Livre, por ser frequentada por moradores do centro, de pessoas de outras cidades, afirmando, inclusive, que lá faz suas *“compras de verduras, frutas, peixes e produtos do Paraguai”*, diz, no entanto, que não *“representa muito coisa para ela”*. Passa então, a definir outros lugares da cidade:

O bairro em que vivo, o Semíramis, gosto muito; a Zona Norte, uma região maior que muitas cidades; a Saul Elkind, um centro comercial muito importante para a população local; o centro de Londrina, um local que não frequento muito; a cidade de modo geral, maravilhosa, uma pena que não foi bem administrada pela nossa classe política.

Morando há trinta e três anos nos Cinco Conjuntos e fazendo parte dos primeiros grupos de pessoas que passaram a residir na localidade, Romilda *“acredita que quem mora na Zona Norte identifica-se com ela e muitas pessoas que não moram aqui, gostariam de morar”*.

Lembranças de Dona Zefinha.

Josefina ou Dona Zefinha, como gosta de ser chamada, tem 60 anos, reside no Conjunto Violin, é viúva com três filhos. Sempre se ocupou com o trabalho da casa, fazendo pão para vender, como renda complementar, tralhando também, na roça, em alguns momentos de sua vida. Nasceu em Londrina, “lá para os lados da Warta,” numa chácara do pai, distrito de Londrina, de ocupação polonesa, situado também no norte do município. Seu pai, originário do Estado de São Paulo, veio para o Norte do Paraná, ainda menino, com apenas 9 anos de idade. Antes do Violin, Dona Zefinha morou no Parque das Indústrias, numa chácara. Chegou ao Conjunto Habitacional no dia 13 de março de 1982, como gosta de lembrar.

Não tinha nada, a Avenida Saul Elkind era terra e barro quando chovia. Daí quando nós nos mudamos aqui, pegamos a chave no dia primeiro de março e mudamos dia treze. Não tinha luz, não tinha água, a gente ia pegar água ali na avenida. Era só casa, não tinha nada, só moradores na avenida. As casas eram normal, igual a minha.

Na fala de Dona Zefinha, predomina uma memória discursiva, ou seja, há sempre o intertexto e o passado insinua-se nos relatos, mesmo quando o assunto é o presente.

Nossa, onde tem os predinhos ali, era café. Café. Eu colhi café ali. Ali no Maria Cecília, era algodão. Eu colhi algodão, ali. Não tinha o Colégio do Maria Cecília, eles (os filhos) estudavam ali, embaixo, no Violin. Eu não lembro quando foi que fizeram o Colégio. Mas, era café ali.

Dona Zefinha, com seus sessenta anos, sente prazer de falar do passado.

É eu vi crescer tudo. As casas não eram cercadas, tinha só uns “palanquinhos” de cimento, com uns “araminhos” em volta de tudo que era casa. De uma casa você passava para a outra, ia passando, ia embora. (...) era tudo aberto, depois, devagar, foi se fazendo....

Suas lembranças, ricas em detalhes do cotidiano, vão compondo quadros de memória sobre o bairro onde vive há 31 anos, a Avenida Saul Elkind e como os primeiros moradores resolviam as dificuldades do dia a dia.

Aqui, não era nada. Não tinha nada. Só casas. Aí nós pegávamos água, por exemplo, ali onde é o açougue, mais ou menos. Pegava na beira da rua. Não sei, eles “encanaram” na beira da rua. Era um barro quando nós mudamos, logo começou a chover. Daí depois que começou, eles foram comprando e comprando e fazendo comércio. Antes, não tinha nada de comércio.

Descreve, em minúcias, como eram as condições físicas do bairro onde vive hoje, oferecendo ao ouvinte a possibilidade de imaginar as dificuldades de locomoção e a acessibilidade no início a cada conjunto habitacional.

Era asfaltado, mas na beira da rua só tinha uma calçadinha, assim, no meio, para você andar. Em cima, ali, onde hoje é calçada, era barro, mas, para entrar aqui para a casa, tinha um tipo de corredor, um caminhozinho feito de cimento.

Guarda, em sua memória, lembranças da chegada dos serviços essenciais, em especial da água que, no seu caso, foi a última a chegar à sua casa onde passara a viver. A princípio era distribuída de modo coletivo na Saul Elkind, somente depois chegando às casas.

Era sem asfalto (refere-se à Saul Elkind). A gente ia lá pegar água. Logo que nós entramos (na casa), meu marido já foi lá e deu entrada no pedido. Tava tudo ligado, só faltava ligarem a água para a gente. Só que era muito morador, então, demorava para chegar a nossa vez. Então, depois vieram, mas foi assim.

Os relatos de Dona Zefinha nos levam a um passado da Saul Elkind, e do seu entorno, em que o cotidiano da vida privada se mostrava áspero, difícil e os acontecimentos da vida pública ocorriam em condições que hoje podem parecer curiosas.

Nossa aqui acho que não tinha nada. A gente ia na missa, por exemplo, antigamente tinha missa debaixo de uma “arvona”, ali, perto do postinho. (...) uma “arvona” bem grande onde tinha missa.

Daí depois, logo, eles começaram a fazer a igreja, onde é agora. Não, não tinha nada. Nenhuma igreja. Não tinha católica, nem crente, nada.

Sobre o seu bairro, no presente, Dona Zefinha não difere dos demais entrevistados, demonstrando gostar do lugar em que vive. Esse sentimento aparece no seu discurso vinculado também às facilidades de compras e serviços existentes na Saul Elkind

Ah, hoje tem muita coisa. (...) Se você quer, a feira está aqui pertinho, farmácia, tudo. É difícil eu ir ao centro, só se for para ir ao médico. É tudo aqui. Se eu preciso de roupa, eu compro aqui. Se precisar de móveis, compro aqui. Tudo o que você precisar tem aqui.

Nossa entrevistada também reconhece existir identificação político-eleitoral dos Cinco Conjuntos com Antônio Belinati, embora acredite que tal identificação vem diminuindo.

É a gente vê, eu já ouvi bastante gente falar. _ Ah o Belinati roubou! Mas, se não fosse o Belinati a gente não tinha nossas casas. É assim que eles falam. Eu acho que já mudou, já mudou.

A Feira Livre para ela é uma dentre outras possibilidades de compra. Mesmo sendo assídua frequentadora e tendo alguns velhos conhecidos que lá trabalham, há muitos anos, é um tema que não ganha relevância no seu discurso. O que realmente assume importância para ela é a porção urbana onde vive e a sua casa, lugares que, pelo seu discurso, fazem parte de seus quadros de memória. Quando perguntamos o que era mais importante, para ela, nessa porção urbana onde vive, respondeu:

Ah, eu convivo mais nesse pedaço aqui. Do Mufatto até o Santarém. É o lugar que eu vou mais. Eu acho que é igual a qualquer outro lugar, a mesma coisa que a zona sul, não é? É a mesma coisa. Se aqui tem pobre, lá também tem. Eu gosto da Zona Norte. É que nem se for para falar assim: “vou vender minha casa”, eu não vendo. Não vendo.

Lembranças de Cláudio

Nosso último entrevistado, é conhecido na região dos Cinco Conjuntos como Cláudio Parigot. Nascido em Guapimirim, na serra de Teresópolis, estado do Rio de Janeiro – como gosta de lembrar –, mudou-se para Londrina em 1985, indo morar no Parigot de Souza III, em 1988. Cláudio é casado e tem três filhos. Funcionário público do Paraná trabalha em Escola Estadual, no Distrito de São Luís, município de Londrina. Atua também, como empresário, no ramo de limpeza de automóveis. Atualmente, mora no Jardim Cláudia, bairro próximo à Gleba Palhano, local que hoje, também sugere a formação de uma terceira centralidade urbana, decorrente de ocupação residencial com predomínio de edifícios de apartamentos de alto padrão¹². Ele e sua família deixaram o Parigot III há, aproximadamente, sete anos e durante o tempo em que morou nos Cinco Conjuntos, de 1988 a 2007, participou, como líder comunitário, nos movimentos sociais lá existentes. Na realidade, organizações civis de moradores que, sob a tutela da COHAB-Lda, buscam garantir direitos fundamentais, isto é, infraestrutura física e serviços urbanos essenciais à vida na cidade. Essa experiência de participação direta fez dele uma liderança, levando-o à política institucional representativa, candidatando-se a uma vaga na Câmara Municipal, conseguindo a primeira suplência de vereador.

¹²Análise recente aponta a existência de um processo de reestruturação urbana em Londrina com a formação de três centralidades: o centro antigo, a centralidade nos Cinco Conjuntos que tem a Saul Elkind como eixo e o da Gleba Palhano. SILVA, William Ribeiro. A Redefinição da Centralidade em Cidades Média. Londrina e Maringá no Contexto da Reestruturação Urbana e Regional. In Anais do Colóquio Internacional de Geocrítica, 10. Barcelona: Universidade de Barcelona, 26-30 de maio de 2008. Disponível em www.ub.edu/geocrit/xcol/37.htm. Acesso em 16/01/2012.

Recorda das dificuldades enfrentadas como recém-casado, antes de se mudar para o conjunto habitacional onde passou a viver.

Antes, morei no Parque Guanabara, assim que casei. Era uma época muito difícil, quando saímos do Guanabara em 1988, no início de 1988. Antes disso em 1987, morávamos de aluguel, éramos recém-casados, e como eu tinha uma inscrição na COHAB, fui contemplado com uma unidade no Parigot de Souza III. Lembro que quando lá cheguei, fui o segundo ou o terceiro morador de todos que estavam mudando naquela semana para o bairro. E isso foi importante, porque percebemos o crescimento do bairro.

O discurso de Cláudio é sempre atravessado pelas lembranças de sua prática política nos Cinco Conjuntos, mesmo quando o tema é a sua primeira atividade comercial no Parigot III.

Instalamos, logo que chegamos, um comércio, porque faltava tudo. Então começamos vender pão e leite, basicamente isso. Para atender as pessoas que às cinco horas da manhã precisavam (comer) para trabalhar. Ainda não tinha linha de ônibus, precisavam ir a pé, ou pegavam o ônibus na outra avenida, a Francisco Gabriel Arruda. Então, tinham que se deslocar e acabavam acordando muito cedo. Até me recordo do vizinho batendo na minha porta para pedir por pão. Isso era umas cinco, cinco e meia da manhã, meu primeiro cliente lá pelos anos de 1988/1989, e ele ainda mora lá. Batia na porta e perguntava: “Cláudio tem pão? Tem leite?”

Cláudio atribui a essa sua incipiente atividade econômica, que se revestia de certo caráter comunitário por conta de sociabilidades que se formavam no bairro¹³, o motivo de iniciar a militância política.

Por ter esse comércio e pelas necessidades de ter que correr atrás, as coisas acabaram centralizando em minha pessoa. E aí surgiu e eu fiquei como líder do bairro. E mais a frente, coisa de uns seis meses, um ano no máximo, alguém disse que precisaríamos estar legalizados. E daí, montamos uma Associação. Eu nunca perdi

eleição no Parigot. Deixei de disputar algumas, até pela questão do estatuto. Teve uma ocasião que não pude disputar porque já tinha ocupado o cargo mais de dois mandatos. Daí, no ano seguinte, chamavam a gente de novo. Mas, sempre fui presidente, presidente da Associação de Moradores, lá do bairro.

Recorda que quando seus filhos eram crianças, o bairro não oferecia condição para o lazer em família.

É um episódio assim (...) Nós temos o Ouro Verde, um bairro abaixo do Parigot, não? E (nele) tinha uma pracinha. Era a única praça mais próxima. Me lembro de levar minhas crianças para correr sobre os bancos da praça e saltar esses bancos. Com risco até de se machucar, mas na ocasião não tínhamos nada de lazer. Isso em nível de região. Hoje as coisas mudaram bastante, mas, naquela ocasião não tínhamos, não.

Suas reminiscências revelam que se, de um lado a sua primeira atividade comercial se confundia com o mundo da casa, pois funcionava em sua residência, de outro, a Saul Elkind já dava sinais de que seria um lugar de comércio e lazer, tendo, desde cedo, visibilidade pública.

A Saul Elkind era um ponto também de referência, onde se tem um pouco mais de movimento. A parte mais comercial da Saul Elkind era onde, até hoje funciona a feira-livre, era o ponto de maior concentração do comércio, mas ela era muito pouco comercial. Ela era até uma avenida muito simples, muito pequena, hoje já duplicada. Era longa na extensão, mas, não duplicada. E, basicamente era residencial. Um ou outro comércio que despontava, mas, o forte do comércio era na região próxima onde é a feira-livre. Ali, sim, tinha um pouco mais de comércio, mas, também não tanto quanto hoje. Muitas casas, contava com um comércio aqui, outro ali. Mas, já tinha a feira.

Era uma rua que transitávamos um pouco mais. A igreja que frequentávamos ficava bem próxima da Saul Elkind. Então era um local de lazer, passear pela Saul Elkind.

Essa função comercial que se desenhou desde cedo para a Avenida se deveu, segundo Cláudio, ao crescimento populacional da Zona Norte, bem como à localização do logradouro, uma via de circulação, um eixo entre as regiões leste e oeste do município e que também tinha o papel de integrar, do ponto de vista físico-espacial, os conjuntos habitacionais que lá foram implantados.

¹³O termo sociabilidades aqui é empregado no sentido de unidades coletivas reais, entendidas como tipos micro-sociológicos, à maneira sugerida por GURVITCH, Georg. Fenômenos micro e macro sociológicos. In FERNANDES, Florestan. Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

Eu vejo assim, que é realmente o crescimento da região. Antigamente, quando estávamos lá, falava-se de uma região com cinquenta, setenta mil habitantes, isso lá atrás, nos anos 1990, com os conjuntos próximos dali. Hoje, com certeza, ultrapassa cem, cento e cinquenta mil habitantes. Eu acredito que até mais do que isso, mas, não tenho dados. Mas, eu acredito que dobrou, mais do que dobrou a população na região norte de Londrina. Nesse eixo, onde a Saul Elkind é o canal principal de chegada e saída.

No que diz respeito à infraestrutura e os serviços urbanos essenciais que, na avaliação de Cláudio, eram precários ou mesmo muito incipientes no início dos conjuntos habitacionais, para cada problema existente, nosso entrevistado tem reminiscências de sua atuação e dos moradores organizados em torno de reivindicações ou tomando iniciativas em questões que teoricamente são da atribuição do Estado.

A respeito da falta de segurança, Cláudio relata:

nós tínhamos muitos assaltos. Porque era um bairro novo e infelizmente, existem aqueles que querem se aproveitar das pessoas e da situação. Assim a nossa Associação começou a fazer um módulo policial. Então os moradores doaram o material, e numa quadra que era da própria Associação, num terreno com concessão, na ocasião, para 90 anos, quer dizer que ainda está em curso. Essa permissão da Associação em um terreno que ganhamos da Prefeitura. (...) Mas, quando o módulo estava em ponto quase de laje, veio da parte da Prefeitura uma ordem de embargo, porque nós não estávamos seguindo uma determinação de padrões para os módulos.

(...) Aquilo deixou a gente muito frustrado. Então como havia uma pressão muito forte da comunidade houve então, da parte do poder público, as patrulhas escolares, um policiamento mais preventivo começou a circular no bairro, claro que a frustração era por não ter o módulo. Mas, daí (instalou-se) lá um distrito policial que começou a se fortalecer. Hoje é a quarta companhia, mas anteriormente não era.

Ainda sobre segurança, as reminiscências de Cláudio nos oferecem um quadro, no qual as transgressões e o medo deviam-se à existência de um trecho fronteiriço onde o rural se encontrava com o urbano, próximo à avenida, situação, como se percebe, decorrente de urbanização induzida com instalação de habitações populares em área muito distante do centro antigo da cidade.

(...) Mas, houve ocasião de muitos assaltos. Existia ali, próximo à Saul Elkind, algumas propriedades rurais, que davam fronteira na cabeceira com a Saul Elkind. Eram cafezais. E ali, os marginais escondiam os produtos de roubo, assaltos, a pessoa era levada ao matagal, era assaltada, estuprada. Então a gente passou por um momento muito difícil. E com toda essa pressão, por falta de segurança, é que houve a tentativa de colocar o módulo policial. Onde hoje é o colégio Pinotti, naquela faixa inteira, até a Saul Elkind, era tudo cafezal, algodão, trigo, soja, culturas da nossa região.

O discurso de Cláudio tem sempre um tom político pragmático diante dos problemas enfrentados na cidade, em especial, quando se lembra do seu papel de representante de moradores do seu Conjunto ou como participante da Federação das Associações dos Cinco Conjuntos. Embora submetidas a um modelo pré-estabelecido de organização que, de certa forma, regula as relações entre os bairros e as instituições encarregadas da política de habitação popular, essas Associações tiveram papel decisivo na conquista de mais equipamentos urbanos e de serviços essenciais, instituindo na Zona Norte um debate público, orientador de práticas democráticas em torno do direito à cidade¹⁴.

Houve uma pressão muito forte da comunidade, das Associações, não só a do Parigot, que eu era o presidente, mas, também, somou-se outras Associações, porque era para o bem comum da região. Daí que eu falo que as atitudes tomadas por nossa Associação foi agregando outras Associações, era uma força política muito positiva na ocasião. E muito importante, até para as coisas que estão lá hoje. Porque muitas coisas que surgiram lá foram fruto de decisões tomadas pelas Associações, e, fomos nos fortalecendo, fomos à prefeitura, grupos grandes de Associações e pleiteávamos coisas para a região norte.

¹⁴Entende-se aqui o “direito à cidade”, relacionado ao “direito à memória”, uma feitura múltipla que (...) inventa novos meios de operar e de se produzir como espaço público, onde possam estar inscritas todas as significações de que é feita uma cidade. PAOLI, Maria Célia. História, Memória e Cidadania: o direito ao passado. In Secretaria Municipal de Cultura – São Paulo (SMC), Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Patrimônio Histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

Nesse processo de participação política em que a sociedade ganha relevo frente à política institucional, ele se coloca como personagem que, de modo coletivo, atuava à frente das Associações da Zona Norte em busca de melhoria das condições de existência nos conjuntos habitacionais.

Então juntos nós lutávamos pela saúde, tinha as comissões. Me lembro que existia muito mais de cem médicos da família, equipes, para aquela ocasião, dos anos 1990. E, a gente tinha uma deficiência, mas ao mesmo tempo, quando se clamava por saúde nós éramos prontamente atendidos. Havia credibilidade e força nas Associações. A ponto de fazer acontecer, fazer o prefeito cumprir com o que estava determinado, fazer com que o promotor nos atendesse. E as coisas funcionavam. Eu tenho, assim, uma tristeza muito grande, os anos se passaram, e principalmente no quesito saúde, nós estamos devendo muito.

Reivindicações por educação também foram feitas de modo coletivo e lideradas por Cláudio junto ao governo do Estado. Nesse quesito, a pressão sobre o governador e sobre os deputados estaduais se fez necessária, uma vez que a demanda referia-se à educação básica de 5ª a 8ª e ao ensino médio.

A principal realização nossa foi o Colégio Adélia Dionísio Barbosa, esse Colégio foi inaugurado em 1992, mas foi uma luta. Havia um recurso para Colégio na cidade. Quem chorava mais ganhava esse recurso, e nós entramos em um “chororô” só. Reuníamos as pessoas nos bairro e fazíamos protesto, com faixas, cartazes, mas sempre muito ordeiro. Nunca houve um quebra-quebra que nem você vê hoje nas lutas por algum benefício. Nós nunca quebramos nada, embora fossemos um grupo forte querendo benefício. Nós convocávamos a imprensa e sempre fomos bem atendidos pela imprensa. Iamos a Prefeitura e quando percebíamos que não dependia só da Prefeitura, consultávamos qualquer deputado. Não estávamos atrelados a esse ou aquele deputado. “Você é deputado, então você tem que lutar pelo Estado do Paraná”. Então em Curitiba nós fizemos isso, fizemos um arrebanhado de deputados e dizíamos “sabemos que tem recurso para a escola em Londrina, e esse recurso tem que ser pro nosso bairro (...) Daí um ex-secretário de educação, do primeiro

governo Requião, já falecido, Elias Abraão, ele atendeu nossa reivindicação, definiu o local e começou a construção a todo vapor. Eu tenho muito orgulho. Eu tenho um orgulho muito grande do Colégio Adélia, mas, também não sou o pai dele sozinho, existiu várias outras associações que se somaram a nossa, várias pessoas também. Me emociono quando falo do Colégio Adélia. É um Colégio grande.

Em relação à COHAB - Lda, órgão vinculado à administração local e responsável pela implantação e gestão da política de habitação em Londrina, Cláudio lembra que sua Associação buscava manter certa autonomia, escapando à tutela do órgão. Como sua Associação não recebia a taxa de auxílio destinada às organizações de moradores, relata que os associados realizavam promoções com o objetivo de angariar recursos. Lembra, ainda, de uma crise que se instalou no Parigot III, por conta de uma invasão, seu desdobramento e como, ao descobrir irregularidades, se adiantou às medidas a serem tomadas pelo órgão responsável.

Mas, quando pegamos as casas lá, tivemos um período de invasão. As casas estavam prontas, mas os donos não iam para lá. E aí me coube investigar de quem era a casa. Não queria que o bairro ficasse com manchetes policiais de invasão, manchetes não positivas, e a imprensa vive de notícias assim. (...) Eu fui em busca de saber, na COHAB, quem eram os proprietários. E descobri que um ou outro era dono de comércio no centro (da cidade) e tal. Aquilo me entristeceu, porque não era para a moradia, porque o objetivo era basicamente moradia, como é até hoje. Daí disse (a eles, os proprietários) “se você não tomar uma providência de habitar seu imóvel, vender seu imóvel, o invasor que está lá vai continuar e eu vou mudar de lado. Vou ficar do lado do invasor, porque olha o seu comércio, você não precisa daquilo. Então, você se acerte com a COHAB, verifique o que vai fazer”.

Cláudio admite que os movimentos de moradores, na época em que os liderava, por conta de suas reivindicações, acabavam por criar relações diretas com o Executivo e mesmo com os Prefeitos em exercício.

Era direta, tinha a Federação da Associação de Moradores, que era um órgão acima da gente. Que intercedia junto ao poder municipal. Intercedia em determinados pontos e em outras não tanto. Tínhamos as creches que não eram municipais, eram filantrópicas, mas a Prefeitura ajudava. Então a Federação era detentora de responsabilidades com esses professores e o poder público efetuava os pagamentos, mediante documentação, de fiscalização e da presença dos professores. Mas, enfim, as Associações nesses anos eram muito bem vistas, era a menina do olho dos Prefeitos, até porque as lutas eram verdadeiras. A necessidade era forte, assim, como é hoje, eu não entendo porque as questões de saúde, segurança e educação estejam tão caóticas.

Dando sinais de percepção da situação em que se encontravam tais Associações, numa posição da arena política em que as relações com o poder local se dão sob a influência de dois processos políticos que teoricamente são antagonísticos, a *representação* e a *cooptação*¹⁵, suas lembranças trazem o implícito dessas duas possibilidades.

(...) na região norte, em especial, nós tínhamos o Consaslon (Conselho Comunitário de Saúde e Assistência Social da Região Norte de Londrina). Era um conselho da região norte, um conselho de saúde. Era muito atuante, hoje eu não lembro quem está na frente desse conselho, mas ele existe. Tem os delegados que atuam no Conselho Municipal de Saúde, como no Conselho Estadual de Saúde, do qual eu também fiz parte, na ocasião do governo Requião, acho que no primeiro ano do governo Requião eu fazia parte do Conselho Estadual de Saúde. E as lutas, como eram muito fortes na comunidade, a eficiência e o retorno do governo também era rápido. Hoje não vemos isso, as Associações viraram, infelizmente, cabide eleitoral. Então, perdeu muito o crédito. Mas, a saúde, hoje, infelizmente não está bem. Tenho saudade da época que estávamos nas primeiras lutas, pelo postinho de saúde. Naquele patamar, se voltássemos atrás, estaríamos melhor do que hoje em 2013.

Sobre esses dois processos, Simon Schwartzman considera que o primeiro, a representação, consiste em um tipo de participação em que a sociedade tende a manter e controlar seus representantes na esfera política, interesses que partem de baixo para cima; o segundo, a cooptação, a possibilidade que tem o centro do poder político de controlar a liderança política. SCWARTZMAN, S. Representação e cooptação política no Brasil. Dados, vol 7, p. 9-41. 1970.

Há no discurso de Cláudio, sentidos atribuídos ao processo político eleitoral, que explicitam, também, o apoio dos eleitores dos Cinco Conjuntos à Antônio Belinati, Prefeito que deu sequência e intensificou a política habitacional em Londrina, iniciada por Dalton Paranguá e José Richa, políticos do MDB, partido ao qual também pertenceu Belinati no início de sua carreira política.

As pessoas moravam de aluguel, no fundo da casa dos pais e se deslumbrou. Eu mesmo morava de aluguel. Deslumbrou por um Prefeito que teve essa visão. Mas, essa visão deveria ser acompanhada também, por emprego para essas pessoas. Tinham a moradia, mas não tinham emprego. Mas, tem outro lado também o prefeito Belinati, ele é muito carismático, falava olho no olho, apertava, abraçava e as pessoas são carentes também por esse tipo de afeto.

Cláudio, que iniciou na política por meio de participação direta, ao analisar a sua única experiência eleitoral, demonstra desapontamento com o funcionamento da democracia representativa.

Me lembro de uma ocasião que saí candidato a vereador e a região norte foi a região que me deu muito voto. Não fui eleito, fiquei na suplência. Eu também não tinha muito, não sei se malícia política, mas, não tinha muito conhecimento do que fazer. Só me lembro que não gastei um centavo do meu bolso. Eu fiz, em 1988/1989, não me recordo o ano que teve a eleição, eu fiz mil duzentos e noventa votos, basicamente tudo ali dentro do Parigot. Daí ficava olhando assim, por que não fui eleito? Daí via que outro tinha sido eleito com novecentos votos e eu não. Depois que fiquei sabendo que existe uma legenda e tal (refere-se às regras que definem o quociente eleitoral), acho que escolhi mal o partido em que estava na ocasião. Mas, isso já não vem mais ao caso. A questão é essa a região norte define muitas coisas em questão de votos, tenho na memória e os jornais trazem que o ex-prefeito Belinati basicamente se elegia com os votos da região norte. Na Saul Elkind era festa na ocasião, na eleição a Saul era mostrada como cartão postal nos programas políticos.

Como já observamos, seus enunciados sobre política expressam um sentido bastante pragmático. Cláudio não se detém apenas ao presente e ao passado,

sua visão de militante faz com que sempre pense em projetos e aspirações para o futuro. Sua participação como líder comunitário fez dele um cidadão que age e se envolve com questões políticas do cotidiano. Isso reflete em algumas opiniões que tem acerca da Avenida Saul Elkind. Por exemplo, quando estimulado a falar sobre a Feira Livre, embora acentue a sua função de dinamizar sociabilidades, logo aponta o problema de congestionamento de trânsito lá existente. Em seguida conta que na época em que morava no Parigot III e era líder no bairro, tentou desconcentrar a feira, iniciando outro núcleo de barracas numa via paralela à Saul, “*na rua das torres*”, dentro dos limites do Parigot III, e que sua tentativa não teve êxito. Quando lhe perguntamos qual era a paisagem com maior significado, para ele, na Saul ou nos Cinco Conjuntos, respondeu:

Para a comunidade percorrer e andar tem um pedaço próximo ao Corpo de Bombeiro indo em direção a feira. É uma área que pode ser bem trabalhada, você falou em paisagem ou coisa assim, ali tem praça. Agora para você caminhar, você pode ter, não sei se tem, se tiver me perdoe, uma ciclovia, para as pessoas fazerem uma boa caminhada na Saul Elkind. Isso vai melhorar ainda mais a Saul, bem sinalizada. Hoje, você pode transitar de Ibiporã, quase à Cambé, cortando Londrina. Pode se criar uma pedalada cortando os três municípios. Enfim, dá pra se fazer uma coisa bacana na Saul Elkind melhorando a qualidade de vida das pessoas que ali estão.

Entretanto, quando insistimos sobre qual o lugar que lhe fazia sentido e ao qual atribuía valor, ouvimos:

Ah! Eu ficaria no Parigot de Souza. Embora tenha outros lugares muito bonitos na região norte. Próximo ao lago Cabrinha é uma região boa, bonita de se morar, não digo da qualidade de vida, por causa do quesito segurança, saúde e educação. Mas, digo um local para você ficar, de ver as coisas, ali é um lugar bacana. Mas pro Parigot eu voltaria, para o mesmo local, tenho saudades das pessoas que por lá estão.

A casa e o bairro: o espaço do patrimônio individual e as relações de pertencimento.

Quando terminamos a primeira parte de nossa pesquisa, que deu origem ao capítulo anterior deste livro, a etnografia realizada, além de revelar a dinâmica da avenida, nos dava pistas de outra dinâmica que existia por detrás das fachadas, não exatamente no interior de suas edificações, mas, mais atrás, nos bairros que formam os Cinco Conjuntos e cujas ruas cruzam ou simplesmente terminam na Saul.

Entendemos que, agora, após o término da segunda parte da pesquisa, a coleta de depoimentos, os textos analisados – o texto oral transformado em escrita, por meio de transcrição – mesmo versando sobre a Saul, tais textos/falas mostram um discurso revelador de outros lugares: a casa, o mundo privado e o bairro. É como se tivéssemos adentrado num campo simbólico constituído de sentidos que giram em torno do indivíduo, do seu cotidiano e de relações coletivas que não são flutuantes, como dizem teorias recentes sobre a modernidade ou supermodernidade, ao contrário, cristalizam valores e crenças responsáveis pelo sentimento de pertença a lugares, coisas e a pessoas.

Embora a maioria de nossos entrevistados, tenha abordado questões públicas envolvendo a região em que moram e a sua avenida central – muitas vezes com desenvoltura, a exemplo da argumentação de Cláudio –, todos eles, inclusive o líder comunitário, imprimiram relevo às questões da vida cotidiana.

Assim como a prática econômica – o comércio e os serviços de que necessitam – também a política mereceu, da parte dos nossos entrevistados, uma abordagem a partir do mundo da casa e dos interesses individuais.

Contudo, em especial no discurso de Cláudio, a política aparece como a instituição de uma prática social, no espaço público que na verdade é também privado, pois o que sempre esteve em disputa, para ele que fez política nos Cinco Conjuntos, foi a conquista e manutenção da moradia como afirmação do direito à cidade.

Pensamos que os sentidos atribuídos ao bairro são ainda mais positivos do que o reconhecimento da importância da Saul Elkind. É nesse espaço público, porém muito próximo da vida privada, que a casa surge como o verdadeiro patrimônio dos nossos entrevistados.

Sobre as lembranças aqui registradas, temos a dizer o quanto foi fascinante poder acompanhar e participar do trabalho que consiste o ato de lembrar. Se esse trabalho pôde despertar nos nossos memorialistas a percepção da importância do direito ao registro da memória coletiva, consideramos nossa tarefa realizada.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. Não lugres: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GURVITCH, Georg. Fenômenos micro e macro sociológicos. In FERNANDES, Florestan. Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

HALBWACHS, Maurice. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LAPLANTINA, François. Aprender Antropologia. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas. SP: Pontes, 1999.

PAOLI, Maria Célia. História, Memória e Cidadania: o direito ao passado. In Secretaria Municipal de Cultura – São Paulo (SMC), Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Patrimônio Histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

SCWARTZMAN, S. Representação e cooptação política no Brasil. Dados, vol 7, p. 9-41. 1970.

SILVA, William Ribeiro. A Redefinição da Centralidade em Cidades Média. Londrina e Maringá no Contexto da Reestruturação Urbana e Regional. In Anais do Colóquio Internacional de Geocrítica, 10. Barcelona: Universidade de Barcelona, 26-30 de maio de 2008. Disponível em www.ub.edu/geocrit/xcol/37.htm. Acesso em 16/01/2012.

Capítulo 6

**Quando eu me chamar saudade:
representações do/no Cemitério
Jardim da Saudade.**

Quando eu me chamar saudade: representações do/no Cemitério Jardim da Saudade.

Bruno Sanches Mariante da Silva¹

*“Depois que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais”
Nelson Cavaquinho*

Cemitério é uma palavra derivada da língua grega e faz referência ao local para se dormir, descansar. Esses espaços, em nossa sociedade, são comumente associados a ambientes sombrios, escuros e unicamente entendidos como lugares de morte. As pessoas, em geral, visitam os cemitérios com o propósito de homenagear e recordar seus entes queridos que lá estejam sepultados. Assim, os cemitérios são também lugares de memória, coisa viva que mantém as lembranças de uma pessoa e/ou sociedade.

Queremos entender as necrópoles (também do grego “cidade dos mortos”) enquanto espaços de recordações, pois a morte é, por vezes, associada ao esquecimento, sobretudo, ao temor de que se esqueça do finado. Em face de tal temor, trava-se nos espaços cemiteriais uma luta silenciosa contra o esquecimento, revelada nas placas de epitáfio, nos agradecimentos e dedicatórias, assim como, nos adornos dos túmulos que são carregados de evocações de memória. As recordações apoiam-se, sem dúvida, tanto no aspecto material quanto no imaterial dos cemitérios, ou seja, os túmulos, lápides e estátuas suportam a(s) memória(s) tanto quanto os sentimentos, as canções, os choros, as lembranças vívidas de uma vida. A memória necessita dos seus suportes – sejam materiais ou não –, pois, desta forma ela é construída ou reconstruída de acordo com o presente.

Sendo assim, entendemos que os cemitérios representam as parcelas da sociedade que com ele dialogam. Como aponta o governo dos Estados Unidos, em documento específico sobre o estudo e a preservação dos espaços cemiteriais naquele país, ao dizer que sepulturas individuais e coletivas podem refletir e representar de forma importante os valores e práticas culturais do passado que ajudam a instruir-nos sobre quem somos como povo². São lugares de memória bastante atrelados a afetividade, aos sentimentos que aquilo desperta nas pessoas que por eles passam. Há, geralmente, um profundo respeito pelos cemitérios, em razão disto se cumprem alguns rituais. Pelos ditos populares deve-se sempre “pedir licença” para adentrar o cemitério, fazer o sinal da cruz entre outros ritos; e o silêncio grave marca os cemitérios. Envolto em todos esses elementos, os cemitérios tornam-se referenciais identitários das populações.

Desta maneira, queremos destacar que não apenas pela estrutura tumular e/ou destaque artístico e arquitetônico, um cemitério é importante de ser estudado, mas sim pelas relações de identidades, de pertencimento e reconhecimento que são com ele traçadas. Podendo, deste modo, ser considerado como patrimônio cultural de um povo. O termo “Patrimônio Cultural”, ligado ao conceito antropológico de cultura, é expandido e engloba as diversas manifestações sociais e culturais das pessoas em sociedade. Nesse momento nos referimos aos elementos não só materiais – pedra e cal – mas também aos aspectos imateriais, as manifestações artísticas e do espírito humano.

²Tradução livre a partir de “Individual and collective burial places can reflect and represent in important ways the cultural values and practices of the past that help instruct us about who we are as a people”. NATIONAL REGISTER BULLETIN. Guidelines for evaluating and registering cemeteries and burial places. Washington, D.C., U.S. Department of the Interior.

¹Historiador, especialista em Patrimônio Cultural e mestre em História Social (UNESP).

Imbuídos dessas reflexões, queremos nesse texto pensar uma das necrópoles londrinenses. Londrina, cidade de quase 80 anos e 500 mil habitantes³, situada na região norte do Paraná, possui 8 necrópoles urbanas (5 públicas e 3 privadas) e 8 distritais⁴. Dentre tais necrópoles, escolhemos uma para nos debruçarmos em análise, trata-se do Cemitério Municipal Jardim da Saudade, localizado na região norte da cidade, no coração da Avenida Saul Elkind.

O Cemitério Jardim da Saudade foi construído em 1984, no bojo do desenvolvimento da região norte da cidade de Londrina e do surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais naquela região. A necrópole conta hoje (após uma expansão) com 130 mil metros quadrados e mais de 32 mil sepultamentos já realizados, sendo, portanto, o maior cemitério público da cidade.

Em 30 de Junho de 1984 o jornal Folha de Londrina⁵ noticiava que estavam iniciadas as vendas, por parte da ACESF (Autarquia de Cemitérios e Serviços Funerários da Prefeitura de Londrina), de terrenos no Cemitério Jardim da Saudade pelo valor de quarenta mil cruzeiros. Uma soma pequena, pois se aplicada a correção monetária para a atual moeda (Real) esse valor representaria pouco mais de 300 reais⁶. Destaca-se ainda que tal valor era passível de parcelamento, de acordo com a publicação do periódico.

O cemitério já havia sido notícia anteriormente, alguns poucos dias. Em matéria da Seção Londrina, o mesmo diário destacava, no dia 20 de Junho de 1984, que em alguns dias as vendas se iniciariam e que a

construção da necrópole era obra bastante necessária para a cidade, tendo em vista a superlotação dos demais espaços cemiteriais londrinenses. Nessa reportagem há destaque para feitura da necrópole em curto tempo – aproximadamente dois meses – e o fato de que as sepulturas seriam mais acessíveis financeiramente. Ambas as características citadas foram creditadas ao fato de a construção ter sido empreendida pela própria prefeitura de Londrina, segundo as palavras do superintendente da Acesf:

Com a construção deste cemitério em tempo recorde, conseguimos provar que a administração pública tem condições de realizar suas obras com grande eficiência e a um custo muito menor. Com isso tornamos mais acessível o preço de terrenos e carneiros aos interessados e conseguimos inclusive melhorar o atendimento aos indigentes em seus funerais. Foi possível ainda empregar por algum tempo muitos desempregados, principalmente da construção civil e eles trabalharão conosco mais um pouco.⁷

Vemos aqui citadas reportagens de periódicos contemporâneos, e eles consistirão em valiosa fonte histórica para nossa pesquisa. É preciso, contudo, que se diga que os historiadores relutaram muito para tomar os periódicos enquanto fonte ou objeto de pesquisa histórica. A princípio havia certa desconfiança “[...] uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”⁸. Sobretudo por que os historiadores ainda almejavam “[...] valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”⁹.

³A cidade se desenvolveu a partir de um empreendimento de capital inglês na década de 1930. A empresa Companhia de Terras Norte do Paraná – subsidiária brasileira da britânica Paraná Plantation – adquiriu em 1929 515 mil alqueires de terras na região norte do Paraná com o intuito de vender lotes médios tanto rurais e urbanos. O negócio foi tão exitoso que em 1940 a cidade já contava com 75.296 mil habitantes.

⁴Cemitérios públicos: urbanos: São Pedro (1932), João XXIII (1964), Padre Anchieta (1968), Jardim da Saudade (1984) e São Paulo (1989). Distritais: Cemitério de Lerroville, Cemitério de Guaravera, Cemitério de Paiquerê, Cemitério de Irerê, Cemitério de São Luiz, Cemitério de Maravilha, Cemitério de Heimtal (o primeiro da região) e Cemitério de Warta. Dentre os três privados, destaca-se a existência de um cemitério islâmico.

⁵Folha de Londrina, 30 de Junho de 1984, pág.5. Seção Londrina.

⁶De acordo com a equivalência monetária disponibilizada pela Fundação de Economia e Estatística em seu portal virtual: www.fee.tche.br

⁷Declaração de Wilson Battini, então Superintendente da Acesf, em entrevista ao diário Jornal de Londrina, 20 de Junho de 1984.

⁸LUCA, T.R. História dos, nos e por meio dos periódicos. p-p 111 – 153. p.112. IN: PINSKY, C. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

⁹Idem, ibidem.

Foi após os “abalos epistemológicos” na História, como a História Nova, a Micro História e Virada linguística, apontados por Tania de Luca, que a disciplina passou a ter profícuo diálogo com os periódicos, seja utilizando-os como objeto ou como fonte para a pesquisa histórica. Para a utilização enquanto fontes é preciso assumir que a imprensa seleciona, estrutura e ordena tudo o que se escolheu para ser publicado em suas páginas, sejam impressas ou as virtuais. Mas isso não constitui empecilho ao trabalho historiográfico, pelo contrário.

O historiador possui as ferramentas necessárias para uma análise das construções discursivas presentes nas páginas jornalísticas. Para tal o conceito de representações é sempre bastante valioso à produção historiográfica, pois parte do pressuposto que os periódicos são eivados de construções discursivas, ou seja, representações sobre o mundo social. Os textos jornalísticos não são o mundo, mas sim representações deste. Desse modo, representações

São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza¹⁰.

Assim, é possível para o historiador, por meio dos periódicos, tomar conhecimento de algumas representações criadas e mantidas no imaginário social. Dessa maneira, queremos, nesse texto, elaborar dois eixos analíticos para a compreensão do Cemitério Jardim da Saudade, um deles será no sentido de uma reflexão sobre as representações da vida, da morte e da memória

¹⁰CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002. P.17.

no próprio cemitério, por meio da materialidade de seus túmulos, capelas, placas e etc. Os discursos presentes em uma necrópole são bastante específicos e assim possuem linguagem (textual ou não) própria que comunica as concepções acerca da vida e da morte e apresenta representações. Outro eixo que intentamos seguir é o das representações sobre o Cemitério Jardim da Saudade nos diferentes periódicos londrinenses, apresentando-nos um pouco das percepções que a sociedade tinha ou viria a ter sobre esta necrópole londrinense. E é por esta parte que iniciaremos nosso texto que se segue.

Representações da necrópole nos jornais.

Como dito, o Cemitério Jardim da Saudade foi construído no ano de 1984, no entanto, foi a partir da década de 1990 que os periódicos passaram a toma-lo enquanto assunto de diversas reportagens. Em uma pesquisa junto a periódicos de Londrina¹¹, como Folha de Londrina, Jornal de Londrina, Correio Londrinense e Folha Norte, encontramos duas vertentes de representações sobre a necrópole: uma primeira que açambarca ideias sobre violência, vandalismo e falta de segurança neste espaço cemiterial. E outra acerca das grandes dimensões que o cemitério adquiriu com o passar dos anos e o crescente número de sepultamentos, assim como algumas características “demográficas” que essas inumações teriam.

Não é de hoje que os cemitérios são alvo de bandidos. O roubo de objetos em cemitérios tem sido prática constante em diversas cidades mundo a fora, sobretudo, em se tratando de sepulturas ricamente adornadas. Os saques se dão, em geral, em razão do valor pecuniário de tais objetos, ou então, do caráter sentimental de apreço e reverência à personalidade finada¹².

¹¹Especial agradecimento ao setor da Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Londrina que muito solicitamente nos forneceu vasto material para pesquisa.

¹²Um caso que ficou célebre foi o da sepultura de Oscar Wilde no Cemitério Père-Lachaise em Paris. Seu jazigo era adornado com um anjo que possuía um pênis aparente. Esse membro foi por duas vezes roubado.

No entanto, de acordo com os periódicos, havia algo de assombroso e misterioso acontecendo no Jardim da Saudade.

O diário *Jornal de Londrina* (JL) noticiou no dia 25 de abril de 1994 que alguns túmulos haviam sido violados no cemitério. O JL informava que em dezembro do ano anterior o cemitério já havia sofrido ataque semelhante às suas estruturas. Há dois tipos de fala na matéria: uma indireta que apresenta as teses policiais, e outra direta que manifesta a opinião de familiares dos sepultados.

“a polícia suspeita que os responsáveis estavam à procura de objetos de valor e prática de necrofilia (relacionamento sexual com cadáver)”¹³

“é coisa da turma do Saravá pra fazer despacho. Disseram que na época levaram um pedaço da roupa do meu sogro que foi encontrado nu fora do túmulo. É um desrespeito.”¹⁴

No dia seguinte (26/04/1994) o JL voltou ao assunto, dando voz à superintendente da Acesf Marilyns Garani que informava que toda semana os cemitérios sofriam tentativas de bandidos. No entanto, só foi citada a violação dos túmulos acontecida no Jardim da Saudade. O diário volta à teoria policial de que os violadores procuravam objetos de valor ou buscavam a prática de necrofilia. A voz da polícia é ouvida diretamente na matéria do *Correio Londrinense* (CL) de 27 de abril de 1994. O então delegado do 5º distrito policial atribui a responsabilidade das violações ao Jardim da Saudade à Acesf, pois, segundo ele em entrevista o CL, “o cemitério é propício para qualquer prática de vandalismo, pois está em local praticamente deserto”¹⁵. A hipótese aventada pelo mandatário policial é de que a permissão da superintendente a terreiros de umbanda para a prática de ritos provocou tais atos violentos. A explicação voltou-se para a chamada “magia negra” e iniciou-se

uma investigação sobre os centros de umbanda que usaram o cemitério para “fazer despacho”¹⁶.

Menos de um mês após essas matérias há a apresentação de uma nova representação no imaginário sobre o Jardim da Saudade. Em 2 de maio de 1994 o JL trazia como manchete “Mortos são incomodados mais uma vez”, mas o “chapéu”¹⁷ da matéria anunciava uma “reincidência macabra”. O texto é bastante explicativo quanto aos túmulos violados e fato de alguns terem sido abertos mais de uma vez. Mas é interessante pensarmos que uma hipótese foi descartada pela política e as consequências que tal ato produz para o entendimento das representações sobre a necrópole. Acompanhemos um trecho do diário:

“A hipótese de furtos de objetos de valor já foi descartada pela Polícia por ser um cemitério de famílias mais pobres, na maioria. As investigações são feitas em cima da possibilidade de necrofilia (prática sexual com cadáveres)”¹⁸.

Essa perspectiva está presente na fala dos parentes de finados lá sepultados:

“Na opinião de Vera Lúcia, irmã de Maria Bueno, roubo não é, porque aqui só tem gente pobre. É coisa da magia negra, maconheiro também não faz isso e nem molecada”¹⁹.

Há aqui a primeira menção que vemos sobre o Cemitério Jardim da Saudade ser um cemitério de “pobres”. As teses sobre necrofilia e rituais de “magia negra” ganham força, em detrimento do furto de objetos valiosos, quando quatro anos após essas matérias, o assunto voltou a ocupar a pauta dos periódicos.

¹⁶Idem, *ibidem*.

¹⁷Geralmente o chapéu da matéria é uma palavra ou pequena frase que apresenta o tema da reportagem que se segue.

¹⁸Mortos incomodados mais uma vez. *Jornal de Londrina*, 02/05/1994. Seção Geral.

¹⁹Idem, *ibidem*.

¹³Túmulos violados e caixões remexidos. *Jornal de Londrina*, 25/04/1994. Seção Geral.

¹⁴Túmulos violados e caixões remexidos. *Jornal de Londrina*, 25/04/1994. Seção Geral.

¹⁵Magia negra pode ser causa das violações de sepulturas. *Correio Londrinense*, 27 de abril de 1994.

A “linha fina” (pequeno texto introdutório abaixo do título da matéria) dizia assim: “muitos acreditam que crime esteja ligado a rituais religiosos. Polícia trabalha com hipóteses de necrofilia”²⁰. A matéria retoma diversos casos semelhantes acontecidos na cidade, inclusive uma série de violações acontecida no Cemitério São Pedro 15 anos antes da matéria. Há também vasta explicação sobre a psicopatologia conhecida como necrofilia, assim como sobre as possíveis relações do candomblé e da umbanda – ambos tratados como magia negra pelo diário – com a violação de túmulos e cadáveres²¹. A matéria traz a imagem desfocada de um cadáver feminino abandonado de bruços sobre uma sepultura do Jardim da Saudade.

Em 1999 o assunto foi abordado pela Gazeta do Povo (GP), jornal da capital do estado, relatando que mais quatro túmulos teriam sido violados em Londrina e apresentando a reincidência dos acontecimentos. Nessa matéria o delegado “afirma que a iluminação precária do cemitério e o muro baixo perto das últimas quadras facilita a entrada de estranhos durante a noite”²². A estrutura do cemitério foi assunto em todas as matérias citadas, principalmente, a inexistência de muro em parte do terreno ou a iluminação precária. Tais apontamentos estão presentes em todas as matérias que citamos.

No mesmo ano, A Folha de Londrina noticiou que o Centro de Direitos Humanos de Londrina constatara um estado de abandono no cemitério. A reportagem retomava os casos de violações de túmulos e enfatizava com fotografias um matagal nos fundos do cemitério²³. Essas preocupações com a estrutura do cemitério ocuparam as atenções no final da década de 1990 e ao longo dos anos 2000²⁴.

Ao longo de várias matérias expressões como “descaso” e “falta de respeito” ganham destaque, seja do lado da Acesf quanto dos familiares de sepultados. Com o passar dos anos alguns túmulos, em razão da precária construção ou do terreno acidentado, foram cedendo em suas estruturas; paralelamente, a própria Acesf precisou por vezes exumar e reutilizar sepulturas, produzindo muito material a ser descartado. Um visitante manifestou sua indignação recentemente em matéria de 2013: “Fiquei horrorizada. Senti uma imensa falta de respeito com as famílias. Cemitério já é lugar triste de visitar e chegar ali naquela situação é um tapa na cara.”²⁵

Em relação ao abandono das sepulturas pelos familiares em 2005 a Acesf organizou duas explicações diferentes, de acordo com, também dois, periódicos da cidade:

“De modo geral as pessoas cuidam bem dos túmulos, principalmente na época que antecede o Dia de Finados. De um universo de 10.441 jazigos, somente 5% estão abandonados”, disse o superintendente. Um dos problemas apontados é que muitas famílias que têm entes enterrados em Londrina já não moram mais na cidade e o túmulo fica sem cuidados”²⁶.

“Embora o Jardim da Saudade concentre grande número de ‘moradores’ de baixa renda, Manelito [superintendente da Acesf] não atribui o problema à falta de dinheiro para reparos dos túmulos: “Isso é a pessoa que não liga mesmo para seu ente querido”²⁷.

A preocupação com a segurança parece, de acordo com depoimentos presentes nos jornais, envolver também a estrutura tumular e a do cemitério, em conjunto.

²⁰Magia negra e necrofilia voltam à discussão. Jornal de Londrina 06 de dezembro de 1998.

²¹Em momento algum foi fornecida explicações sobre as origens e doutrinas das religiões afro-brasileiras, tão pouco, foi dada voz a membros dessas religiões. Coincidência que merece destaque: em 2013 a Yalaorixá Yá Makumby, líder religiosa e do movimento negro na cidade foi sepultada, em grande ritual do candomblé, no Jardim da Saudade.

²²Mais quatro túmulos violados em Londrina. Gazeta do Povo, 24 de Março de 1999.

²³CDH pede providências para cemitério. Folha de Londrina, 2 de março de 1999, p.3.

²⁴Autarquia manda reforçar segurança em cemitério. Folha de Londrina, 25 de março de 1999. Prefeitura conclui estudo para cemitério. Jornal de Londrina, 19 de Junho de 2002.

²⁵Caixões, flores e roupas a céu aberto. Jornal de Londrina, 26 de fevereiro de 2013. Seção Geral/Cidade.

²⁶Falta de cuidados em túmulos preocupa direção da Acesf. Jornal de Londrina, 10 de novembro de 2005.

²⁷Crânio exposto revela descaso em cemitério. Folha de Londrina, 29 de novembro de 2005. Seção Cidades.

“As irmãs Dione e Célia Corsino contam que ainda não tiveram problemas com o túmulo da mãe, que era alugado e por isso estava sem adornos, mas agora que o corpo foi transferido para um espaço próprio, temem haver algum tipo de vandalismo. ‘amigos nossos já tiveram problemas e isso nos preocupa. Queremos que o corpo do nosso ente querido fique em segurança, mas isso aqui (no cemitério) parece ser pior”²⁸.

Algumas considerações são necessárias sobre os textos citados. Nesse último depoimento de duas irmãs à FL em 2013, é possível percebermos na matéria que havia um interesse do jornal em demonstrar a questão da violação e vandalismo de túmulos, pois a todos os entrevistados foram feitas perguntas sobre essa questão, todavia em todos os casos eles reportaram não terem sofrido com isso, mas que conheciam quem padecera com tal situação. Outro ponto de destaque é que em matéria de 2005 a FL afirma que grande parte dos sepultados no Jardim da Saudade é formada por pessoas de baixa renda, mas que esse não seria a razão da falta de manutenção dos túmulos, mas que está atrelada à falta de zelo das famílias.

O abandono e/ou a não conservação adequada dos túmulos pode levar a Acesf a revogar o a concessão dada à família, em qualquer cemitério. Isso se dá, em princípio, pela falta de túmulos para toda a grande demanda que há. Em 2012, frente a grande procura e a superlotação de outros cemitérios (como o São Pedro) a Acesf cogitou criar o sistema de gavetários, permitindo uma expansão do número de sepultamentos. Em matéria de 12 de outubro de 2012, a FL destacou a criação de tal sistema e na fala do superintendente da ACESF ficou expressa a diferença de preço entre os cemitérios. “Ele explica que a diferença de preço entre um cemitério popular e um central é ‘muito grande’. ‘O preço no Cemitério da Saudade é de R\$1,248 enquanto no Cemitério São Pedro (Centro) chega a 15 mil”²⁹.

²⁸Sepulturas poderão ser reutilizadas. Folha de Londrina, 17 de janeiro de 2013. Folha Cidades, p.3.

²⁹Demanda por cemitério obriga Acesf a criar gavetários. Folha de Londrina, 12 de outubro de 2012.p.7;

A política de preços diferenciados da Acesf rapidamente lotou o Jardim da Saudade que em menos de 30 anos alcançou mais de 34 mil sepultamentos. Está presente em texto da Folha Norte (FN) de 2011:

[...] Na Avenida Saul Elkind, com 34 mil pessoas sepultadas, está o cemitério Jardim da Saudade, que, de acordo com o coordenador Ideiede Pereira, além de maior, também é o mais barato. “As pessoas acabam optando por um túmulo aqui porque o preço é menor do que em outros lugares, aproximadamente R\$ 1,5 mil. Há jazigos no cemitério São Pedro, no centro, que chegam a custar R\$ 15 mil”³⁰.

Segundo o entrevistado as pessoas “acabam” por escolher o Jardim da Saudade, tendo em vista que os demais ou estão superlotados ou são demasiadamente caros, citando dados inclusive. Parece, nesse entendimento, não haver uma identificação da população com este cemitério, entendido enquanto uma necrópole de/para pobres. Não haveria famílias que querem ali enterrar seus mortos? No entanto, esse mesmo periódico havia noticiado em 2003 que o Jardim da Saudade era o cemitério que mais recebia sepultamentos em Londrina, há uma média de 120 ou 130 ao mês. Fazia uma ressalva que a grande procura se dava em razão da disponibilidade de terrenos e os baixos preços.

Como percebemos, foi por diversas vezes enunciada a questão dos baixos preços (desde o lançamento do cemitério para venda de terrenos) para se adquirir ou ser sepultado no Jardim da Saudade. É preciso explicar que essa é a única necrópole pública onde são sepultados os cidadãos que não tem condições socioeconômicas de arcar com as custas funerárias³¹. É mandatário que se esclareça que apenas as custas com o funeral são desoneradas do beneficiário – através de comprovação e entrevistas com assistentes sociais

³⁰Zona Norte tem o maior e o menor cemitério da cidade. Folha Norte. 29/10 a 4/11/2011. Seção Cidade, p.

³¹Hoje há um cemitério particular que por força de lei desempenha semelhante função mediante cota estabelecida pela Prefeitura Municipal no ato de concessão.

da Prefeitura –, no entanto, a família deve pagar pela sepultura, o que nos leva de volta ao Jardim da Saudade que tem as sepulturas mais baratas, havendo ainda possibilidade de sepultamento na terra.

A Folha de Londrina destacou em 2003 que o cemitério era uma “cidade” com bairros e classes sociais. A matéria tratou de destacar que o tratamento não é menos “cristão” com aqueles que não podem pagar, no entanto, a eles é destinada uma região (um “bairro”) menos nobre do cemitério.

O “bairro” mais pobre do Cemitério Jardim da Saudade, na Zona Norte, reproduz a realidade urbana dos vivos. Fica na periferia sul, no setor mais acidentado e mais remoto, um terreno anexado recentemente na área total de cinco alqueires, onde estão 20 mil sepulturas. A nova fronteira de sepulturas já está bem próxima ao muro que a divide da cidade viva, como se avisasse que o Jardim da Saudade está bem próximo da saturação.³²

As diferenças sociais e a marginalização (no sentido, de estarem em oposição ao centro) de parcelas das sociedades no espaço urbano têm sido discutidas enquanto grandes fomentadores da violência urbana. A criminalidade na cidade de Londrina foi também arrolada como uma das características presentes no Cemitério Jardim da Saudade.

“Violência lota maior cemitério de Londrina” foi a manchete da Folha de Londrina em 27 de setembro de 2002. A matéria apresenta que das 103 vítimas de homicídio 76 haviam sido sepultadas no Jardim da Saudade. Contudo, há a ideia criada acerca desta necrópole como aquela que abriga os “filhos do crime”. Nesta matéria a FL procurou enfatizar que grande parte dos sepultamentos é constituída por jovens:

Apenas 15 vítimas que descansam no Jardim da Saudade tinham mais de 30 anos. Humberto Conceição Pereira, 23, disse que o clima costuma ser muito pesado e triste nos sepultamentos dos jovens que perderam a vida para o crime. “Nós estamos acostumados, mas dá pra sentir a dor dos pais e dos irmãos dos mais novos”, disse Pereira, que há oito anos trabalha no local. Pereira contabiliza ter enterrado mais de vinte assassinados neste ano³³.

Em matéria de cunho semelhante a Folha Norte apresentou que, extra oficialmente, a Acesf estima que 60% dos sepultados têm menos de 25 anos. Segundo o jornal “isso representa 15 mil jovens, boa parte vítima de morte violenta”³⁴. A matéria traz também a informação de que ocorrem muito mais sepultamentos de jovens no Jardim da Saudade do que nos demais cemitérios.

Desse modo essa última representação do Jardim da Saudade enquanto um cemitério de jovens nos chamou a atenção e precisávamos seguir tal pista. Assim sendo, fomos analisar os livros de registros de inumações depositados no arquivo da Acesf. Em tais fontes constam todas as inumações ocorridas nas necrópoles londrinenses. Logo, queríamos investigar por faixa etária e sexo os que foram sepultados, mas sabíamos que não seria possível analisar os quase 30 anos e mais de 30 mil sepultamentos. Desta maneira analisamos o ano de 2002 (ano em que tal ideia foi aventada pela primeira vez pela imprensa) e o ano de 2012, pois este era o último ano já completo quando fomos analisar.

³²‘Cidade’ com bairros e classes. Folha de Londrina, 19 de outubro de 2003. Especial. p.14.

³³Violência lota maior cemitério de Londrina, 27 de setembro de 2002. Seção Cidade. p.3.

³⁴No Jardim da Saudade maioria dos mortos tinha menos de 25 anos. Folha Norte, 29/10 a 4/11/2005, p.6.

Chegamos a tais índices:

TABELA 1	Cemitério São Pedro		Cemitério Jardim da Saudade	
	Ano 2002		Ano 2002	
Natimorto	6 (1,40%)		62 (4,63%)	
Idade	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0-1	4	2	38	24
02-10	0	2	9	3
11-15	2	3	12	6
16-25	8	2	85	15
26-30	8	0	47	10
31-40	7	2	77	24
40-60	44	24	229	97
Mais de 60	160	156	315	275
TOTAL	231	191	812	454
Total GERAL	428		1137	

TABELA 2	Cemitério São Pedro		Cemitério Jardim da Saudade	
	Ano 2012		Ano 2012	
Natimorto	7 (1,56%)		29 (2,05%)	
Idade	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0-1	0	1	8	4
02-10	0	1	9	1
11-15	1	0	9	2
16-25	1	1	81	7
26-30	3	1	30	6
31-40	6	4	71	16
40-60	40	16	223	119
Mais de 60	181	183	419	375
TOTAL	232	207	850	530
Total GERAL	446		1409	

Queremos com isso apresentar um “raio-x” parcial dos sepultamentos no Jardim da Saudade, tomando dois anos que se distanciam em uma década, em comparação com a mais longeva necrópole londrinense, o Cemitério São Pedro. O Cemitério Jardim da Saudade, claramente, recebe mais sepultamentos do que a necrópole central, quase mil inumações a mais por ano. O curso dito natural da vida segue seu rumo, sepultando em maior número aqueles que já contribuíram longamente para a sociedade, pois em ambas as necrópoles há uma predominância da faixa etária acima de 60 anos.

É mandatório explicitar também que há uma maior incidência de sepultamentos de jovens entre 16 e 25 no Jardim da Saudade do que no São Pedro. E sua esmagadora maioria é composta por rapazes. Será um reflexo da violência urbana preconizada pelas matérias jornalísticas, sendo estes os “filhos do crime”? Não há como sabermos com precisão numérica, por que o “Livro de Registros de Inumações”, principal documento sobre os cemitérios, é uma fonte histórica movediça, escrita a várias mãos e que segue diversos padrões. Para sermos mais claros, o registro nesse livro fica a cargo de um funcionário da Acesf, no entanto, pode haver um remanejamento interno

e outra pessoa então passa a fazer o registro. Muda-se a letra, muda-se, muitas vezes, o padrão de anotação. Em certas páginas encontramos como causa mortis “atropelamento”, “acidente de trânsito”, “arma de fogo”. Ora, essas não são causa mortis de cunho médico, são os acontecimentos sociais que provocaram certa desordem no corpo humano levando-o a óbito. Por outras vezes temos registros mais medicalizados em anotações como “politraumatismo encefálico” “hemorragia interna” etc. Com isso, quer-se apontar que é impreciso afirmarmos que esses jovens morreram vítimas da violência urbana, mas não podemos negar a existência dessa larga vantagem numérica frente às demais faixas etárias.

Em 2005 a Folha Norte noticiou que 60% dos sepultados tinham menos de 25 anos e que “boa parte vítima de morte violenta”. Em nossa opinião trata-se de construção de uma representação do cemitério, porque não podemos afirmar sem uma arguta investigação das causas mortis, além do mais como vimos pelos dados de 2002 e 2012 não corresponde a 60% os jovens sepultados.

Outro ponto que pode ser esclarecido é que mesmo em se tratando de falecimentos advindos dos crimes urbanos, isso não configura que a zona norte seja mais violenta que as demais regiões, pois uma pessoa que faleça na zona sul e vá se valer do benefício da isenção das custas funerárias, será sepultada no Jardim da Saudade também. O que a nosso ver refuta uma das explicações para o maior número de sepultamentos no Saudade aventadas pelo ex-superintendente da Acesf Osvaldo Moreira Neto em 2005: “É o maior número de sepultamentos da cidade. Não se pode afirmar ao certo a razão: se é porque na região morrem mais pessoas ou se é porque o cemitério é o maior de Londrina”³⁵. Essas explicações e construções advêm da representação dos “Cinco Conjuntos” como um lugar violento e perigoso³⁶.

“Cemitério de pobres” “cemitério de bandido” “descuidado” “sujo”. São expressões das representações criadas na/pela imprensa ao longo do tempo acerca do Cemitério Municipal Jardim da Saudade. É preciso pensar se essas representações estão também expressas na materialidade do cemitério, assim como refletir se essas são as únicas representações acerca desta necrópole.

A materialidade do Jardim da Saudade: representações de fé, amor e diferenças sociais.

Um olhar atento à materialidade das sepulturas e da própria estrutura cemiterial pode nos revelar os discursos sobre a morte e a vida em um cemitério, assim como os discursos sobre a memória e a própria história da cidade³⁷.

Como já dito, os cemitérios são impregnados da luta contra o esquecimento, sobretudo, pela materialidade dos túmulos e jazigos. As placas que rememoram e homenageiam os finados, os epitáfios que recontam os feitos e nos quais estão declarados amores dos diversos tipos, a estatuária que em geral apresenta demonstrações de fé. A arquitetura cemiterial é mais largamente estudada do ponto de vista da história da arte e da arquitetura³⁸, como nos Cemitérios da Consolação em São Paulo (recentemente tombado pelo conselho estadual do patrimônio CONDEPHAAT) e o São João Batista na capital fluminense. Em geral, os cemitérios são foco de pesquisas artísticas e históricas. Mas apenas os cemitérios ricos em estatuária, em grandes túmulos vastamente adornados são passíveis da atenção do historiador? Acreditamos que não e, por

³⁷Há texto publicado sobre os discursos do pioneirismo presentes no Cemitério São Pedro em Londrina, o mais antigo cemitério urbano da cidade. SILVA. B.S.M. “Aqui jaz um pioneiro”: pioneirismo e memória no Cemitério São Pedro em Londrina – PR”. IN: SILVA. Z. L. VI Encontro do CEDAP – Preservação do Patrimônio e Democratização da Memória.

³⁸No cemitério São Pedro em Londrina, encontrou-se claras manifestações arquitetônicas do modernismo no Brasil, inclusive com imitações de estruturas presentes em Brasília, capital federal do Brasil.

³⁵FN, 2005.

³⁶Ver neste livro os capítulos “Saul Elkind: de ilustre desconhecido à artéria da Zona Norte” e “Discursos e Reminiscências da Saul Elkind”.

tal, nos dedicamos à análise da estrutura tumular do Cemitério Municipal Jardim da Saudade em Londrina.

Após extensa pesquisa de campo visitando o cemitério e observando suas formas, percebemos que a materialidade do cemitério reproduz esse imaginário de que a necrópole é um local inseguro, sempre sujeito a vandalismo e furtos. Em verdade, esse medo já foi expresso pelos periódicos em entrevistas com familiares de finados no Cemitério da Saudade sepultados.

O que encontramos, em primeira observação, foi um cemitério cuja grande maioria dos túmulos é composta por carneiras simples (uma “gaveta”) ou carneiras duplas (duas “gavetas”). A simplicidade é o que marca indelevelmente essas estruturas tumulares, talvez já imbuídas desse medo propalado de vandalismo. Há pouca estatuária religiosa, os poucos exemplares que encontramos são, em grande maioria, representações de Nossa Senhora Aparecida, Jesus Cristo, a Sagrada Família e os mais diversos anjos. Essas imagens são em geral de porcelana ou gesso, não há estátuas de bronze. Percebemos também uma baixa ocorrência de utilização daquelas costumeiras placas com os dados do finado ali sepultado, muitas vezes recorreu-se a uma simples pintura do nome do finado (figura 1) sobre o túmulo, ou neste mesmo, inscrever manualmente no concreto o nome.



Fig.1: Túmulo simples sem estatuária ou placa. 2013. Foto: Bruno S.M.Silva. Acervo do autor.



Fig. 2: Imagem de Nossa Senhora em gesso. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Com essas duas constatações, entendemos que pode haver – ao menos – duas explicações para essas características: uma delas é o, já citado, temor de essas peças serem saqueadas ou depredadas; e a outra delas é a condição social e financeira de grande parte das famílias que lá sepultam seus entes queridos, tendo em vista que os terrenos e sepulturas são mais baratas no Jardim da Saudade do que em qualquer outra necrópole londrinense.

É preciso que se diga que existem algumas sepulturas que exibem apenas os buracos deixados no concreto ou no granito por antigas placas, talvez caídas, talvez roubadas. Todavia, há aqueles túmulos que expõem estatuárias e placas. Queremos destacar que uma parte desses que encontrou maneiras para homenagear seus entes queridos e ostentar peças mais caras e placas que os rememore, sem obliterar o temor por parte deles, mas valendo-se de certa precaução, assim muitos deles decidiram então gradear os túmulos ou parte deles, a fim de proteger tais peças.



Figura 3:(à esq.) Túmulo com grades e vidros para proteção. 2013.

Figura 4:(à dir.) Túmulo gradeado com portões e cadeados. 2013. Fts: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Fig. 5: Túmulo sem a placa, da qual ainda permanecem as marcas. 2013. Ft: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 6: Túmulo com capela envidraçada com cadeado protegendo a placa e uma grande escultura de Nossa Senhora Aparecida. 2013. Foto Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 7: (à esq.) Túmulo recente de concreto ainda sem revestimento portando uma pedra com uma placa e os dados do finado. 2013.

Figura 8: (à dir.) Túmulo mais recente coberto com revestimento e portando uma placa antiga não fixada e uma cruz em madeira. 2013. Fotos: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Notamos que alguns desses túmulos que possuem certa estrutura tumular mais elaborada (duas carneiras, placas, revestimento cerâmico etc.) apresentam indícios de que tenham sofrido transformações ao longo do tempo. Essa modificação se deu muitas vezes por que o primeiro sepultamento aconteceu em carneira simples ou mesmo na terra, mas que com o passar do tempo a família experimentou uma ascensão social mais vigorosa possibilitando que esse túmulo fosse reformado, assim se homenagearia “melhor” o ente querido, mas também seria possível comporta mais adequadamente novos sepultamentos, no caso de ampliação para uma carneira dupla³⁹. A não ser que buscássemos os registros de cada sepultura poderíamos afirmar a primeira inumação fora feita na terra ou em carneira simples, mas não é esse nosso objetivo. Mais uma vez é importante perceber o diálogo entre a necrópole (cidade dos mortos) e a cidade dos vivos, pois experiências dos vivos repercutem no cemitério.

³⁹Para a reflexão sobre a ascensão social e (re)configuração de moradias e espaços comerciais, observar neste livro os capítulos “Evolução urbana e tipologia arquitetônica da Avenida Saul Elkind” e “Uma outra cidade? A Avenida Saul Elkind, o desenvolvimento comercial e a ascensão social dos moradores da zona norte de Londrina”.

Um dos elementos que mais no chamou a atenção é a nítida manutenção da cruz, em geral de madeira e já bastante desgastada pelo tempo, por cima ou próxima do novo túmulo já feito concreto e frequentemente coberto com revestimento.



Figura 9: Túmulo novo (carneira dupla) com revestimento e na frente uma placa metálica em forma de cruz com os dados do finado. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 10: Túmulo novo com revestimento que ostenta uma cruz em concreto bastante desgastada. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Alguns túmulos apresentam alta elaboração quanto a sua estrutura e ornamentação, como em qualquer cemitério. O uso corriqueiro de granito ou materiais cerâmicos para revestir as sepulturas, placas com nomes e epitáfios, vasos para flores, toldos e etc. Há uma preocupação com a forma e com a estética.



Figura 11: Túmulo com duas gavetas horizontais e adornado em revestimento escuro.2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 12: Túmulo revestido em material cerâmico branco cujas gavetas são adornadas em granito. Cobertura de toldo. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 13: Túmulo em formato que se assemelha a Catedral Metropolitana de Londrina.2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 14: Túmulo revestido por grantino e coberto por grama. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Entretanto, não são todas as famílias que conseguem (ou ainda não conseguiram) modificar a aparência tumular e assim as formas de demonstração de afeto. O que não significa afirmar que essas manifestações de bem-querer não existam, mesmo sem aqueles materiais considerados mais nobres ou formas mais comuns de demonstração de afeto nos cemitérios como as placas e epitáfios. O que encontramos no Cemitério Jardim da Saudade foi que alguns familiares

descobriram, muitas vezes, uma nova linguagem, uma forma própria, por meio de materiais pouco comuns na arquitetura cemiterial, como o spray de grafite, para comunicarem seus sentimentos saudosos e prestar as homenagens aos entes queridos falecidos. Outra forma – largamente mais recorrente – é a inscrição no concreto ainda fresco do nome do parente falecido e com ele é acrescentada uma pequena declaração de carinho, eternizada quando o cimento seca.



Figura 15: Túmulo com inscrição no concreto. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Fig. 16: Túmulo com mensagem em spray azul. 2013. Ft: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 17: Túmulo com inscrição no concreto. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Fig.18: Túmulo com mensagem em spray preto. 2013. Ft: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Dentre todas as diferentes formas de expressão de amor pelo ente querido, encontramos uma que nos chamou mais a atenção. Trata-se de uma pintura no concreto que reproduz uma placa funerária. Talvez com a ideia do vandalismo iminente ou por falta de condições financeiras, não se sabe o motivo, mas a família entende que a placa provê certa distinção e faz parte dos discursos sobre a morte presentes no cemitério. Essa “placa” traz, inclusive, os símbolos convencionados para a morte e o falecimento, ou seja, a estrela que representa o nascimento e a cruz que simboliza o falecimento. Por se tratar, de um natimorto tem-se apenas o primeiro nome.

Com isso queremos destacar que, não importa as condições sociais e financeiras, as famílias procuram homenagear seus entes queridos. Assim, como há túmulos abandonados no Cemitério São Pedro, considerado cemitério de “pioneiros” e de pessoas influentes na cidade, há também no Jardim da Saudade. A condição social não está relacionada com importar-se mais ou menos com aqueles que partem do convívio. Tal constatação é evidente também nos túmulos dotados da mais extrema simplicidade.



Figura 19: Túmulo com a reprodução em pintura de uma placa funerária. 2013.
Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

Na porção sul (para quem entra pelo portão principal do cemitério, situa-se a sudeste) encontram-se as carneiras conjugadas. São essas as mais baratas sepulturas ofertadas pela ACESF e não são de caráter perpétuo. É feita uma concessão por três anos, após esse período os familiares precisam adquirir uma carneira perpétua para sepultar os restos mortais ou, então, eles irão para o ossuário municipal, que fica também no Jardim da Saudade.

Essa região do cemitério é fruto da expansão acontecida em 2003 e o terreno é bastante acidentado, havendo diferença muito grande de nivelamento do terreno entre uma quadra e outra. Mas é lá que estão erguidos os paredões de sepulturas conjugadas, permitindo um maior número de sepultamentos no cemitério. É preciso que se diga que a estrutura de maneira geral naquela porção do terreno é bastante precária, não havendo grama ou qualquer calçamento, a terra predomina o cenário. E com isso tudo se complica, pois constatamos que pelo menos um “andar” da parede de sepulturas já foi parcialmente encoberto pela terra deslocada, provavelmente, em chuvas.

Outro fator que nos chamou a atenção é que há uma parte dessas sepulturas que são nitidamente menores e não havíamos compreendido o porquê até nos aproximarmos para a leitura das inscrições feitas no concreto. A constatação impressiona a qualquer que por ali passe, trata-se de um extenso corredor com pequeninas gavetas para os natimortos. São inscrições apenas com os nomes e as “idades”.

Seja de adultos ou de crianças o que se quer destacar é que há familiares que se preocupam e empenham-se em manifestar seu bem-querer e sua reverência com aquelas pessoas queridas que já deixaram a vida.



Figura 20: carneiras conjugadas destinadas aos natimortos. É possível perceber inscrições de mensagens de carinho. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 21: Parede parcialmente encoberta por terra. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 22: Carneira com inscrições de sentimentos no concreto. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 23: Carneiras conjugadas com placas funerárias. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

A análise dos corredores de carneiras conjugadas, suas formas e, sobretudo, sua localização nos fez refletir sobre a existência de diferentes cemitérios dentro do Jardim da Saudade. Talvez seja próximo do que apontou a matéria, já citada, da Folha de Londrina de outubro de 2003 sobre o Cemitério Jardim da Saudade ser uma “cidade” com bairros e classes. Nas figuras 24 e 25 podemos ter uma visão de dentro desses corredores de carneiras conjugadas, onde há a predominância do cinza do concreto em contraste com o vermelho da terra que encobre algumas sepulturas.



Fig. 24: (à dir.) Fotografia tirada da entrada de um dos corredores de carneiras conjugadas. 2013.
Figura 25: (abaixo) Fotografia tirada a partir do meio do corredor “olhando” para o outro lado do cemitério. 2013. Fotos: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Essas percepções sobre os diversos tipos de túmulos presentes no cemitério Jardim da Saudade nos levou a constatação que há uma diferença entre os “lados” do cemitério. Essas porções nós definimos tomando a entrada principal como referência: entrando pelo portão principal haverá um longo caminho que conduzirá até o muro final divisório do cemitério, passando ao centro pelo cruzeiro.

Figura 26: Imagem de satélite extraída do site Google e com as delimitações em colorido de áreas – setorização – do Cemitério Jardim da Saudade, 2013. Fonte: Google maps. Autor da ilustração: Bruno S. M. Silva.



Nessa ilustração podemos ver uma imagem de satélite do Cemitério Jardim da Saudade e compreendemos o quão extenso e muito bem ocupado ele é. Aplicamos alguns efeitos a fim de facilitar a compreensão da explicação da “setorização” da necrópole. Entendamos que a linha verde é o caminho principal que percorre todo o terreno. Circulado em azul está o cruzeiro do cemitério, espaço sagrado e local para as diversas práticas religiosas. As porções acima do cruzeiro identificadas como A e B são aquelas onde é possível encontrarmos os túmulos mais antigos, pois elas datam de anteriormente à expansão de 2003. Tal aumento do terreno cemiterial criou as porções C e D. Em vermelho está a região na qual se situam as já mencionadas carneiras conjugadas.

Nas porções marcadas como A e B encontramos os túmulos mais elaborados, também aqueles que apontamos como os que tenham sofrido transformações e expansões em suas formas ao longo do tempo. Entre ambas, no entanto, a porção A é aquela na qual os túmulos ostentam materiais mais ricos e suas estruturas são mais elaboradas. Na parte B os túmulos são pouco mais simples e menores, talvez – mais do que na parte A – esses sejam os túmulos que mais sofreram transformações, como aqueles que inicialmente eram sepultamentos diretamente na terra e hoje são compostos por carneiras duplas. Na parte B ainda encontramos alguns sepultamentos em terra.

Por serem mais recentes as partes C e D são mais parecidas entre si, inclusive o design dos túmulos repete-se de maneira impressionante. A grande maioria tem a mesma forma: uma ou duas carneiras cobertas por revestimentos cerâmicos – em geral trata-se de porcelanato –, sobre ela(s) um pequeno abrigo em forma triangular com proteção de vidro e muitos com cadeado. Na porção sul da área D encontramos uma longa série de carneiras simples sem revestimento e ainda não ocupadas. O cemitério Jardim da Saudade é um constante canteiro de obras.



Figura 27: Túmulos vazios e prontos para comercialização e lixo de construção entre eles. Cenário comum na porção mais austral da necrópole. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.



Figura 28: Fileira de túmulos ainda disponíveis. 2013. Foto: Bruno S. M. Silva. Acervo do autor.

À guisa de conclusão

“Quando eu me chamar Saudade, não preciso de vaidade. Quero preces e nada mais”. Foi com essa epígrafe retirada da obra de Nelson Cavaquinho que iniciamos esse texto. Pelos versos da canção o compositor pede que quando ele morrer não quer um violão de ouro ou coisa parecida como homenagem, pois esses atos caem no esquecimento. Ele pede apenas as preces e nada mais. No Cemitério Jardim da Saudade não há violões de ouro.

Os cemitérios têm em comum certa linguagem que os torna semelhantes, como a utilização de placas, adornos, estátuas, velas, terços etc. Esses elementos estão presentes na grande maioria dos cemitérios – os cristãos, é claro. Quando pensamos nos epitáfios – aqueles textos postos sobre as lápides – há bastante similaridade entre eles, pois em geral são bastante elogiosos e querem declarar a afeição dos familiares pelo ente que partiu. Já a estatuária é majoritariamente religiosa, com grande predominância para Jesus e as diferentes representações de sua mãe, Maria.

O Cemitério Jardim da Saudade tem todos esses elementos em suas sepulturas. Em menores dimensões e quantidade, mas os possui, corroborando a ideia de uma linguagem própria aos cemitérios.

Mas cada necrópole, como uma cidade, tem características próprias em razão de seus habitantes. No Cemitério São Pedro, por exemplo, percebemos um forte discurso do pioneirismo, e assim o largo uso de estatuária em bronze pintado de dourado, ao passo que assim se conferiria maior dignidade e honradez aos sepultados. No Jardim da Saudade não se vê grandes bustos ou Jesus carregando sua cruz em bronze, vê-se pequenas estátuas de Maria, José e Jesus; assim como várias Nossas Senhoras Aparecidas, todas de gesso ou porcelana.

As linguagens dos cemitérios se diferenciam entre si por que estão diretamente atreladas à identificação que os familiares – pois são eles que constroem e adornam as sepulturas – possuem com o local e com suas formas. É essa identificação mais forte com certos materiais ou estruturas que dita a predominância. Assim, os cemitérios são em geral patrimônios culturais.

Quando a ideia acerca do patrimônio cultural de um povo deslocou-se dos grandes monumentos e construções e passou a abarcar os artefatos mais simples, incorporando também os aspectos imateriais

da cultura de um povo, os cemitérios passaram também a ganhar novas leituras. Assim, o patrimônio passou da monumentalidade para, muitas vezes, o singelo; passando do caráter único de excepcionalidade para a necessidade de representatividade dos artefatos para as comunidades.

Patrimônio, particularmente o chamado “patrimônio cultural”, evoca em seu nome a identidade coletiva em primeiro lugar, a salvaguarda, a preservação, o uso de bens materiais e imateriais (tangíveis e intangíveis). Dilatado, o conceito de patrimônio passou dos monumentos da nação e dos bens da civilização para o cotidiano dos povos, o desenho das cidades, as culturas sociais (religiosas, gastronômicas, musicais, etc.) em geral⁴⁰.

Cemitérios enquanto patrimônio cultural não são apenas aqueles que recebem visitas de turistas em razão de seus mortos célebres ou grandes obras de arte a céu aberto. Patrimônio cultural deve ser algo vivo. Deixando de lado a estranheza da comparação, não há nada mais vivo do que um cemitério, onde todo dia uma vela se acende, uma flor é posta em um vaso, uma nova cova é aberta, e mais uma oração é entoada. Cemitérios são vida, pois as pessoas fazem dele algo dinâmico. Lembremos que cemitério é obra de pessoas vivas para homenagear seus mortos, mas as mensagens postas, as esculturas, as placas tem como objetivos os vivos que por ali passam.

Mais do que tudo os cemitérios – sejam eles quais forem – estão ligados às identidades de quem somos como um povo. O Cemitério Jardim da Saudade nos conta um pouco como as pessoas se veem enquanto moradores da zona norte (a relação mais direta tendo em vista a proximidade) e mais ainda, elabora também uma imagem dos londrinenses e da cidade de Londrina.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 2002.

IVANO, Rogério. Ruína e patrimônio ou as aporias da memória. IN: Revista Reflexões, v.1, n.1, 118-129, 2009

LUCA, T.R. História dos, nos e por meio dos periódicos. p-p 111 – 153. p.112. IN: PINSKY, C. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

NATIONAL REGISTER BULLETIN. Guidelines for evaluating and registering cemeteries and burial places. Washington, D.C., U.S. Department of the Interior.

SILVA. B.S.M. “Aqui jaz um pioneiro”: pioneirismo e memória no Cemitério São Pedro em Londrina – PR”. IN: SILVA. Z. L. VI Encontro do CEDAP – Preservação do Patrimônio e Democratização da Memória.

⁴⁰IVANO, Rogério. Ruína e patrimônio ou as aporias da memória. IN: Revista Reflexões, v.1, n.1, 118-129, 2009. p.123

Essa rua tem história:

Memórias e sociabilidades da Saul Elkind

O projeto “Essa rua tem história” surgiu do intuito de um grupo de pesquisadores em diversificar o olhar sobre a cidade e o espaço urbano. Descentralizar foi o verbo pensado. Queríamos sair das estruturas urbanas largamente estudadas no centro de Londrina e partir para a periferia, mas também pensar aqueles logradouros que por conjunções históricas foram marginalizados. Esse é o primeiro resultado de uma parceria profícua. Outros tantos virão ...

Os organizadores

Patrocínio



Apoio

